



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA

TEREZA SUYANE ALVES DE FRANÇA

DA COLABORAÇÃO À NOTÍCIA
O DISCURSO JORNALÍSTICO E A SUA RELAÇÃO DE PODER ENTRE O APP
COMUNIQ E O PORTAL NE10

NATAL/RN

2017

TEREZA SUYANE ALVES DE FRANÇA

DA COLABORAÇÃO À NOTÍCIA
O DISCURSO JORNALÍSTICO E A SUA RELAÇÃO DE PODER ENTRE O APP
COMUNIQ E O PORTAL NE10

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, área de concentração: Comunicação Midiática.
Linha de Pesquisa: Estudos da Mídia e Produção de Sentido.

Orientadora: Prof^a. Dra. Taciana de Lima Burgos.
Coorientadora: Prof^a. Dra. Josimey Costa da Silva.

NATAL/RN

2017

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas
Letras e Artes – CCHLA

França, Tereza Suyane Alves de.

Da colaboração à notícia: o discurso jornalístico e a sua relação de poder entre o App ComuniQ e o Portal NE10 / Tereza Suyane Alves de França. - 2017.
103 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, 2017.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Taciana de Lima Burgos.

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Josimey Costa da Silva.

1. Análise do discurso. 2. Jornalismo. 3. App Comuniq. 4. Portal NE10. I. Burgos, Taciana de Lima. II. Silva, Josimey Costa da. III. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 070

TEREZA SUYANE ALVES DE FRANÇA

**DA COLABORAÇÃO À NOTÍCIA
O DISCURSO JORNALÍSTICO E A SUA RELAÇÃO DE PODER ENTRE O APP
COMUNIQ E O PORTAL NE10**

Dissertação _____ em ____ / ____ / ____

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Taciana de Lima Burgos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Presidente / Orientadora

Prof^ª. Dra. Josimey Costa da Silva
Coorientadora

Prof. Dr. Allyson Carvalho de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Membro Interno

Profa. Dra. Karla Regina Macena Pereira Patriota Bronshtein
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
Membro Externo

Dedico a José.

Fonte de todo o meu amor, luz e razão dos recomeços.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que em todos os momentos da minha vida nunca me abandonou e sempre renovou minha fé na superação e na prosperidade. Ele que me deu discernimento para conduzir este caminho e forças para concluir esta etapa. Agradeço imensamente por ter colocado em minha vida as pessoas que aqui tenho o prazer de mencionar. Obrigado, meu Deus!

Agradeço hoje e sempre a minha família, em especial minha Mãe e minha irmã Tereza Geany, que nunca me permitiram paralisar diante de tantas dificuldades e desafios. Agradeço também a Dona Lourdes Torquato, pelo aconchego maternal em tantos momentos, tens a minha eterna admiração e respeito a toda sua família. Obrigado Deus, por meu filho José, sempre ao meu lado nesta trajetória, é a luz dos meus dias e me possibilita ter fé e ver coragem no amor.

Agradeço imensamente a Professora Doutora Taciana de Lima Burgos, atenta, compreensiva e motivadora, nunca me faltou com seu apoio e palavras de positividade sempre. Um ser humano brilhante que tem toda a minha admiração, carinho e respeito, foram dois anos de bastante aprendizado e uma feliz convivência. Que sua vida seja sempre de luz.

Sou grata a Professora Doutora Josimey Costa, por sua exemplar dedicação a docência e academicamente, por ter me feito crescer dentro e fora da sala de aula e do grupo de pesquisa Marginália. Tens o meu sincero agradecimento pela acolhida e saiba que sua generosidade muito me inspira a ser um ser humano melhor. Sinceras admirações e profundo respeito sempre. Desejo que nossos caminhos se cruzem em vários outros momentos.

Agradeço imensamente a todos os colegas da maravilhosa turma PPGEM 2015, em especial o grupo de Whatsapp que tantas vezes foi nosso melhor divã. Tenho certeza que foram anos intensos. Agradecimentos especiais às amigas incentivadoras em cada passo, Dayane Oliveira e Lívia Brasil. Aprendi demais com vocês meninas.

Agradeço a todos os professores e colaboradores do PPGEM e agradecimento especial a Jammal Singh, sempre disposto a solucionar dúvidas com um sorriso no rosto.

Por fim, sou extremamente grata a todos que me amam e que sem eles nada teria sido possível. Uma nova vida se manifestou em meu destino com a dedicação ao mestrado e consequentemente a vinda definitiva para Natal. Que este seja o início de tudo.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar o discurso jornalístico com a incorporação da informação colaborativa na construção dos seus enunciados. Estudamos, com base na análise de discurso à luz do pensamento de Michel Foucault, a influência de relações de poder na construção do discurso midiático em redes sociais digitais de colaboração e nas conexões que a mídia estabelece com a sociedade. Para tanto, analisamos o discurso de matérias factuais publicadas pelo Portal de notícias NE10, que foram construídas a partir de informações colaborativas, oriundas do aplicativo ComuniQ, ambos veículos de comunicação pertencentes ao Sistema Jornal do Commercio na cidade de Recife/PE. Utilizamos a análise do discurso como ferramenta teórico-metodológica para compreensão da argumentação da linguagem, além do método investigativo e interpretativo das informações disponíveis no aplicativo e as notícias no portal. Verificamos, primeiramente, que o fenômeno da participação do público tornou-se, em muitos casos, uma forma de sobrevivência e ampliação da audiência para alguns veículos de comunicação. Por outro lado, percebemos que o papel do jornalismo neste contexto, também encontra pressões para que seja remodelado e possa se adequar a potencialização da participação do público na captação de informações e produção de notícias, auxiliados pela expansão das tecnologias móveis digitais. No recorte específico, percebemos que a audiência conectada encontrou um vasto ambiente propício à interação, onde podem distribuir conteúdo e opinião, no entanto, não encontram semelhante liberdade e fala no Portal NE10 com o uso de seus conteúdos compartilhados.

Palavras-chave: Discurso. Jornalismo. Colaboração.

ABSTRACT

The present work aims to investigate journalistic discourse with an incorporation of collaborative information in the construction of its statements. We intend to study, based on Michel Foucault's discourse analysis and light of thought, an influence of some power relations in the construction of the media discourse in digital social networks of collaboration and in the connections that a fixed media in a society. To do so, we will analyze the discourse of other sources of information published by the NE10 News Portal, which were constructed from collaborative information, from the ComuniQ application, both communication vehicles belonging to the System Jornal do Comercio in the city of Recife / PE. We will use a discourse analysis as a theoretical-methodological tool to understand the language's argumentation, as well as the investigative and interpretive method of the information available in the application and the news on the portal. First, the phenomenon of public participation has become, in many cases, a form of survival and broadening of the audience for some media outlets. On the other hand, we perceive that the role of journalism in this context also finds pressures for it to be remodeled and can be adjusted to enhance the participation of the public in information capture and news production, aided by the expansion of digital mobile technologies. In the specific clipping, we noticed that the connected audience found a vast environment conducive to interaction, where they can distribute content and opinion, however, they do not find such freedom and talk in Portal NE10 with the use of their shared contents.

Keywords: Speech. Journalism. Collaboration.

LISTA DE FIGURAS

Figuras 1 – Imagens ilustrativas das timelines do aplicativo ComuniQ	18
Figuras 2 Imagens do aplicativo ComuniQ.....	19
Figura 3 – Aplicativo ComuniQ no smartphone com a colaboração de um usuário	22
Figura 4 – Página do site NE10 com aproveitamento de informações	27
Figura 5 – Página do site NE10	27
Figura 6 - Matéria publicada na página do Portal NE10.....	34
Figuras 7 – Continuação da matéria publicada na página do Portal NE10.....	35
Figuras 8 – Continuação da matéria publicada na página do Portal NE10.....	35
Figuras 9 – Página do site NE10 com aproveitamento de informações.....	38
Figuras 10 – Página do site NE10 com aproveitamento de informações.....	38
Figuras 11,12 e 13 - Timeline do aplicativo ComuniQ no smartphone	65
Figura 14 - Espaço do ComuniQ no Portal NE10.....	66
Figura 15 - Ainda no Portal NE10 – Página específica para visualização	66
Figura 16 - Na página do ComuniQ.....	67
Figura 17 - Na página do ComuniQ.....	67
Figura 18 - Na página do ComuniQ.....	68
Figuras 19 – Matéria publicada na página do Portal NE10	68
Figuras 20 – Matéria publicada na página do Portal NE10	69
Figuras 21 e 22 - Fotos e comentários postados por dois usuários no app	72
Figura 23 -. Matéria veiculada no site NE 10	73
Figura 24 - Continuidade da mesma matéria, em outro ângulo	73
Figuras 25 e 26 - Foto e Vídeo com legendas postados por um usuário no app.....	78
Figura 27 - Matéria veiculada no site NE 10	79
Figura 28 - Continuação da matéria veiculada no site NE 10.....	79
Figura 29 - Continuação da Matéria veiculada no site NE 10	80
Figuras 30 e 31 - Foto com legenda postada por um usuário no app.....	85
Figura 32 - Matéria veiculada no site NE 10	85
Figura 33 - Continuação da Matéria veiculada no site NE 10	85

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO PARA FOUCAULT	21
2.1 O CONCEITO DE DISCURSO EM FOUCAULT	21
2.2 DISCURSO E RELAÇÕES DE PODER EM FOUCAULT	29
2.2.1 Discurso, poder e mídia	35
2.3 CATEGORIAS FUNDANTES PARA A ANÁLISE DO DISCURSO EM FOUCAULT	43
2.3.1 A natureza fundante do discurso	43
2.3.2 A ordem do discurso	45
2.3.3 Vontades de Verdade	47
2.3.4 Subjetivação e produção de identidades	49
2.3.5 Materialidade discursiva	51
3 INFORMAÇÃO COLABORATIVA NO CONTEXTO DA CIBERCULTURA	54
3.1 A EMERGÊNCIA DO CIBERESPAÇO E DO CIDADÃO CONECTADO	54
3.2 A CULTURA DA PARTICIPAÇÃO	58
3.3 SOBRE O APP COMUNIQ.....	62
3.3.1 O ComuniQ no Celular.....	64
3.3.2 No momento da postagem	65
3.3.3 Visão geral.....	65
3.4 O COMUNIQ E O PORTAL NE10.....	66
4 ESTUDO DE CASO.....	71
4.1 APLICATIVO COMUNIQ E PORTAL NE10	71
4.2 ANÁLISES	72
4.2.1 Análise sobre a notícia - <i>Ambulantes fecham um dos sentidos da Avenida Conde da Boa Vista em protesto</i>	72
4.2.2 O dito no enunciado que acompanham as fotos no aplicativo ComuniQ	75
4.2.3 O dito no enunciado no Portal NE10.....	75
4.2.4 Análise do primeiro recorte.....	75
4.2.5 Análise sobre a notícia – <i>Moradores de Guabiraba interditam os dois sentidos da BR – 1014</i>	79
4.2.6 O dito no enunciado que acompanham as fotos no aplicativo ComuniQ	81

4.2.7 O dito no enunciado no Portal NE10.....	81
4.2.8 Análise do segundo recorte.....	82
4.2.9 Análise sobre a notícia – <i>Colisão entre carro e ônibus deixa homem ferido na paulista</i> ..	86
4.2.10 O dito no enunciado que acompanham as fotos no aplicativo ComuniQ	87
4.2.11 O dito no enunciado no Portal NE10.....	87
4.2.12 Análise do terceiro recorte	88
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	95
ANEXOS	99
ANEXO A- TERMO DE ADESÃO AO COMUNIQ.....	100
ANEXO B- CÓDIGO DE ÉTICA DO USUÁRIO COMUNIQ.....	103

1 INTRODUÇÃO

Apresenta-se aqui a compreensão sobre o debate a respeito da complexidade do discurso jornalístico e a sua relação de poder, diante da informação que, cada vez mais, parte do público em redes sociais digitais de colaboração. No entanto, abordar a mídia para analisar o discurso de informação e a sua manifestação intimamente ligada ao poder, não é tarefa fácil, visto que, o mundo das mídias, segundo Charaudeau (2015), tem a pretensão de se definir contra o poder e contra a manipulação.

Então, busca-se aqui analisar o discurso midiático, além da lógica econômica e tecnológica, já que nos interessa o simbólico, como uma máquina de regulação dos sentidos sociais que possibilita a construção de sistemas de valores. Apresenta-se aqui o compromisso, como pesquisadores em ciências humanas e sociais, de analisar e descrever mecanismos que configuram este simbólico por meio do discurso, assim como as diferentes configurações que o torna visível e propagável.

Para desenvolver essa investigação, utiliza-se uma abordagem, com base na análise de discurso à luz de Foucault (1995). Julga-se necessária esta abordagem inicial por considerarmos o discurso como ponto de articulação de toda a nossa pesquisa, a qual envolve jornalismo e produção da notícia no ambiente da cibercultura, estando vinculados aos processos ideológicos e ao funcionamento significativo desta relação.

Apresenta-se como parâmetro inicial estudos Foucaultianos que destacam as relações de poder e a formação do discurso entrelaçado em vontades de verdade¹. Tendo como base o método descritivo, que nos ajudou a detalhar e analisar a mídia em questão, esta pesquisa se trata de estudo de cunho qualitativo, já que propõe um exame que não se restringe a números, nem amostras ou quantificações, mas a recortes significativos de uma realidade em estudo.

Utiliza-se o recurso metodológico de estudo de caso para inserirmos nossas análises, assim como nos permite Michel Foucault a luz do seu modelo arqueogenealógico de pesquisa. Segue apresentando o segundo capítulo em que discute-se como o progresso das novas tecnologias mudou significativamente as relações entre sujeito e instâncias midiáticas, permitindo a ampliação da participação do público, inclusive na produção de sentido no atual ambiente da cultura de redes, da era digital e móvel. Também descrevendo e

¹ Em a Ordem do Discurso, Foucault (1996) fala sobre ‘vontades de verdade’ como um mecanismo de exclusão que se apoia em um suporte institucional para fazer vigorar uma vontade em meio social.

demonstrando o auxílio de figuras o funcionamento do aplicativo ComuniQ e do Portal NE10.

Analisa-se o discurso midiático que se apropria das informações colaborativas enviadas pelo público para a construção da notícia implicou em estudar a forma como o sujeito “constrói as representações de valores que subjazem as suas práticas, criando e manipulando signos e, por conseguinte, produzindo sentido” (CHARAUDEAU, 2015, p.16).

No entanto, a problemática parte de uma orientação, de um centro de poder e por isso a nossa análise aponta-nos distintas micro-relações de poder em um único suporte – o discurso.

O objeto de estudo é o discurso jornalístico formatado com o auxílio de informações colaborativas postadas em rede. A principal questão é: como o discurso jornalístico em formato de notícia no Portal NE10 legitima a informação colaborativa postada no aplicativo ComuniQ? Percebe-se que a participação do usuário do aplicativo é legitimada por meio do aproveitamento do seu conteúdo, mas como o discurso emitido pelo Portal NE 10 consegue inserir as manifestações discursivas deste público colaborativo?

Parte-se do pressuposto de que o Portal NE 10 trata a informação colaborativa vinda do público apenas dando privilégio as imagens e vídeos publicados, em detrimento as informações, postadas pelos usuários do aplicativo.

Sendo assim, tomamos os discursos jornalísticos como objeto de saber e de poder para tentar subjetivar os seus leitores. A hipótese é que a empresa trabalha com informação colaborativa no intuito de compensar a ausência de coberturas e flagrantes cotidianos, por parte da sua equipe profissional, e o discurso jornalístico não consegue inserir as falas dos usuários do aplicativo na efetiva construção da notícia.

Como apresenta Foucault (1979), o poder não deve ser considerado como um elemento do Estado, já que é preciso ter em mente que o poder é constituído por relações de força, constituindo verdades. Este é um trabalho que se insere da Linha de Pesquisa em Produção de Sentido exatamente por investigar a simbologia criada por meio do discurso e das micro-relações de poder entre a mídia e o público.

Intercambiando o pensamento Foucaultiano como o atual momento histórico em que a base de praticamente todas as relações se estabelecem através da informação e da sua capacidade de processamento, distribuição e de geração de conhecimentos, Castells (1999) lança em uma abordagem específica, embora complementar aos pensamentos de Foucault, exatamente no que ele denomina de “sociedade em rede”. Castells afirma que vivemos hoje

exatamente imersos nesta teia de ligações por meio de nós que formariam as redes e nos ajuda a caminhar por este cenário de relações entre sociedade, mídia, discurso e poder. Este tema também é analisado por Lévy (1999); Lemos (2015) que formulam uma ambiência atual para os indivíduos baseada na “cibercultura”, sendo, pois, estes espaços de interações propiciados pela realidade virtual, criada a partir de uma cultura informática.

Ao explicar o virtual, a cultura cibernética, em que as pessoas experimentam uma nova relação espaço/tempo, Lévy (2003) também utiliza a mesma analogia da “rede” para indicar a formação de uma “inteligência coletiva”.

Seria assim, a defesa de que todos os indivíduos têm a sua própria inteligência acumulada por meio de vivências pessoais e que esta deve ser respeitada, já que serve como um modo de interação social diante do ciberespaço, campo este, responsável pela emergência de um intercâmbio de ideias por meio de comunidades virtuais, cujo objetivo maior seria promover amplas conexões entre seus participantes.

Ao refletir sobre o lugar do jornalismo na construção e circulação de um discurso de poder em que utiliza o fenômeno da informação em colaboração agregada ao seu fluxo de mídia, Jenkins (2014) nos auxilia no entendimento desta cultura, cada vez mais, conectada em rede e que encoraja uma maior participação e colaboração dos envolvidos.

Essa mudança – de distribuição para circulação – sinaliza um movimento na direção de um modelo mais participativo da cultura, em que o público não é mais visto como simplesmente um grupo de consumidores de mensagens pré-construídas, mas como pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia de maneiras que não poderiam ter sido imaginadas antes. (JENKINS, 2014, p. 24).

Em um cenário onde os sujeitos/leitores são, cada vez mais, conectado e autônomo, estabelecer e fortalecer espaços de interação online tornou-se uma forma de sobrevivência e ampliação da audiência para diversos veículos de comunicação. O que nota-se são readaptações evolutivas potencializadas neste ambiente globalizado, que com a ampliação do acesso à rede internet e a diferentes conteúdos da web, favorecido pelos dispositivos móveis, não só a lógica de relacionamento entre consumidores e produtores de informação se altera, mas as estratégias de produção de sentido por meio do discurso também.

O aplicativo pesquisado é uma ferramenta de interação em que o usuário cadastrado pode compartilhar textos, vídeos, fotos e áudios, publicando flagras cotidianos sobre diversos temas, além de reclamações, informações de utilidade pública etc. Este modelo interativo de *socialcast* foi criado comercialmente para que as informações colocadas pelo

público pudessem reverberar no Portal NE10, e em alguns casos, serem adicionadas ao discurso jornalístico em matérias factuais relacionadas à cidade de Recife/PE. Tanto o aplicativo ComuniQ, disponível, para tablets e smartphones, como o portal NE 10, são veículos de comunicação vinculados ao Sistema Jornal do Commercio, tradicional conglomerado de comunicação pernambucano.

Ressalta-se que, na pesquisa por formatos que tivessem a participação de usuários virtuais, colaborando com matérias jornalísticas, este modelo citado se adequou de forma substancial como objeto empírico, por agregar em formato de rede social, a participação do usuário, por meio de uma ferramenta interativa, que mantém diálogo próximo com o jornalismo no sentido do seu aproveitamento.

Esclarecido este ponto fundamental para situar a pesquisa, mantém-se atento ao desenvolvimento e a popularização das redes digitais no meio social. Percebendo que a fronteira entre autor/leitor não se encontra fixamente demarcada como há alguns anos atrás e o tradicional fluxo de comunicação: emissor – meio - receptor, que parecia ser o modelo comumente aceito de comunicação, há muito tempo vem tomando outras proporções.

Consumidores estão aprendendo a utilizar as diferentes tecnologias para ter um controle mais completo sobre o fluxo da mídia e para interagir com outros consumidores. As promessas desse novo ambiente de mídia provocam expectativas de um fluxo mais livre de ideias e conteúdos. Inspirados por esses ideais, os consumidores estão lutando pelo direito de participar mais plenamente de sua cultura. (JENKINS, 2009, p. 46).

A questão da participação da audiência e a forma como o seu discurso é legitimado no discurso jornalístico é um ponto fulcral na nossa pesquisa. Assim, ousa-se debruçar sobre a análise do discurso jornalístico, de acordo com a perspectiva analítica foucaultina sobre discurso, para ampliarmos a ótica no sentido de vislumbrar as relações estabelecidas entre poder e jornalismo.

Embora Foucault não tenha dedicado em sua obra uma visão específica sobre o discurso jornalístico, tem-se muitas das suas contribuições que podem ser associadas a esta área e assim, serão trabalhadas na perspectiva de traçar um caminho teórico e metodológico.

Compreende-se os estudos foucaultianos como “um conjunto aberto/inacabado de práticas que se valem de diferentes métodos de pesquisa”, como aponta (VEIGA NETO, 2009, p. 92).

Assim, analisa-se o jornalismo como ao mesmo tempo produto e produtor da vida moderna, associado a toda uma rede de relacionamentos e ideias de racionalidade, emancipação, poder e regimes de verdade.

O jornalismo pode ser visto como ponto de aplicação de um regime de poder sustentado na visibilidade e na divulgação de um discurso, mediado por verdades ditas e não ditas, fundamentais para a produção de sentido. Enfim, trabalhamos a perspectiva do jornalismo como uma manifestação de um ‘micropoder’, como enuncia Foucault, que mantém estreito relacionamento social e merece análise e discussão.

Desta forma, além da ação reflexiva nos estudos de Foucault (1979,1987,1996,1995), para tratarmos do objeto deste estudo, utilizaremos também como base os conceitos de sociedade em rede de Castells (1999), cibercultura de Levy (1999) e Lemos (2015), cultura participativa, de Jenkins (2009, 2014) e também Shirky (2011), além de reflexões complementares como as de Cristina Ponte (2005) que reflete sobre análises de notícias jornalísticas, Chaparro (2007), Marcondes Filho (1989), sobre jornalismo e construção de notícias e Recuero (2011) que auxilia na compreensão do fenômeno das redes sociais. Estes são alguns dos autores que nos oferecem definições atuais e elucidativas no sentido de nos ajudar a compreender o cenário da comunicação digital interativa em que estamos inseridos.

Os devidos termos, suas definições e exemplificações serão detalhados posteriormente em capítulos próprios, mas a título de introdução, ressaltamos uma das premissas da cultura participativa, ponto também fundamental na nossa análise. Segundo Jenkins (2014):

Um sistema midiático é mais do que simplesmente as tecnologias que o suportam. A cultura instiga essas mudanças. A realidade do atual ambiente de comunicação é muito mais confusa do que qualquer uma dessas perspectivas pode identificar. O crescimento da comunicação em rede, especialmente quando associada às práticas da cultura participativa, cria uma diversidade de novos recursos e facilita novas intervenções para uma variedade de grupos que há muito tempo lutam para se fazer ouvir. (JENKINS, 2014, p. 20, 21).

Sendo assim, apoia-se na tríade jornalismo, cultura participativa e análise de discurso na pretensão de explicar, em linhas gerais, como o fenômeno da participação colaborativa de usuários online, tendo suas informações adicionadas ao discurso jornalístico, se instaura no cotidiano noticioso pernambucano e na conseqüente produção de sentido. Nosso objetivo em questão é analisar, com base nos estudos de Michel Foucault, o discurso jornalístico em notícias no Portal NE10 que tem a inserção de informações colaborativas, postadas via aplicativo ComuniQ, para compreender como se expressa o discurso colaborativo diante do poder do veículo de comunicação que o engloba na relação com o jornalismo.

Para tanto, realiza-se um estudo de caso, de informações postadas colaborativamente no aplicativo ComuniQ e o seu aproveitamento do Portal NE10, em análise o dito nos enunciados dos recortes escolhidos e busca a compreensão de pressupostos e subentendidos, com base nos estudos de Ducrot (1987). Sendo assim, o discurso construído por meio desta relação, se apresenta como nosso objeto de estudo que permitiu:

- a) Identificar se o discurso jornalístico legitima os papéis dos sujeitos colaboradores na informação, diante da ânsia de também participarem da construção da notícia;
- b) Diagnosticar até que ponto o Portal NE10 trabalha a informação colaborativa como apoio ao trabalho de sua equipe profissional contratada;
- c) Analisar como ocorreu a construção da notícia, diante da participação dos leitores, inclusive a proposta pelo aplicativo ComuniQ, suas particularidades, possibilidades e limitações, assim como a relação existente entre o App com o Portal NE10;
- d) Analisar o discurso jornalístico, sob a ótica Foucaultiana, em matérias previamente escolhidas no Portal NE 10 que tiveram como base o aproveitamento de informações colaborativas do aplicativo ComuniQ.

Para isso, leva-se em consideração a proposta de Charaudeau (2015), em que destaca que o discurso de informação é à base da democracia, algo que contribui decisivamente para que se instaurem na sociedade os vínculos sociais sem os quais não haveria sentimento de compartilhamento de identidades.

No entanto, partindo do pressuposto de que o universo da informação midiática e mais precisamente, da informação jornalística, não é um simples e transparente reflexo do que acontece no espaço público, mas sim um universo construído, em que cultura, poder e comunicação se entrelaçam, debruça-se neste trabalho sobre os efeitos de sentido que influenciam o olhar do outro e as escolhas de estratégias discursivas, dentro do jornalismo, que explícita ou implicitamente traduzem relações expressas de poder por meio do saber.

Mas, enfim, que tipo de poder estamos relacionando ao discurso jornalístico? A partir de uma teia de conceitos Foucaultianos a pretensão é mostrar neste trabalho a articulação entre poder e discurso e associar este recorte à construção do discurso nas narrativas jornalísticas que utilizam a informação colaborativa como base. Para isso, foi feito um percurso teórico a fim de apontar esses conceitos em Foucault e compreender como é percebida a verdade da notícia, através das práticas discursivas organizadas nos enunciados, sobre aquilo que é dito e especialmente o que não é exposto e o exercício do poder que sustenta a fina malha da informação. Vamos adentrar este campo.

Em conversa com Giles Deleuze (FOUCAULT, 1979, p. 75), declarou que, nossa dificuldade em encontrar as formas de lutas adequadas pode derivar justamente do fato de não sabermos ainda e exatamente o que é o poder.

Para ele, assim como tivemos que aguardar a chegada do século XIX para que conhecêssemos a exploração, talvez ainda não saibamos o que é o poder.

Seja como for, o conceito de poder desenvolvido por Foucault, não é algo que se possa possuir, porque não é um bem alienável do qual se possa ter a propriedade. Por isso, para o autor, qualquer que seja a sociedade, não existe divisão entre os que têm e os que não têm poder.

Sendo assim, Foucault afirma que “o poder sempre é exercido em determinada direção, com uns de um lado e outros de outro” (FOUCAULT, 1979, p. 75).

Ou seja, embora não haja um titular, um dono do poder, o poder é exercido sempre em determinado sentido, não necessariamente de cima para baixo. O poder, em outras palavras, não se possui, o poder se exerce ou se pratica.

Para Machado (1979) na introdução do livro *A Microfísica do Poder* em que fala sobre genealogia do poder, o autor descreve que para Foucault, o poder deve ser analisado como algo que circula e que funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como riqueza ou bem.

O poder funciona e se exerce em rede. Os indivíduos, em suas malhas, exercem o poder e sofrem sua ação. Segundo o autor, cada um de nós é, no fundo, titular de um certo poder e, por isso, também veicula o poder.

Foucault (1979) orienta que os poderes periféricos e moleculares não foram confiscados e absorvidos pelo Estado, não são necessariamente criados pelo Estado porque se trata de poderes exercidos por indivíduos, grupos, empresas, cientistas, comunicadores, etc. Os poderes se exercem em níveis variados e em pontos diferentes da rede social e neste complexo, os micro-poderes existem integrados ou não ao Estado e é preciso dar conta deste nível molecular de exercício do poder observando-o entrelaçado em rede, funcionando por meio de nós interligados.

Optamos por dividir esta investigação em três eixos principais e a intenção da produção dos capítulos seria marcar uma linha de pensamento que reflita o despertar dos pesquisadores sobre esta atual forma de distribuição da informação por meio de mídias interativas e digitais, com suas consequências, em especial, na compreensão dos sentidos que emergem destas ações.

Esta dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, faz-se pontuação reflexivas e também algumas exigências do método, numa abordagem teórica da análise do discurso jornalístico e a relação de poder existente com a utilização da informação colaborativa, vinda do público.

Parte-se dos primeiros aspectos conceituais sobre discurso em Foucault, permitindo assim uma compreensão das suas características, inclusive a relação destas com os saberes que perpassam o processo discursivo na mídia e por fim, elencamos categorias fundantes para a análise do discurso em Foucault, que nos serviu de base em importantes momentos da análise discursiva no estudo de caso.

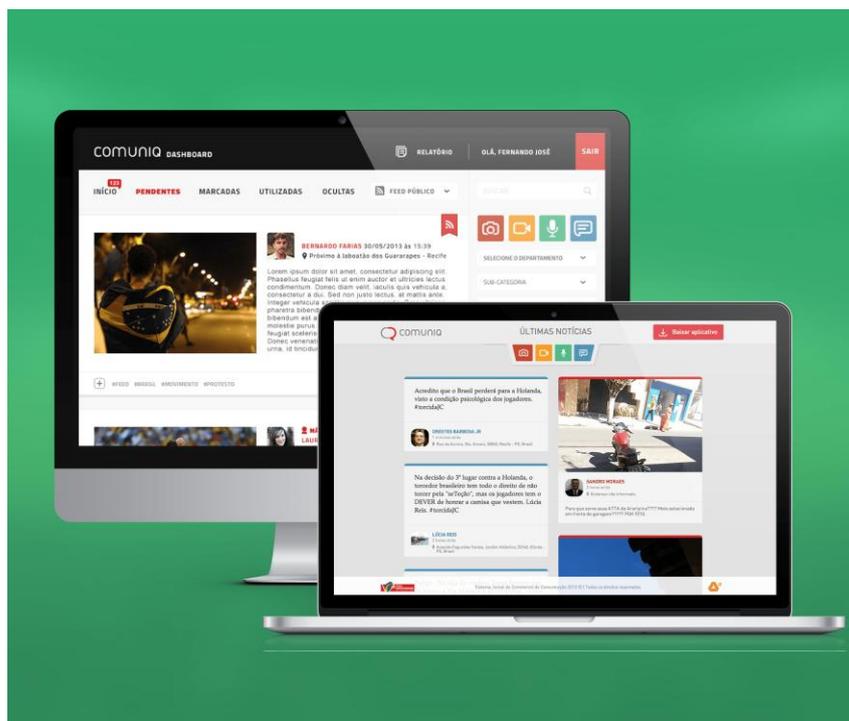
No segundo capítulo, contextualiza-se sobre o ambiente da cibercultura e da cultura da colaboração do público, por meio das mídias digitais online. Reflete-se sobre o discurso jornalístico e a sua relação com a participação do público, além do atual processo multidimensional da cibercultura e relações potencializadas por meio das tecnologias móveis digitais, portáteis e ubíquas. Ainda neste capítulo traz-se imagens e descrição dos nossos objetos de estudo em recortes significativos do Aplicativo ComuniQ e do Portal NE 10, mostrando também a relação entre eles.

Figuras 1 – Imagens ilustrativas das timelines do aplicativo ComuniQ no smartphone e no computador



Fonte: Página promocional do Google Play (2016).

Figuras 2- Imagens do aplicativo ComuniQ no smartphone e no computador.



Fonte: Página promocional do Google Play (2016)

No terceiro capítulo, faz-se a descrição de como o método de análise do discurso foi empregado sobre o objeto estudado, seguidos de uma lista de imagens ilustrativas das telas do *app* e das telas do Portal NE 10.

A coleta das matérias aconteceu entre os meses de maio e novembro de 2016 com acompanhamento diário, sempre no mesmo horário, por volta das 20h/20:30h, com descrição em banco de dados dos temas mais frequentes nas postagens diárias do *app* e consequentemente o acompanhamento do Portal NE 10.

Assim, há uma separação por enunciados e uma análise do dito e da significação em cada recorte em matérias específicas, escolhidas pela representatividade dos temas mais frequentes. Encerrando, apresenta-se as considerações da pesquisa.

2 SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO PARA FOUCAULT

Segundo Roberto Machado (1990), profundo conhecedor da obra completa de Foucault, em seus textos, o filósofo evita falar em método, assim, ao se referir, por exemplo, a genealogia, ele fala em “uma atividade”, uma “maneira de entender”, um “modo de ver as coisas” (MACHADO, 1990, p. 22). Da mesma forma, Veiga Neto (2009) diz que: “o que Foucault faz é uma análise das técnicas de subjetivação” e para isso, desenvolve uma noção de *techné* singular na compreensão do mundo.

Tudo isso nos aponta no sentido de compreender que lidamos nesta pesquisa com uma *techné* de investigação em análise do discurso, que segue o progressivo abrandamento do sentido tradicional que foi dado ao método, por Foucault, visto que supomos a inexistência de uma territorialidade metodológica definida neste autor, sustentáculo fundamental na análise central desta pesquisa. Portanto, trazemos aqui uma ambientação sobre o suporte teórico-metodológico deste trabalho e pontuações que julgamos fundamental para o auxílio no decorrer dos próximos capítulos.

2.1 O CONCEITO DE DISCURSO EM FOUCAULT

Segundo Brandão (2004) alguns dos conceitos colocados por Foucault (1995) foram bastante fecundos para todos os pesquisadores que se lançaram a estudar linguística visando o discurso. A autora coloca que Foucault concebe claramente os discursos como uma dispersão, isto é, como uma construção sendo formada por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade, por isso, cabe à análise do discurso descrever essa dispersão buscando o estabelecimento de regras capazes de orientar a formação dos discursos.

Tais regras, chamadas por Foucault de “regras de formação” possibilitariam a determinação dos elementos que compõem o discurso, a saber: os objetos que aparecem, coexistem e se transformam num “espaço comum” discursivo; os diferentes tipos de enunciação que podem permear o discurso; os conceitos em suas formas de aparecimento e transformação em um campo discursivo, relacionados em um sistema comum; os temas e teorias, isto é, o sistema de relações entre diversas estratégias capazes de dar conta de uma formação discursiva, permitindo ou excluindo certos temas ou teorias. (BRANDÃO, 2004, p. 32).

Entende-se desta forma, que a formação discursiva em sua singularidade, conforme propõe Foucault, seria exatamente a passagem da dispersão para, o que ele mesmo chama de

regularidade no discurso, e este se apresenta sempre dentro de um sistema de relações entre objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias.

Em seus estudos sobre análise de discurso, Benetti (2008, p.240) complementa tal entendimento e ajuda a esclarecer determinado ponto fundamental, sobre a formação discursiva, já que é por meio dela que conseguimos reunir o que está disperso ao longo do texto.

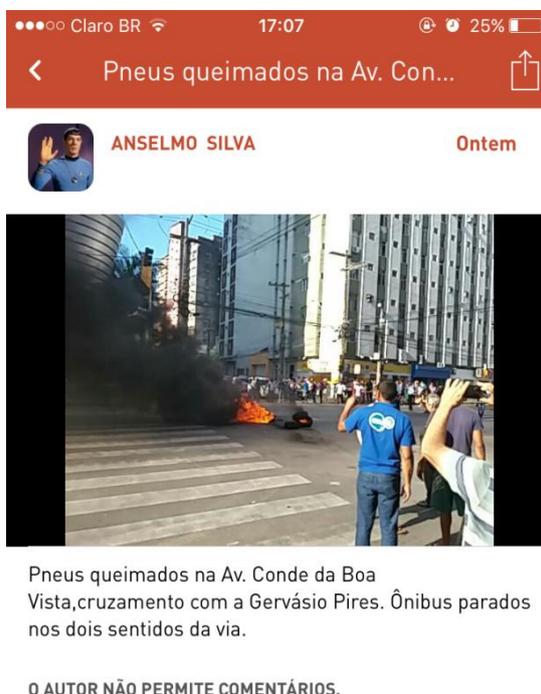
No entanto, ainda como destaca Benetti sobre esta afirmação, podemos dizer “disperso, mas nucleado pelo mesmo sentido”. A autora coloca da seguinte forma,

Basicamente, uma formação discursiva é aquilo que pode e deve ser dito, em oposição ao que não pode e deve ser dito, em uma posição dada e em uma conjuntura dada. Grosso modo, uma formação discursiva é uma região razoavelmente delimitada de sentidos que correspondem a uma determinada perspectiva ou ideologia e o sujeito se posiciona em um lugar para enunciar, já inscrevendo os sentidos naquela formação discursiva. A delimitação de uma formação discursiva se dá na relação com outras formações discursivas, em um movimento de tensionamento, complementação ou distinção. (BENETTI, 2008, p.28).

Tal colocação nos faz entender que a formação ideológica que corresponde à formação discursiva e sustenta a sua estrutura deve ser buscada pelo analista. Por exemplo, quando um padre católico que esteja em um debate sobre o casamento religioso, provavelmente este inscreverá sua fala em uma formação discursiva cristã católica, contrária à concepção de casamentos modernos que não seguem os dogmas da igreja, por isso, no caso do padre, estará sendo formado um discurso sobre aquilo que pode e deve ser dito, naquela posição de sujeito e naquela conjuntura.

O trabalho, tem como foco a formação discursiva construída, inicialmente por meio do público usuário de uma rede social e em seguida pelo texto jornalístico em um portal de informações. Mantem firmes a compreensão de que a formação discursiva nos ajuda a compreender o processo de produção dos sentidos e a relação com a ideologia sócio-histórica e por isso, determina o que pode e o que deve ser dito.

Figura 3 – Aplicativo ComuniQ no smartphone com a colaboração de um usuário no momento de um de acontecimento em que várias pessoas também registram o fato.



Fonte: ComuniQ (2016).

Trata-se de uma demonstração do que nos propõe Foucault (1995) a respeito da formação discursiva. Neste exemplo, temos a participação de um usuário do aplicativo ComuniQ, reunindo informações em formato de imagem, complementando com um texto rápido, preciso e informativo, certamente no intuito de facilitar a compreensão da abordagem e contribuir para o seu aproveitamento por parte do sistema de mídia tradicional detentora dos direitos da ferramenta colaborativa. Percebe-se ainda a relação discursiva, construída por meio dos enunciados também com o próprio sujeito, neste caso, um cidadão com uma postura colaborativa reforçada pelo discurso.

Para Foucault (1995) existem quatro características constitutivas do enunciado. Mas para entendermos o enunciado em sua singularidade, Machado (2009) afirma que o enunciado é uma função que possibilita que um conjunto de signos, formando unidade lógica ou gramatical, o qual se relacione com objetos, receba um sujeito possível, coordene-se com outros enunciados e apareça com uma materialidade repetível.

Para o autor, é pelo enunciado que existem as unidades de signos e por meio dele que se estipula a existência dos discursos. Machado afirma:

Não existe, portanto, incompatibilidade entre análise do discurso e descrição dos enunciados. Os discursos são analisados no nível do enunciado, e o que circunscreve, delimita e regula um grupo de enunciados é uma formação discursiva. (MACHADO, 2009, p. 152).

Sobre as características constitutivas do enunciado, sintetiza Brandão (2004), a primeira diz respeito à relação do enunciado com o que o Foucault chama de referencial. Ou seja, o referencial seria, “aquilo que o enunciado enuncia. A condição de possibilidade do aparecimento, diferenciação, desaparecimento dos objetos e relações que são designados pela frase”. (BRANDÃO, 2004, p. 33).

A segunda característica, diz respeito à relação do enunciado com seu sujeito. Para Foucault (1995), o sujeito é constituído, ao mesmo tempo em que constrói a realidade em que está inserido. Através do discurso o sujeito se constitui como construtor de uma realidade, modificando-a e sendo modificada por ela, constituindo uma sociedade que é reflexo desses discursos.

Brandão esclarece, que no caso de Foucault, diferente de demais autores clássicos que enxergam o sujeito, dentro da análise do discurso, como um ser determinado apenas pela estrutura do texto e não passa de um simples emissor, na análise foucautiana, pelo contrário, ele – o sujeito – é “atravessado” pelos discursos.

Sendo assim, a ideologia faz parte desta ideia de sujeito falante, ou melhor, a ideologia estrutura este sujeito como ser pensante e manifestante.

Assim, seguindo a linha que rompe com a ideia do sujeito, dentro do discurso, em uma abordagem ‘dessubjetivada’, Brandão afirma, “o discurso não é atravessado pela unidade do sujeito e sim pela sua dispersão; dispersão decorrente das várias posições possíveis de serem assumidas por ele no discurso” (BRANDÃO, 2004, p. 35).

Ainda sobre as características, Brandão destaca a terceira, a que diz respeito à existência de um campo adjacente, um ‘espaço colateral’, algo associado ao enunciado integrando-o a um conjunto de enunciados, já que, como aponta a autora, ao contrário de uma frase ou proposição, não existe um enunciado isoladamente, ele deve estar amparado em um contexto.

A quarta característica constitutiva do enunciado é aquela que trata da materialidade do enunciado. A própria autora destaca que para caracterizar essa materialidade, Foucault faz uma distinção entre enunciado e enunciação.

Esta se dá toda vez que alguém emite um conjunto de signos; enquanto a enunciação se marca pela singularidade, pois jamais se repete, o enunciado pode ser repetido. Hipoteticamente, enunciações diferentes podem encerrar o mesmo enunciado. No entanto, como a repetição de um enunciado depende de sua materialidade, que é de ordem institucional, uma frase dita no cotidiano, inserida num romance ou inscrita num outro tipo qualquer de texto, jamais será o mesmo enunciado, pois em cada um desses espaços, possui uma função enunciativa diferente. (BRANDÃO, 2004, p.36).

As ideias de Foucault sobre discurso marcam uma relação de prática que provém da formação de saberes por meio da expressão do sujeito e da formação discursiva por meio dos enunciados. Ressaltando esta questão, o enunciado em si não constituiria também uma unidade, pois ele se encontra na transversalidade de frases, proposições e atos de linguagem: ele é “sempre um acontecimento, quem nem a língua nem o sentido podem esgotar interiramente” (FOUCAULT, 1995, p.32).

Para Cassirer (1994) “o homem vive em um universo simbólico, a linguagem é parte deste universo e o sujeito depende do signo e do símbolo para designar o mundo”.

Portanto, compreendendo que o símbolo opera por analogia, porque representa algo, se coloca no lugar de algo e necessita de uma objetivação, Foucault descreve que não há um enunciado que não esteja apoiado em um conjunto de signos e que é preciso apreendê-lo como um acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar.

Para o autor, a simbolização permitirá situar o emaranhado de enunciados numa certa organização, ou melhor, numa certa formação discursiva. Para Foucault, interessa a sua condição de enunciado, seus quatro elementos básicos: um referente, ou seja, um princípio de diferenciação que tenha referencia a algo que identificamos; um sujeito, no sentido de posição a ser ocupada, alguém que pode efetivamente afirmar algo; um campo associado, isto é coexistir com outros enunciados do mesmo discurso ou de outros discursos complementares; e uma materialidade específica, por tratar de coisas efetivamente ditas, escritas, gravadas em algum tipo de material, passível de repetição ou reprodução, ativadas através de técnicas, práticas e relações sociais (FOUCAULT, 1995, p.133).

Neste caso, faz-se necessário destacar que ao demarcarmos uma formação discursiva, revelamos algo dos enunciados, já que para Foucault quando descrevemos um enunciado procedemos à individualização de uma formação discursiva, mas também nos apoiamos em um já-dito. Foucault (1995) compreende:

E que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um “jamais-dito”, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio do seu próprio rastro. Supõe-se, assim, que tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele recobre e faz calar. O discurso manifesto não passaria, afinal de contas, da presença repressiva do que ele não diz; e esse não dito seria um vazio minando, do interior, tudo que se diz. (FOUCAULT, 1995, p.28).

O autor também defende que a formação discursiva funcionaria como uma matriz de sentido e simbolização, onde os falantes nela se reconheceriam, porque as significações a eles parecem naturais. O que significa que estamos sempre obedecendo a um conjunto de regras, dadas historicamente, e afirmando verdades de um tempo. As coisas ditas, portanto, são radicalmente amarradas às dinâmicas de poder e saber de seu próprio tempo.

Desta forma, Fischer (1996) esclarece o conceito de prática discursiva para Foucault, que não se confunde com a mera expressão de ideias, pensamentos ou formulações de frases. Segundo a autora, exercer uma prática discursiva seria então, falar segundo determinadas regras e expor as relações que se dão dentro de um discurso.

Portanto, compreende-se que o conceito de prática discursiva vincula-se diretamente a ideia de que,

(...) um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 1995, p.136).

Sendo assim, ao nos perguntarmos por que isso é dito aqui, deste modo, nesta situação, e não em outro tempo e lugar, ou de forma completamente diferente? É investigar sobre as posições necessárias ao falante, para que ele efetivamente possa ser sujeito daquele enunciado.

Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo o indivíduo para ser seu sujeito. (FOUCAULT, 1995, p.109).

Em outras palavras, o autor sugere que ao analisar um discurso – mesmo que o documento considerado seja a reprodução de um simples ato de fala individual – não estamos diante da manifestação de um sujeito, mas sim nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, de origem inseparável do sentido, ele é, ao mesmo tempo, falante e falado, porque também através dele outros ditos se dizem.

Foucault (1979) postula algo que depois de Marx não nos atrevemos a questionar: o homem é inconcebível fora das relações sociais que o constituem e assim ele traça um caminho bem singular para a compreensão do sujeito.

Fischer (1996); Machado (2009), profundos estudiosos sobre Foucault, nos ajuda a compreender que quando Foucault trata da dispersão do sujeito no discurso, essa sua análise, tem estreita relação com o que ele chama heterogeneidade discursiva, ou seja: o sujeito fala e ao mesmo tempo é falado. Foucault multiplica o sujeito. A pergunta “quem fala?” desdobra-se em muitas outras: qual o status do enunciador? Qual a sua competência? Em que campo do saber se insere? Qual o seu lugar institucional? Como o seu papel se constitui juridicamente? Como se relaciona hierarquicamente com outros poderes além do seu? Como é realizada a sua relação com outros indivíduos no espaço ocupado por ele?

Também cabe indagar sobre o lugar de onde fala, o lugar específico no interior de uma dada instituição, a fonte do discurso daquele falante e sobre a sua efetiva posição de sujeito com ações concretas, basicamente como sujeito provocador e produtor de saberes.

Na verdade, Foucault (1995) falou disso desde o início de suas pesquisas e investigações em *A Arqueologia do Saber*, o mesmo assunto aparece para reflexão:

O discurso, assim concebido, não é uma manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos. (FOUCAULT, 1995, p.61-62).

Mas, como veremos mais adiante, se estamos ocupados com os discursos produzidos e veiculados pelos meios de comunicação, temos um problema específico para tratar: independente do entendimento imediato dos textos e da maior ou menos decodificação de frases ou imagens, o mais importante é compreender esse discurso no limite dos seus efeitos.

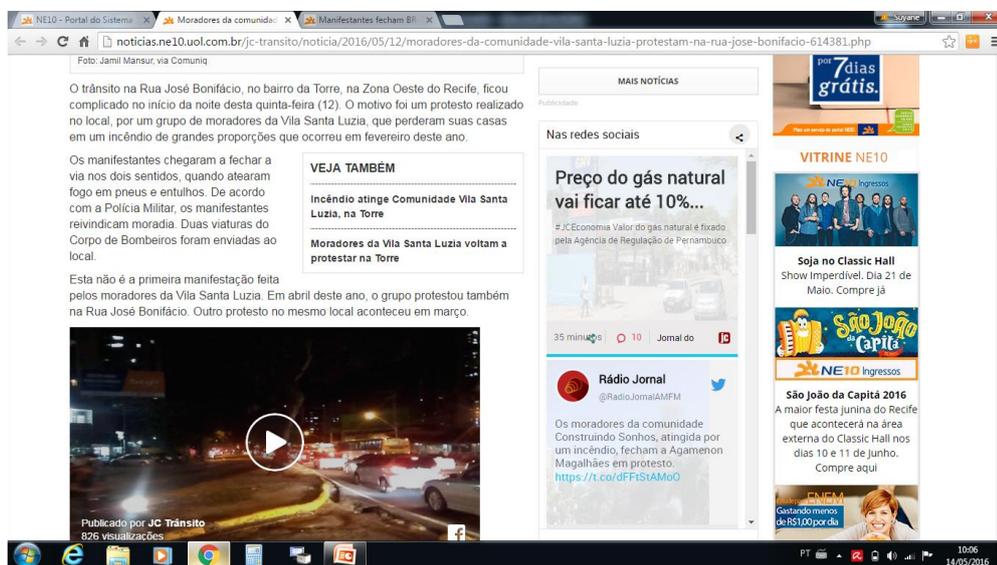
Segundo Foucault (1995), “cada formação discursiva entra simultaneamente em diversos campos de relações e entendimentos, e em cada lugar a posição que ocupa é diferente, dependendo do jogo de poderes em questão”. Acompanhem as imagens a seguir (Figuras 4 e 5) em que percebemos a posição da colaboração na formação discursiva do jornal por meio de informações coletadas por meio imagens e vídeos colaborativos.

Figura 4 – Página do site NE10 com aproveitamento de informações postadas via aplicativo ComuniQ



Fonte: Portal NE 10 (2016).

Figura 5 – Página do site NE10 com aproveitamento de informações postadas via aplicativo ComuniQ



Fonte: Portal NE 10 (2016).

Este exemplo sobre formação discursiva na página do site NE10 (Figuras 4 e 5) também nos auxilia a compreender o limite dos seus efeitos e nos possibilita visualizar o sujeito no discurso, na estreita relação com o que Foucault chama de heterogeneidade discursiva, em que o sujeito fala (a usuário do *app* com a sua colaboração) e ao mesmo

tempo é falado, por meio do aproveitamento do seu material informativo colaborativo em um novo discurso com novas percepções sócio-históricas e institucionais.

Neste ponto que chegamos sobre a compreensão dos trabalhos Foucaultianos que se debruçam sobre análise do discurso e as relações de poder, entendemos que o tratamento segundo o qual os discursos são transformados e incorporados não deve ser visto de modo compacto, como se estivéssemos em busca de uma totalidade definida e acabada, pelo contrário, é preciso considerar os diferentes momentos de enunciação e analisá-los criticamente como objetos vivos, que dinamiza e amplia o que por definição já é heterogêneo.

Brandão (2004) sintetiza bem o pensamento do autor quando destaca que, para Foucault, o discurso mantém uma articulação com outras práticas não-discursivas, que o conceito de formação discursiva tem seus elementos constitutivos regidos por determinadas regras de formação, dentre eles, ressalta a distinção entre enunciação e enunciado, que singulariza o discurso.

Em outras palavras, visando permitir uma interpretação, para Foucault (1995), a concepção de discurso é entendida como um “jogo estratégico e polemico. O discurso não pode mais ser analisado simplesmente sob seu aspecto linguístico, mas como um jogo estratégico de ação e reação (...) de dominação e de esquiva e também como luta” (BRANDÃO, 2004, p. 37). Como dissemos mais acima, a análise foucaultiana não procura o sentido verdadeiro, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica.

2.2 DISCURSO E RELAÇÕES DE PODER EM FOUCAULT

Segundo Benelli (2014), na idade média, provavelmente falava-se ou pensava-se pouco na questão do poder. Isso porque ele estava maciçamente nas mãos apenas da monarquia, dos barões e certamente da igreja. Para os cidadãos em geral, a submissão a ele era uma ideia natural, automática e inquestionável, podemos dizer que não era algo que o indivíduo comum esperasse que um dia pudesse exercer.

Com a ascensão do capitalismo, ainda havia a instância de poder com o governo e a autoridade religiosa, e surgia então o poder do mercador e depois de um tempo, do industrial. O trabalhador que ia diariamente para a fábrica executar o seu trabalho submetia, quase que a totalidade de sua vida, ao comando do seu superior, o proprietário, e mesmo assim, o pouco que lhe sobrava ainda era controlado pelo Estado e pela Igreja. Para a massa

silenciosa e muitas vezes até oprimida, a falta de poder era a ordem natural das coisas e assim o assunto não era discutido pela maioria, até porque só uma pequena minoria o exercia.

Ao contrário deste cenário, segundo Fontana (1998), podemos citar como exemplo o feito singular de um dos grandes pensadores como Marx (1818 – 1883) e o lançamento do livro ‘O Capital’ no ano de 1867, além de todo o contexto da época, que tornou-se um divisor de águas na forma de persuadir as massas trabalhadoras a refletir sobre a falta de poder e que a determinação a submissão não era algo natural ou inevitável e que o poder podia, de fato, ser conquistado.

Para Van Dijk (2008) atualmente, o tema poder tornou-se algo corriqueiro, não necessariamente por ser exercido de modo mais abrangente e eficaz do que há alguns anos antes, mas porque efetivamente um maior número de pessoas agora tem acesso à realidade do poder ou, a ilusão do seu exercício seja por meio da autoridade ou do discurso.

Segundo o autor, a realidade moderna é uma combinação de grandes concentrações organizacionais de poder e de grande difusão entre indivíduos que o exercem ou aparentam exercê-lo.

A concentração do poder ainda é, claramente, uma parte do cenário contemporâneo e se torna evidente na indústria, no Estado e no poder militar. Galbraith (1999), argumenta que os instrumentos pelos quais o poder é exercido e as fontes do direito para esse exercício estão inter-relacionados de maneira complexa.

Para ele, o poder é um assunto merecedor de indignação, já que assim, “o exercício do poder, a submissão de alguns à vontade de outros, é inevitável na sociedade moderna; nada se realiza sem ele”. (GALBRAITH, 1999, p.13).

Na visão de Galbraith (1999), ele também direciona o exercício do poder para as instancias midiáticas e afirma que é mais perigoso superestimar do que subestimar o poder dos atuais meios de comunicação e ressalta:

Não se deve minimizar o poder dos meios de comunicação de massa; na organização e no condicionamento social, combinam a grande fonte moderna e o grande instrumento moderno de poder. Não obstante, o poder da imprensa deve ser encarado numa perspectiva cuidadosa. (GALBRAITH, 1999, p. 184).

Ao lançar o olhar sobre o poder, nos deparamos com um universo de conhecimento que não se desprende de seu caráter eminentemente social. Inicialmente, abordando resumidamente as relações de poder que se estabelecem entre a sociedade nos últimos anos e pincelando o termo direcionado ao campo das mídias, adentramos então na reflexão que

norteia o nosso entendimento nesta pesquisa sobre poder e discurso, de acordo com a noção defendida por Foucault (1979).

A noção de Michel Foucault destaca que o poder, diferente da abordagem inicial deste capítulo, não depende de uma orientação de verticalidade, e sim, se configura em forma de uma rede, através do uso de estratégias e é algo acessível a todos. Os estudos de Foucault objetivaram compreender as articulações do poder com as questões relacionadas ao saber, assim como a construção do discurso e a sua relação com a sociedade.

Partindo da discussão de Foucault sobre a constituição deste tipo de poder a partir de saberes que perpassam o processo discursivo, é possível lembrar que em suas análises, como apresenta Machado (2009), Foucault não considera o poder como uma realidade que possua uma natureza, uma essência, que ele procuraria definir por suas características universais.

Para ele: “não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação” (MACHADO, 2009, p.10).

Ou seja, para Foucault o poder não pode ser considerado como um objeto, uma coisa, mas sim como uma prática social e como tal, ser constituída historicamente.

Em sua obra, o que aparece como evidente é a existência de formas de exercício do poder diferentes do âmbito do estado, no entanto, esta mesma forma de poder está a ele articulada de maneiras variadas e que são indispensáveis, inclusive para a sua sustentação e atuação de forma eficaz.

Para Foucault, o aparelho do estado é um instrumento específico de um sistema de poderes que não se encontram unicamente nele localizado, mas o ultrapassa e o complementa, numa relação paradoxal, como é típico dos pensamentos foucaultianos. A ideia básica do seu pensamento é de mostrar que as relações de poder não se passam, fundamentalmente, nem ao nível do direito, nem da violência, nem da hierarquia imposta pelo Estado, isso porque nem são contratuais nem unicamente repressivas. Machado (2009) enfatiza:

Todo conhecimento, seja ele científico ou ideológico, só pode existir a partir de condições políticas que são as condições para que se formem tanto o sujeito quanto os domínios do saber. A investigação do saber não deve remeter a um sujeito de conhecimento que seria sua origem, mas a relações de poder que lhe constituem. Não há saber neutro. Todo saber é político. E isso não porque cai nas malhas do Estado, é apropriado por ele, que dele se serve como instrumento de dominação, descaracterizando seu núcleo essencial. Mas porque todo saber tem sua gênese em relações de poder. (MACHADO, 2009, p. 21).

Adentrando um pouco mais nos elementos para uma discussão teórica e metodológica sobre o conceito de discurso e poder em Michel Foucault e as respectivas contribuições para esta pesquisa, avançamos a partir de agora, em alguns conceitos relacionados à teoria Foucaultina que destacam a articulação entre poder e discurso e a importância do pensamento de Foucault em que tudo isso coopera para a produção de sentido.

Desta forma, não se trata de explicar, resumir ou aplicar os conceitos elaborados por Foucault, mas sim compreender a natureza do discurso em suas reflexões e a partir deste momento, articular os conceitos na produção dos sentidos, na constituição dos sujeitos, nas relações entre os saberes e os poderes.

Segundo Fischer (1996), para Foucault, no entendimento do discurso, nada há por trás das cortinas, por debaixo do pano, nem sob o chão. Em seu entendimento, há enunciados e relações. E são exatamente estes que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria exatamente dar conta disso: de relações históricas, de práticas, na medida em que são produções sociais, políticas, em que as palavras são também construções e a própria linguagem também é constitutiva de práticas e demonstração de poderes.

Na verdade, o autor falou sobre isso desde o início de suas investigações em *A Arqueologia do Saber* (1995, 4. ed.), em forma de reflexão sobre o trabalho realizado e sobre os projetos futuros:

(...) gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, em uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. (...) não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse *mais* que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1995, p.56).

Na verdade, com base nas palavras do autor e na síntese sobre o mesmo, proposta por Fischer (1996), compreendemos que tudo é prática e relações em Foucault e tudo está imerso em relações de poder e de saber. Neste sentido, a autora aponta que o discurso ultrapassa a simples referência das “coisas”, existe para além da mera utilização de letras, palavras e frases, não pode ser entendido como um fenômeno de mera expressão de algo,

apresenta regularidade intrínseca a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria.

É esta regularidade intrínseca, seria então este ‘mais’ que o autor menciona, sugerindo que seja descrito e apanhado a partir do próprio discurso, já que as regras de formação dos conceitos, segundo Foucault, “não residem na mentalidade nem na consciência dos indivíduos, pelo contrário, elas estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um determinado campo discursivo”, (FOUCAULT, 1995, p.70).

Como foi visto no início deste capítulo, “chamaremos de discurso um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 1995, p.135).

Essa é uma das inúmeras definições de discurso, presentes na obra *A Arqueologia do Saber* e em quase todas as formulações Foucault refere-se ao discurso como “número ilimitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência”, ou como “domínio geral de todos os enunciados”, “grupo individualizável de enunciados”, “prática regulamentada dando conta de um certo número de enunciados” – são algumas das definições (FOUCAULT, 1995, p.90 e 135).

É certo que a ideia contida nas expressões anteriores é básica para entendermos a definição de enunciado como função de existência e como o discurso do poder se apresenta. Para que se possa compreender as relações de poder estabelecidas no discurso Foucault também aborda, em uma de suas obras bastante conhecidas, as noções de vigilância e controle.

No livro *Vigiar e Punir*, Foucault (1987), o autor reforça a ideia do controle pela instituição do medo, do temor e da insegurança. No entanto, podemos assim também apontar diversas e distintas formas de micro-relações de poder nesta obra, independente do suporte que utiliza, a partir da concepção da utilização do poder disciplinar de maneira inconsciente, e porque não dizer, na forma de discurso?

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem a função maior de ‘adestrar’; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utiliza-las num todo. (...) ‘Adestra’ as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnicas específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. (FOUCAULT, 1987, p. 143).

Já dissemos anteriormente que Foucault não considera o poder como um elemento exclusivo do Estado, mas ele é constituído por relações de força, formando verdades e levando em conta as implicações que isto significa. Lopez; Dittrich (2004) argumentam que se as relações de poder para Foucault, não são determinadas por relações de força nos mais diversos níveis, é possível dizer que o discurso, incluindo até mesmo o discurso jornalístico, é um dos principais instrumentos de inserção de noções de verdade na realidade social em que se insere. Sendo assim, são micro-relações existentes em sociedade e/ou nos grupos em que se enquadram.

Para eles, o discurso, segundo Foucault, pode ser interpretado de distintas maneiras, assim como as consequências que ele gera no cotidiano social. Para os autores:

A perspectiva repressiva do discurso, por exemplo, é determinante para a eficácia da sua intencionalidade, permitindo ou evitando a formulação de verdades e/ou mentiras determinadas, geradas pelos efeitos de poder (...) A cada dia mais, a mídia transforma-se em um instrumental de poder. (LOPEZ; DITTRICH, 2004, p. 06).

Quando tratamos de poder e de discurso, torna-se uma relação possível à associação destes termos com a mídia segundo a noção de poder para Foucault. Isso porque a cada dia a mídia vem se transformando em um importante instrumental de poder na sociedade, assim como os próprios sujeitos/leitores, cada dia mais participativos e conectados, também travam uma relação de micro poderes em que ambas as esferas buscam se legitimar e mostrar suas estratégias de instituição e manutenção do poder que detém, a cada dia, se fortalecendo mais. Não poderia ser diferente, estas relações de força, que podem se dar de maneira eficaz no campo do discurso existem porque sabem valorizar este importante elemento no jogo do simbólico social e desta forma buscam a chance de se apoderar.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 1996, p.10).

É correto afirmarmos que, em muitos casos, em especial sobre determinados assuntos, geralmente polêmicos e de grande apelo social, o convencimento pode se dá por meio dos meios de comunicação, das mídias de grande alcance, certamente por meio de suas estratégias discursivas que podem ser identificadas a luz da análise do discurso com base

nos estudos de Foucault e a noção de poder para o mesmo, tendo como base a sua teoria e metodologia, que caminham juntas.

2.2.1 Discurso, poder e mídia

Mantendo-nos fiel a discussão proposta por Foucault sobre a constituição do poder a partir de saberes que perpassam o processo discursivo, é possível lembrar dos saberes que são veiculados pela mídia sobre a realidade cotidiana.

É na relação de construção da realidade a partir do discurso que se estabelecem relações de poder entre mídia e sociedade. Para Lopez; Dittrich (2004), no que diz respeito ao controle, nos meios de comunicação, pode-se discutir duas vertentes: o controle da mídia e o controle pela mídia.

Para os autores, quando a mídia tem o controle de uma determinada situação, busca mantê-lo, essencialmente através do convencimento dos interlocutores, da transmissão de sua ideologia, que, quando aceita pelos receptores, auxiliará no processo de manutenção de uma estratégia de poder vigente. Em destaque um exemplo de como isso se aplica no nosso objeto de estudo.

Figura 6 - Matéria publicada na página do Portal NE10 com aproveitamento das informações colaborativas do aplicativo ComuniQ.

The screenshot shows the NE10 website interface. The main article is titled "Trem quebra na Linha Sul e tempo de espera dobra no Metrô do Recife" under the "Transporte" category. The article is dated 13/04/2015. Below the article title are social media sharing buttons for Twitter, Facebook (Recomendar 200), and Google+ (0). To the right of the article are several sidebars: a "Publicidade" section with a green advertisement for "Tudo sobre o ENEM e vestibulares. VESTIBULAR" by GGE; a "VITRINE NE10" section with a blue advertisement for "NAGEM" featuring "GRANDES MARCAS, GENTE DE CONFIANÇA"; and a "DESTAQUES" section with two news items: "Temer sanciona lei que torna vaquejada manifestação e patrimônio cultural" and "Em resposta ao STF, Maia cria comissão especial para discutir aborto". At the bottom right, there is a "Hotéis? trivago" advertisement for Utrecht hotels starting at R\$182.

Fonte: Portal NE 10 (Captura de tela no ano 2016).

Figuras 7 – Continuação da matéria publicada na página do Portal NE10 com aproveitamento das informações colaborativas do aplicativo ComuniQ.

ne10.uol.com.br/jc-transito/noticia/2015/04/13/trem-quebra-na-linha-sul-e-tempo-de-espera-dobra-no-metro-do-recife-541582.php

manifestação e patrimônio cultural

Em resposta ao STF, Maia cria comissão especial para discutir aborto

Assembleia homenageia personalidades com Medalha Leão do Norte

É OFICIAL: Netflix liberou conteúdo offline

MAIS NOTÍCIAS

Publicidade

+ lidas

+ACESSADAS +COMENTADAS +TAGS

- 1 Diretor de hospital divulga estado de 3 sobreviventes do acidente da Chapecoense
- 2 Sobreviventes relatam os minutos finais antes do acidente da Chapecoense
- 3 Mãe de Cleber Santana soube de acidente pela televisão
- 4 Criança de 2 anos morre após estante desabar em hotelzinho em Caruaru

Assine: **JC**

VITRINE NE10

Fonte: Portal NE 10 (Captura de tela no ano 2016).

Figuras 8 – Continuação da matéria publicada na página do Portal NE10 com aproveitamento das informações colaborativas do aplicativo ComuniQ.

plataformas cheias.

Para os passageiros que seguiam no sentido contrário, no entanto, era de três minutos.

De acordo com a Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU), não houve paralisação na linha, mas uma desregulação entre as 7h45 e as 8h, que acabou impactando os usuários. [Passageiros reclamaram usando o ComuniQ](#)

No momento em que o trem quebrou, havia oito trens em circulação na Linha Sul, passando para sete após o recolhimento do trem. Normalmente, seis trens circulam na linha das 5h às 6h30, passando para nove às 6h30 e voltando aos seis a partir das 8h30.

Para compensar os transtornos gerados, a CBTU colocará mais dois trens e passa a recolher os que já estão em circulação às 8h30, ampliando o horário de pico em meia hora.

MAIS PROBLEMAS - O VLT - veículo leve sobre trilhos - também quebrou esta manhã e ficou sem circular por duas horas, das 6h30 às 8h30. O defeito mecânico foi na estação Pontezinha, no Cabo de Santo Agostinho. No momento em que outro veículo foi rebocá-lo, não foi possível fazer a acoplagem.

Segundo a CBTU, cerca de 200 pessoas foram afetadas. Morador do Cabo, Geraldo Pereira acabou desistindo de pegar o VLT para chegar ao Recife de ônibus após esperar por uma hora na estação Santo Inácio. Por dia, são 34 viagens, com 50 minutos de intervalo e transportando 4 mil pessoas.

PALAVRAS-CHAVE:
transporte metrô jc trânsito linha sul

3 Mãe de Cleber Santana soube de acidente pela televisão

4 Criança de 2 anos morre após estante desabar em hotelzinho em Caruaru

5 Aborto nos três primeiros meses de gravidez não é crime, decide Turma do STF

Assine: **JC**

VITRINE NE10

TAMANDARÉ FEST

Tamandaré Fest 2017
O Maior evento do Verão pernambucano está de volta em 2017. As melhores atrações do Brasil estarão presentes. Compre já

REVEILLON MARACA Style

Réveillon Maraca Style
Um réveillon a beira mar da praia paradisíaca de Maracáipe, ao som das melhores atrações!

A SUA NOVA VAGA DE EMPREGO PODE ESTAR AQUI. PROCURE AGORA MESMO.

NE10 Empregos

1.8.1 LB3272 - Roxo Transparente - C2/52 - Óculos de...
R\$80,60
Shop now!

It Eyewear Pureté R10 - Caramelo - C24 - Óculos de Grau
R\$75,42
Shop now!

It Eyewear Chic R5 - Tartaruga/Amarelo - C71 - Óculos...
R\$56,57
Shop now!

Fonte: Portal NE 10 (Captura de tela no ano 2016).

Neste último exemplo, como mostram as Figuras 6,7 e 8, o Portal NE 10 destaca em uma de suas notícias jornalísticas, também desenvolvida com base na colaboração fotográfica do usuário do ComuniQ - Dinaldo Neto, uma menção clara, dentro do texto noticioso, ao Aplicativo ComuniQ, declarando a relação entre os dois veículos de comunicação dado o trecho em destaque – *Passageiros reclamam usando o ComuniQ*.

Este foi um registro singular percebido, uma única vez, durante os 6 (seis) meses de pesquisa, no entanto, vale destacar que a notícia é referente ao ano de 2015, encontrada apenas pelo mecanismo de busca por palavras-chaves, na fase inicial da pesquisa com exploração dos conteúdos do Portal e as referências textuais do mesmo ao *app* ComuniQ, extra citações em créditos fotográficos e/ou audiovisuais. O próprio veículo de comunicação reforça em seu material, através da informação, saberes que perpassam o processo discursivo, fortalecem o poder do vínculo com o social e busca perpetuar esta relação cotidiana.

Lopez; Dittrich (2004) destacam o fato do poder ter uma estreita relação com a dominação, com o controle dos grupos sociais e, conseqüentemente, com a regulamentação das relações, contatos e negociações que se dão entre eles. Para nos amparar nesta discussão, seguimos a teoria de Foucault sobre o poder (1979, 1995 e 1999) que nos instiga a estender suas análises também ao que se observa em relação à mídia. Isto porque os dispositivos de poder, de saber e verdade atuam, seja nos discursos, seja nos mecanismos de controle exigidos para a manutenção de situações de dominação. Sabemos que os discursos veiculados pela mídia influenciam o modo como a sociedade vê e percebe a realidade, isso também porque ela se coloca como um espelho da realidade. Entretanto, a realidade cotidiana é multifacetada, portanto, a face mostrada pela mídia salienta uma forma de dominação e condicionamento das visões populares.

A autoridade que é conferida aos veículos de comunicação, ou a mídia de forma geral, passa a impressão de que representa a opinião pública na sociedade e isso lhe permite emitir discursos que são autorizados pelo próprio papel que representa no meio social. Aqui estamos nos referindo à mídia tradicional, que alcança o maior número de pessoas, não necessariamente incluindo modelos midiáticos que buscam o caminho inverso, alternativos, contra a ideologia dominante tradicional.

Trata-se de pensar o poder midiático dentro de uma forma de poder que joga com as possibilidades de influenciar e seduzir um público, assim como modificar e transformar comportamentos, legitimar movimentos e promover decisões.

É pertinente notarmos que o poder da mídia faz funcionar mecanismos de projeção e identificação, agindo sobre o imaginário coletivo, lidando com estratégias usadas para a criação de um real no qual alguns fatos são selecionados e outros excluídos.

Segundo Fischer (1996), a mídia, ao mesmo tempo em que, é um lugar de onde varias instituições e sujeitos/leitores podem falar – como veículo de divulgação e circulação dos discursos considerados verdadeiros em nossa sociedade – também se impõe como criadora de um discurso próprio. Pensando assim, poderíamos dizer então que hoje, praticamente, todos os discursos sofrem uma mediação ou um reprocessamento através dos meios de comunicação.

Como exemplo, façamos um recorte para lembrarmos o discurso político na época de eleições, ou seja, atualmente, nenhum candidato, nenhum partido prescinde do uso incalculável da imagem, do marketing, da necessidade de ser notícias, de estar em evidência positiva nos meios de comunicação. Esta concepção também é válida, como mesmo já apontou Foucault em vários dos seus estudos, para tantos outros campos, como o médico, o religioso, o institucional e assim por diante, sem falar da importância do discurso naquelas áreas que praticamente são movidas pela mídia como a moda, a música, a arte, por exemplo.

Sem duvida, está em jogo nesse ambiente multi-discursivo que permeia as relações sociais, uma luta pela imposição de sentido, luta entre vários discursos na conquista de espaços. Foucault situa esta relação como,

(...) um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas “aplicações práticas”) a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política. (FOUCAULT, 1995, p. 139).

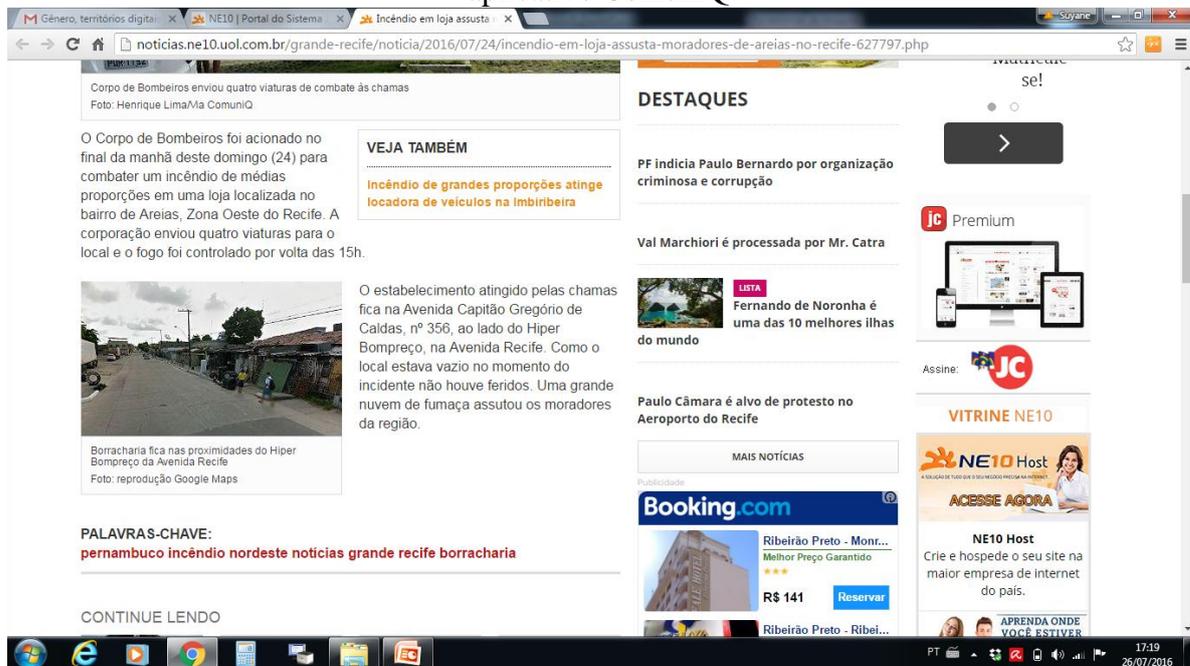
Mesmo não tendo destacado em sua obra um espaço dedicado ao pensamento do discurso da mídia, ou melhor, do discurso jornalístico, Foucault, como sintetiza algumas das ideias desenvolvidas por Machado (2009), fez várias críticas ao campo. Para ele, a prática jornalística se configura como a invenção fundamental do século XIX e se refere ao jornalismo como manifestação radical do poder utópico da prática do olhar, um campo do saber e do poder.

Figuras 9 – Página do site NE10 com aproveitamento de informações postadas via aplicativo ComuniQ



Fonte: Portal NE 10 (2016).

Figuras 10 – Página do site NE10 com aproveitamento de informações postadas via aplicativo ComuniQ



Fonte: Portal NE 10 (2016).

Deste modo, Foucault nos ajuda a pensar o discurso da mídia e do jornalismo, como mostrado neste último exemplo, assim como as relações de poder existentes nesse processo, quando afirma que “não devemos ter medo de pensar o outro no tempo do nosso próprio pensamento”, diz Foucault (1995) na célebre introdução de *A Arqueologia do Saber*.

O autor aponta ainda que o caminho para a análise não é buscar, indefinidamente, um ponto originário e saber onde tudo começou. Assim como no recorte da página do site NE10 (Figuras 6 e 7), as datas e locais que fixamos não significam pontos de partida nem dados definitivos; são, antes, referências ligadas às condições de produção de um dado discurso, que se enuncia diferente, que é outro em cada instante.

Ainda segundo Fischer (1996), não se trata, de forma alguma, de fazer uma interpretação cronológica nem de ir situando os elementos como se fosse possível uma sequencialidade. Para Foucault, uma coisa é tratar de domínios como os de atualidade, memória e antecipação; outra é afirmar que há um antes – agora – depois, disposto numa linearidade fundamental. Aqueles domínios, considerados e operacionalizados, permitirão caracterizar o que se repete, o que instaura rupturas, o que se transforma, o que está nas fronteiras de um determinado tempo.

Segundo Foucault (1995), para o analista, é importante observar, como anunciamos, que modificação dos enunciados implica a existência de um acúmulo, de uma memória, de um conjunto de já-ditos. Sobre este tecido constituído pelo discurso com base nos estudos de Foucault, Fischer (1996), acrescenta,

(...) os enunciados, depois de ditos, depois de instaurados numa determinada formação, sofrem sempre novos usos, tornam-se outros, exatamente porque eles constituem e modificam as próprias relações sociais. Descrevendo, portanto, esse universo de diferenças, damos conta da formação e da transformação dos discursos, que é o objetivo principal da análise. (FISCHER, 1996, p.219).

Neste sentido, encontramos apoio para a contribuição dos conceitos de pressupostos e subentendidos na prática da análise discursiva. Em breves linhas sobre a semântica argumentativa, Lopez; Dittrich (2004), se a semântica é vista como uma das ciências que realiza os estudos dos significados, como apresentam inúmeros autores, é importante que seja considerada nos estudos da mídia, predominantemente a semântica argumentativa, com base no que trata Oswald Ducrot.

No entanto, nesta pesquisa não nos aprofundaremos nas teorias ducrotianas que tratam das categorias enunciativas, do silenciamento discursivo, dos pressupostos e subentendidos, mas recorreremos a alguns dos seus entendimentos sobre os ditos e o sentido

construído em um enunciado, como forma de diálogo e inter-relação com o que nos propõe Foucault. Encontramos articulação entre os dois pensamentos quando o autor coloca:

Para mim, a pressuposição é parte integrante do sentido dos enunciados. O subentendido, por sua vez, diz respeito à maneira pela qual esse sentido deve ser decifrado pelo destinatário... A pressuposição é, então, um elemento de sentido – se se considera o sentido como ação de propor, como uma espécie de retrato da enunciação. Dizer que pressuponho X, é dizer que pretendo obrigar o destinatário, por minha fala, a admitir X, sem por isso dar-lhe o direito de prosseguir o diálogo a propósito de X. O subentendido, ao contrário, diz respeito à maneira pela qual esse sentido é manifestado, o processo, ao término do qual deve-se descobrir a imagem que pretendo lhe dar de minha fala. (DUCROT, 1987, p.41/42).

Para o autor, existem sentidos múltiplos na constituição do discurso e é preciso reconhecer-lhes as várias direções que se abrem e se fecham numa enunciação entre o explícito, o dito – incluindo comentários do dizer – a produção e a reprodução dinâmica das imagens de um fazer e também o implícito, “este que desconstrói o símbolo para limitar-lhe a ilusão do real e de suas representações” (DUCROT, 1987).

Notadamente a percepção de Ducrot nos ajuda a visualizar a análise de elementos fundamentais no recorte desta pesquisa, desde os enunciados nas notícias, até os comentários dos usuários e as imagens em formato de fotografia e vídeos, como foram utilizados neste trabalho.

Desta forma, assim como diversos outros autores, é inegável a contribuição de Ducrot para esta pesquisa, mais precisamente o uso de suas reflexões para suporte a análise discursiva, embora tratemos de um pequeno recorte da grande obra deste autor, no intuito de nos fortalecer em argumentos que sustentem uma análise de discurso baseada no entendimento do enunciado e da significação construída por meio de frases em que, de fato, nem todos os conteúdos comunicados são explícitos.

Para Lebler (2016) Ducrot (1987) não relaciona em sua obra sobre teoria da argumentação na língua a questão da fala e do poder no percurso em que apresenta como os pressupostos e subentendidos são compreendidos em meio aos enunciados, no entanto, ela destaca a consciência do autor sobre a necessidade de implicação de conteúdo. Segundo ela,

Deve-se a diferentes razões, apontadas por Ducrot (1987) como a existência de determinados tabus linguísticos (há temas ou palavras sobre os quais não é permitido fazer menção explícita); a restrição quanto àquilo que o locutor tem autorização para falar; ou, ainda, a autoridade exercida ou não pelo locutor (há determinados tipos de relação intersubjetiva nos quais o locutor não tem autorização para tratar de determinados assuntos ou colocar o interlocutor em uma dada situação jurídica – dar-lhe uma

ordem, fazer-lhe um pedido ou sugerir-lhe um comportamento). (LEBLER, 2016, p.297-298).

Por isso, tanto o pressuposto como o subentendido, na visão do autor, são descritos a partir de relações enunciativas que geram saberes e entendimentos, por meio da significação literal e ao mesmo tempo da significação implícita. Retomando a linha de pensamento anterior onde fazemos relação com os estudos de Ducrot (1987), é indiscutível que para Foucault a questão do poder é intimamente relacionada com a produção de determinados saberes.

Em *Microfísica do Poder* (1979), a ideia básica do referido autor é a de mostrar que as relações de poder acontecem fundamentalmente nos ambientes micro, onde existe poder, e ele se exerce.

Ele pensa numa microfísica do poder, em um poder micro. Então surge a nossa indagação: onde está o poder? E em resposta Foucault mostra que o poder esta em todo lugar. Nas mínimas relações do cotidiano, embora não exclua a existência de poderes mais organizados como os presentes em instituições, organizações etc. Foucault centra sua atenção para este poder micro, que se vale de táticas, movimentos meio desorganizados, mas que acabam encontrando espaços para aparecer e se legitimar. Sobre o surgimento de um novo poder microscópico, capilar:

Trata-se de uma mudança de estrutura fundamental que permitiu a realização, com certa coerência, desta modificação dos pequenos exercícios do poder... a mitologia do soberano não era mais possível a partir do momento em que uma certa forma de poder se exercia no corpo social. O soberano tornava-se então um personagem fantástico, ao mesmo tempo monstruoso e arcaico. (FOUCAULT, 1979, p. 131).

De acordo com Foucault, foi preciso esperar o século XIX para saber o que era a exploração e para ele, “Marx e Freud talvez não sejam suficientes para nos ajudar a conhecer esta coisa tão enigmática, ao mesmo tempo visível e invisível, presente e oculta, investida em toda parte, que se chama poder” (FOUCAULT, 1979, p.75).

Então desta forma, associamos a concepção foucaultiano sobre micro-poder, que se exerce ao nível do cotidiano, a nossa compreensão do jornalismo como esfera que permite a reorganização discursiva dos saberes locais, descontínuos, não legitimados e se pretende hierarquiza-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro por meio dos seus enunciados.

Delimita-se então, algumas categorias importantes do pensamento de Foucault para pensarmos discursos e mídia, assim como a relação de poder entre ambos. Tais reflexões serão bastante úteis para a análise do discurso jornalístico a que nos propomos.

2.3 CATEGORIAS FUNDANTES PARA A ANÁLISE DO DISCURSO EM FOUCAULT

Lançado o desafio de tentar pensar tendo como base o olhar de Foucault no intuito de buscar respostas em sua obra pela lente da análise de discurso, percebemos algumas categorias que podem nos ajudar, não a acender ao verdadeiro pensamento do autor, mas ao menos, vasculharmos a sua ‘caixa de ferramentas’ conceituais para melhor pensarmos o nosso objeto.

Elenca-se como algumas categorias, ou melhor, pontos importantes pensados por Foucault para a análise do discurso e segundo Gregolin (2007), podem ser consideradas a base para o percurso a que nos propomos.

No total, são cinco categorias aliadas ao discurso: 1) a própria natureza fundante do discurso segundo Foucault; 2) discurso e poder – ressaltando a ordem do discurso e a ordem do olhar; 3) discurso e verdade – destacando regimes e vontades de verdade; 4) discurso e processo de subjetivação e 5) discurso e materialidade.

2.3.1 A natureza fundante do discurso

A problemática em torno do discurso centra-se no fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento, ou seja, um enunciado foi colocado em destaque e para muitos, dar-se o nome de acontecimento. Nelson Traquina (1993) propõe que “as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e textos: enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia cria o acontecimento” (TRAQUINA, 1993, p.168).

Desta forma, trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos que pertencem ao campo econômico, político, social, cultural, etc, tem de relação com o mundo social.

Como Foucault direciona, o fato de considerarmos o discurso como uma série de enunciados, nos situa automaticamente na dimensão da história, em busca de saber o que somos hoje, como nos representamos atualmente e o que é a nossa sociedade. Certamente há na nossa sociedade e naquilo que somos, uma dimensão histórica muito importante e

profunda, e por isso, no interior desse espaço histórico, os acontecimentos discursivos que se produziram há séculos ou nos últimos anos são muito importantes.

Como aponta o autor, somos inevitavelmente ligados aos acontecimentos discursivos “em um certo sentido, não somos nada além daquilo que foi dito, há séculos, meses, semanas”, (FOUCAULT, 1979, p.52).

Para Gregolin (2007) é importante mostrar por meio de estudos e análises precisas, que os próprios discursos têm seus laços desfeitos, aparentemente laços tão fortes entre as palavras e as coisas, mas destaca-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva que incidem sobre não mais tratar os discursos como apenas conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Foucault admite que não se trata de colocar tudo num certo plano que seria o acontecimento, mas de considerar que existe todo um escalonamento de tipos de acontecimentos diferentes que não tem o mesmo alcance, a mesma amplitude cronológica, nem a mesma capacidade de produzir efeitos.

O problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstruir os fios que ligam e que fazem com que se engendrem uns a partir dos outros. Daí a recusa das análises que se referem ao campo simbólico ou ao campo das estruturas significantes, e o recurso às análises que se fazem em termos de genealogia das relações de força, de desenvolvimentos estratégicos e de táticas. Creio que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha. A historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não linguística. Relação de poder e não relação de sentido, o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas. (FOUCAULT, 1979, p. 5).

Sobre a abordagem genealógica, o objetivo da análise de Foucault é estabelecer relações entre os saberes, à positividade do que foi efetivamente dito e deve ser aceito como tal e não julgado a partir de um saber posterior ou superior. Segundo ele, quando se elege um saber, ou um discurso como o saber legítimo, desqualifica-se, em contrapartida, um outro, que não pode ganhar esse mesmo estatuto. De acordo com o autor, “enquanto a arqueologia é o método próprio da discursividade local, a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição que emergem desta discursividade” (FOUCAULT, 1979, p. 172).

Portanto, o que Foucault pretende com sua genealogia é trazer a tona esses saberes não legitimados e desqualificados pelo poder. É descobrir, perceber os efeitos de poder que

são expressos nesses discursos, que fazem com que a trama discursiva seja permeada pelo poder e saber. Ainda em suas palavras,

A genealogia seria, portanto, com relação ao projeto de uma inscrição dos saberes na hierarquia de poderes próprios à ciência, um empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos, isto é, torna-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário e científico (FOUCAULT, 1979, p. 172).

Como observa-se até aqui, para Foucault saber e poder são inseparáveis. E se o poder muitas vezes se expressa através do saber, como no caso dos discursos, por exemplo os discursos científicos, o saber, por sua vez, tem sua expressão maior no discurso, e daí este se torna a unidade de análise da qual Foucault parte na consideração dos seus objetos de estudos:

Eu parto do discurso tal qual ele é. Em uma descrição fenomenológica, se busca deduzir do discurso alguma coisa que concerne ao sujeito falante; tenta-se encontrar, a partir do discurso, quais são as intencionalidades do sujeito falante – um pensamento em via de se fazer. O tipo de análise que pratico não se trata do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para qual o poder funciona. **Portanto, o poder não é nem fonte nem origem do discurso. O poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder.** (FOUCAULT, 1979, p.252 – grifo nosso)

Como destacamos, Foucault (1979) compreende que atualmente vivemos em um conjunto imenso de saberes e que esses saberes intervêm na vida das pessoas produzindo seus discursos, instituindo manifestações de poder e produzindo esses próprios indivíduos como são. Para ele, vivemos em um sistema que não é mais o do controle do poder sobre as pessoas, mas a efervescência dos saberes que de alguma maneira intervêm, controlam e ajudam a controlar as pessoas.

2.3.2 A ordem do discurso

Sobre o sistema de controle do poder sobre as pessoas, Foucault (1979) estudou o modelo do *Panopticon* de Jeremy Bentham, no final do século XVIII, que seria em um primeiro entendimento como um olho do poder. Trata-se de um modelo arquitetônico, uma construção em forma de círculo, tendo ao centro uma torre, esta possui grandes janelas que se abrem e permitem visibilidade somente da parte interna para a parte externa.

A construção periférica é dividida em celas, cada um ocupando toda a largura da construção. Estas celas têm duas janelas; uma abrindo-se para o interior, correspondendo às janelas de uma torre; outra, dando para o exterior, onde permite que a luz atravesse a cela de um lado para o outro.

Segundo o próprio Foucault, que estudou este sistema de coibição em um determinado momento das suas análises e estudos sobre vigilância, prisão e punição, todo o sistema se constituiria em um ponto central que seria o local de exercício do poder e, ao mesmo tempo, o lugar de registro do saber. Aqueles que estavam sendo vigiados tinham consciência de suas condições, mas não sabiam em que momento e de que forma estavam sendo observados. Como explica o autor,

Estudando os problemas da penalidade, me dei conta de que todos os grandes projetos de reorganização das prisões retomavam o mesmo tema, mas já sob a influência, que sempre explicitada, de Bentham (...) Sendo assim, Bentham não imaginou simplesmente uma figura arquitetural destinada a resolver um problema específico, como da prisão, o da escola ou o dos hospitais. Ele anuncia uma verdadeira invenção que ele diz ser o “ovo de Colombo”. E na verdade, é aquilo que os médios, os penalistas, os industriais, os educadores oricuravam e que Bentham lhes propõe: ele descobriu uma tecnologia de poder própria para resolver os problemas de vigilância (...) mas os procedimentos de poder colocados em prática nas sociedades modernas são bem mais numerosos, diversos e ricos. Seria falso dizer que o princípio da visibilidade comanda toda a tecnologia do poder desde o século XIX. (FOUCAULT, 1979, p.210 – 211).

Com este panorama, alguns entendimentos de Foucault ultrapassam a concepção de vigia e coação proposta pelo modelo do *Panopticon*. É preciso acentuar que no pensamento do autor existem variações nas relações de poder e o indivíduo precisa fazer parte numa forma de diálogo entre poderes ou entre micro-poderes. Onde existe uma relação de dominação, não necessariamente, existe uma relação de poder, se somente um lado exercer determinado poder.

Assim, Foucault mesmo esclarecendo sobre a liberdade que o poder tem em si, compreendemos com a sua obra que nenhum indivíduo é livre para falar e tudo aquilo que se fala e que se fala é controlado por regras anônimas, poderes instituídos.

Foucault em *A Ordem do Discurso* afirma, “é sempre na manutenção da censura que a escuta se exerce” (FOUCAULT, 1999, p.13), ele se refere à escuta de um discurso que é investido pelo desejo, e que se crê, carregado também de poderes.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem elaborado e considerado simples, as interdições que o atingem revelam rapidamente sua ligação com o desejo e com o poder,

Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 1999, p. 10).

Como mostra Foucault, da ordem do discurso também fazem parte os ditos e os não ditos, aquilo que pode ser dito e o que não pode, dentro da concepção do controle e desejo do poder. O autor enfatiza que não somente aquilo que falamos pode ser controlado, mas também tudo aquilo que podemos mostrar e aquilo que podemos ver.

Quando Foucault fala sobre regimes de visualidade, o termo está muito ligado à questão daquilo que é mostrado, daquilo que é visível e invisível num certo momento histórico. E tem relação também com tudo aquilo que é colocado no invisível e com quem exerce qualquer tipo de influencia.

Certamente, cada época tem seus regimes de permissão do que dizer assim como seus regimes de invisibilidade que direcionam a ordem do olhar social. Como por exemplo, Gregolin (2007) cita em alguns dos seus exemplos sobre a ordem do discurso segundo Foucault, que o discurso sobre a mulher, sobre o corpo feminino e a feminilidade, assim como a tríade beleza-saúde-juventude, pontos fundamentais dos discursos relacionados a este tema, sofrem visíveis transformações ao longo das décadas, de acordo com a evolução da emancipação feminina e a luta pelos direitos sociais para as mulheres.

Foucault (1995) aponta que os regimes de visualidade tem uma relação muito próxima com as vontades de verdade na produção de verdades. Para ele, essa vontade de verdade seria, assim como outros sistemas de exclusão, também conduzida, mais profundamente pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído.

2.3.3 Vontades de Verdade

Sem dúvidas, como aponta o autor, a vontade de verdade estaria apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional que tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão e também um poder de coerção. Sendo assim, uma vontade de verdade que ele identifica no século XIX não coincide nem pelas formas que põe em jogo, nem pelos domínios de objeto aos quais se dirige, nem pelas técnicas sobre as quais se apoia, com a vontade de saber que caracteriza a cultura clássica atribuída há séculos anteriores.

Foucault nos propõe exemplos sobre isso quando se refere:

Penso na maneira como a literatura ocidental teve de buscar apoio, durante séculos, no natural, no verossímil, na sinceridade, na ciência também – em suma, no discurso verdadeiro. Penso, igualmente, na maneira como as práticas econômicas, codificadas como preceitos ou receitas, eventualmente como moral, procuraram, desde o século XVI, fundamentar-se, racionalizar-se e justificar-se a partir de uma teoria das riquezas e da produção; penso ainda na maneira como um conjunto tão prescritivo quanto o sistema penal procurou seus suportes ou sua justificação, primeiro, é certo, em uma teoria do direito, depois, a partir do século XIX, em um saber sociológico, psicológico, médico, psiquiátrico: como se a própria palavra da lei não pudesse mais ser autorizada, em nossa sociedade, senão por um discurso de verdade. (FOUCAULT, 1996, p. 18-19).

Na análise foucaultiana com base em Gregolin (2015), essa questão do sujeito, do discurso e das vontades de verdade mencionadas por Foucault em seus trabalhos, estão muito relacionadas ao conceito de *Parresia*, ou seja, conforme análise da autora, este termo significa a liberdade de oratória, a presença de uma afirmação corajosa por meio do indivíduo.

Ela cita que Foucault retorna aos estudos da formação da cultura grega para compreender a prática de falar francamente e da fala no sentido de confissão. Sendo deste modo, o sujeito intimado a dizer a verdade, e a partir daí, é a vontade de verdade que torna este procedimento mais sofisticado. Gregolin ainda acrescenta que um discurso só é aceito em uma época quando segue a racionalidade, o modo de legitimar a separação entre o verdadeiro e o falso desta mesma época. E reforça que um discurso só é aceito se diante do verdadeiro e do falso estiver posicionada uma relação de acordo com a vontade de verdade vigente em cada época.

Em suma, pode-se deduzir que a análise foucaultiana nos conduz a acreditar em uma certa disciplina como um princípio de controle da produção e disseminação do discurso.

Pode-se assim, fixar os limites de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras. No entanto, não deixam de ser princípios de coersão que podem levar em consideração uma função restritiva.

É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma “polícia” discursiva que devemos reativar em cada um dos nossos discursos. (FOUCAULT, 1996, p.35).

Ou seja, Foucault afirma que não nos encontramos no verdadeiro, não mostramos a nossa real vontade de verdade, senão obedecendo às regras de uma “polícia discursiva” que devemos reativar em cada um de nossos discursos, exceto quando o conceito de *Parresia*,

destacado por Gregolin (2015) infere em nossa vida e leva-nos a nos expor, nos confessar, buscar visibilidade, materialidade, sem restrição, exacerbando a subjetivação no processo de identidade, próprio de cada ser humano.

Ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências e se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala. (FOUCAULT, 1996, p.37).

2.3.4 Subjetivação e produção de identidades

Inicialmente, entende-se que para Foucault (1999) o processo de subjetivação, de maneira nenhuma, tem relação com os processos da subjetivação relacionados à individualidade, da subconsciência como, segundo Machado (2009), nos propõe Freud (1856-1939). Foucault nos convida a pensar nos controles, nos processos e nos poderes que produzem a subjetividade e destaca que, para ele os processos de subjetivação do indivíduo nunca estão acabados, estão sempre em modelagem, em reformulação.

Desta forma, identidade para Foucault, segundo Gregolin (2015) seriam como as máscaras que somos obrigados a utilizar e são os contínuos processos de subjetivação que vão construindo as identidades e delineando os sujeitos.

Ainda segundo a autora, interessa para Foucault refletir sobre “o que somos nós hoje?”, como nos constituímos, como se dão esses processos que vem nos constituindo como indivíduos, como sujeitos e ao mesmo tempo, produzindo essas identidades, não somente em relação ao gênero, mas principalmente em relação a nossa territorialidade, nossa ética, nossa produção de saberes.

Conforme a autora aponta, para Foucault, o sujeito não é uma substância, mas aproximadamente, uma forma. Porém, essa forma também não é idêntica a si mesma. O sujeito não tem consigo próprio o mesmo tipo de relação enquanto sujeito político e enquanto sujeito de uma sexualidade. Em cada relação que estabelece, se posicionará de uma forma diferente. Há, então, várias formas de sujeito conforme as relações que este estabelece com os diversos interesses.

Gregolin aponta que a constituição histórica dessas diferentes formas de sujeito é o que interessa a Foucault. A autora nos aponta que o objetivo de Foucault é criar uma história

dos diferentes modos pelos quais os seres humanos tornaram-se sujeitos, retomando sempre a questão, o que somos nós hoje?

É correto afirmar então, que esses modos de subjetivação são as práticas de constituição do sujeito na compreensão Foucaultiana. Gregolin (2007) destaca que o autor se utiliza dos conceitos de “práticas de si”, “técnicas de si” e “cuidado de si”, extraídos da antiguidade grega, para analisar a forma pela qual o sujeito se constitui.

Foucault (1979) define as práticas como a racionalidade ou a regularidade que organiza o que os homens fazem, tendo um caráter sistemático e recorrente girando em torno da ética, do poder e do saber.

Constituem, portanto, uma experiência. As técnicas se referem ao caráter reflexivo e de análise que acompanha as práticas, são as táticas e as estratégias, ou seja, são os meios e os fins com que as práticas são utilizadas. Trata-se, conforme o autor, de um “jogo estratégico” onde a liberdade do sujeito é evidenciada. As “práticas de si” e as “técnicas de si” implicam, portanto, uma reflexão sobre o modo de vida, sobre a maneira de regular a conduta, de fixar para si mesmo os fins e os meios.

Conforme Foucault (1979), essa concepção evoluiu por toda a antiguidade como uma “história do cuidado de si mesmo”. Para o autor, esta se constitui numa maneira de se fazer a história da subjetividade, mas não através de categorias distintas entre loucos e não loucos, doentes e não doentes, criminosos e não criminosos, mas através das formações e transformações das “relações consigo mesmo” que ocorreram na cultura.

O autor começa por analisar o processo de instauração de regras e normas pelo qual o indivíduo foi levado a dar sentido e valor à sua conduta, aos seus deveres, aos seus prazeres e aos seus sentimentos. Ou seja, quais os “jogos de verdade” em que o sujeito se constituiu como sujeito da sua identidade, sexualidade, sujeito do desejo.

Assim, tanto as marcas de oralidade, grafismos, recortes e focos em imagens, encontrados nos mais variados formatos de diálogos seja em texto ou imagem parecem responder a necessidade de imersão das subjetividades e identidades, em especial quando direcionamos a análise para meios difusos e distribuídos como as mídias digitais online atuais em que a materialidade do discurso também é tema de relevância.

2.3.5 Materialidade discursiva

É certo que toda subjetividade não seria apreensível, cognoscível ou interpretativa, segundo Foucault, se tudo isso não tivesse uma materialidade. Para ele, a própria história tem uma materialidade construída pela própria materialidade, seja pelas linguagens verbais (linguística) e não verbal (imagens, cores, sons, luzes, perspectivas).

No entanto, o autor nos mostra que o conceito de materialidade é mais amplo do que isso e também faz parte deste contexto os sistemas de distribuição, suportes e dispositivos que auxiliam os discursos. Esta seria a condição para que o enunciado possa ser reconhecido como tal, ao mesmo tempo, em que o torna perceptível e assim, enquadra no espaço e no tempo.

Diante da materialidade, de acordo com o suporte e o dispositivo, este se adapta a compreensão, de acordo com o recorte e o foco.

A espessura material do enunciado, entretanto, segundo Foucault (1995), não lhe é dada em suplemento, em parte ela o constitui,

Composta das mesmas palavras, carregada exatamente do mesmo sentido, mantida a sua identidade sintática e semântica, uma frase constitui o mesmo enunciado se for articulada por alguém durante uma conversa, ou impressa em um romance; se foi escrita um dia, há séculos, e se reaparece agora em uma formulação oral. As coordenadas e o “status” material do enunciado fazem parte dos seus caracteres intrínsecos. Eis uma evidência, ou quase, pois, desde que a isso se preste um pouco de atenção, as coisas se embaralham e os problemas se multiplicam. (FOUCAULT, 1995, p. 115).

Caracterizada, pelo menos em parte, pela sua materialidade, a identidade de um enunciado é sensível à modificação deste status. As possibilidades de constituição de sentido de um enunciado se acham, assim, também submetidas às essa condição que, segundo Foucault, desempenha no enunciado um papel muito importante:

Entretanto, a materialidade (...) não simplesmente princípio de variação, modificação dos critérios de reconhecimento, ou determinação de subconjuntos linguísticos. Ela é constitutiva do próprio enunciado: o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade. (FOUCAULT, 1995, p. 116).

A enunciação – ato em que se emitem enunciados – segundo Foucault, é um evento que não se repete. Um mesmo enunciado repetido várias vezes, constituirá, a cada vez, uma enunciação. Mas no caso dessa repetição, ainda que articulada por pessoas diferentes observam-se constantes gramaticais, semânticas e lógicas que permanecem, fazendo com

que os diferentes atos de enunciação não constituam por si só modificações no status material do discurso.

Como aponta Gregolin (2007), mesmo considerando os diferentes exemplares de uma mesma triagem de um livro, como as inúmeras edições das obras de Foucault, por exemplo, não podemos notar diferenças significativas na materialidade do enunciado, embora existam, porque em todos os exemplares permanece inalterada uma condição de material mais ampla e comum que é o próprio livro.

É então que Foucault(1995) pensa a materialidade enquanto instituição material:

O enunciado não se identifica com um fragmento de matéria; mas sua identidade varia de acordo com um regime complexo de instituições materiais. (...) O regime de materialidade que obedecem necessariamente os enunciados é, pois, mais da ordem da instituição do que da localização espaço-temporal; define antes possibilidades de reinscrição e de transcrição (mas também limiares e limites) do que individualidades limitadas e perecíveis. (FOUCAULT, 1995, p. 118-119).

Essa condição de intervenção da materialidade no sentido do discurso torna-se importante para análise, porque supõe a possibilidade de descrição de meios materiais que funcionam como sistemas aos quais se acham submetidos os discursos. E, como tais, compreendem regularidades e rupturas significativas na determinação do sentido do discurso. Então, apropriando-nos desta reflexão de Foucault, ainda neste ambiente de reflexão sobre a materialidade, é necessário compreender que os regimes de visualidade continuam.

Estamos em um momento diferente dos últimos tempos, em que as apropriações dos regimes de discursividade estão determinadas, como aponta em seus estudos Jenkins (2009), por essa convergência midiática e pela lógica do modelo mais participativo de cultura como também aponta Jenkins (2014).

Novos gestos de leitura e formas diversas de acesso aos conteúdos passaram a fazer parte do nosso cotidiano, conforme também afirma Scolari (2004), surgiram trazendo novos usos, novas práticas que implicam, por conseguinte, em uma alteração direta em nosso dia a dia, transformando nossas percepções de material e imaterial, real e virtual, tempo e espaço.

Em especial, a nova subjetividade espaço-temporal surge quando mudamos nosso modo de nos relacionar com os outros porque ganhamos o “poder de estar sempre disponíveis, em qualquer momento, em qualquer lugar, transformando a gestão das atividades e a regulação do ciclo de vida social” (SCOLARI, 2004, p.283).

Ou seja, a percepção espaço temporal está diretamente ligada aos meios de comunicação predominantes em dado período histórico.

Portanto, pensar o acontecimento no contexto atual, refletindo toda a transição do ecossistema analógico-digital, de acordo com as categorias relatadas até aqui, nos ajudam a desenvolver a análise de discurso com base nas propostas teórico-metodológicas apontadas por Foucault.

Machado (2009) confirma que ao longo de sua imensa e variada produção, observam-se claramente deslocamentos nos conceitos que ele usa e até mesmo nos que ele cria em suas descrições, análises e problematizações.

De maneira geral, a proposta de análise Foucaultiana parte da ideia dos discursos que circulam, que vão produzindo verdades, que vão dialogando em relações de poder em diferentes formações discursivas, que se entrelaçam em momentos históricos e isso vai produzindo as grandes verdades ou vontades de verdade para a produção do sentido. A partir do referencial Foucaultiano, torna-se visível para nós a íntima relação entre discurso e poder, bem como as variáveis e complexas formas de pensar e analisar o discurso jornalístico por meio das “coisas ditas”.

3 INFORMAÇÃO COLABORATIVA NO CONTEXTO DA CIBERCULTURA

3.1 A EMERGÊNCIA DO CIBERESPAÇO E DO CIDADÃO CONECTADO

Segundo Castells (1999), a tecnologia não determina a sociedade, ela é a sociedade porque é a sociedade que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias. O autor pontua a difusão de uma organização social baseada no emprego de redes em todos os aspectos da atividade, tendo como base as redes de comunicação digital.

Esta já é uma realidade e uma percepção que não pode ser considerada isolada de nenhum âmbito de constituição do ser humano atualmente, mas sim, levada em consideração como parte do seu crescimento já que os grupos sociais já possuíam suas redes de diálogo, embora não em escala instantânea e planetária de conexões e participações.

Dentro desta lógica da rede, Lévy denomina de cultura, a emergência do ciberespaço, e então, da “cibercultura”:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p.17).

Avançando nesta reflexão sobre a relação dos indivíduos com a tecnologia e entendendo este processo como ponte indiscutível para o maior acesso à mídia, Hjarvard (2012) em uma definição do termo ‘mídiatização da sociedade’ colocou em evidência o processo pelo qual relações humanas e práticas sociais se articulam com as mídias, processo este possibilitado pelas tecnologias digitais e a conexão ubíqua².

O conceito de Hjarvard se refere ao processo pelo qual a sociedade vai se tornando progressivamente dependente da lógica da mídia, na medida em que elas estão cada vez mais integradas nas operações de todas as instituições sociais. A mídia sendo mencionada

² O nome ubíquo é um termo do Latim *ubiquu* – adjetivo – que está ou pode estar em toda parte ao mesmo tempo (Dicionário Michaelis). O conceito da Computação Ubíqua foi criado por Mark Weiser, um cientista da Xerox PARC, em 1991, por meio do seu artigo “*O computador do século XXI*”. Neste artigo, Weiser imaginou como quaisquer objetos com capacidades computacionais poderiam integrar-se entre si de forma oculta no ambiente para a facilidade na realização das tarefas diárias.

como ocupante de um lugar de destaque, redefinindo o modo como às coisas são feitas no cotidiano.

Não pode-se pensar também de forma ingênua sobre os indivíduos e mais especificamente sobre o público midiático de antes deste momento cibercultural. É certo afirmar que, na verdade, anteriormente, esta participação do público sempre existiu, mas a emergência do cidadão conectado e cada vez mais protagonista na produção de notícias é exatamente o que Lemos; Levy (2010) chamam de transição dos modelos “massivos” para os “pós-massivos” de comunicação, onde as atuações de transmissor e receptor são remodeladas.

Para os autores, o modelo pós-massivo permite a personalização, amplia o debate, permite mais fluxos de informações em rede e novos processos de produção da informação.

Por isso temos a falsa impressão de que o público começa a ser participativo nos dias atuais. Então como não lembrar de canais de comunicação com o público como ‘cartas dos leitores’, ‘ouvinte participane’ entre outras denominações semelhantes de acordo com o veículo de informação.

Sobre o processo de participação, em especial na rotina jornalística, Träsel (2010) afirma que esse processo não é novo e que sempre foi uma prática, relativamente comum, por exemplo, divulgar fotografias e convidar leitores que conheçam determinadas circunstâncias poderem captar imagens pela câmera e identificar o evento e os participantes.

Além de que, “jornais também tem historicamente divulgado retratos-falados fornecidos pela policia, na esperança de que leitores ajudem a identificar criminosos” (TRÄSEL, 2010, p.223).

Sugere-se que essa prática de ter o público como integrante e participante dos meios de comunicação, mesmo em tarefas menores, constituem um processo coletivo há muito tempo praticado.

Silva (2015) debruça alguns dos seus estudos ao fenômeno do jornalismo móvel, então, destacamos como importante pontuar tais considerações nesta pesquisa pelo fato que, embora o nosso objeto de análise não se trate especificamente de um modelo de jornalismo sendo construído a partir das tecnologias móveis disponíveis atualmente, temos a disposição de informações colaborativas que dão suporte a construção de notícias no portal em estudo, sendo esta uma prática potencializada pelas tecnologias móveis digitais, portáteis e ubíquas.

Para Silva (2015), três aspectos são pertinentes para pensarmos o atual cenário do jornalismo e o ambiente da comunicação móvel na consolidação do atual contexto. O

primeiro seria a expansão da mobilidade através das tecnologias móveis e das tecnologias sem fio que, para o autor, desencadeou uma nova relação entre jornalismo e mobilidade com a apropriação dos territórios informacionais enquanto espaço para a conexão e fluidez de conteúdos. O segundo aspecto seria a geolocalização para notícias através de recursos de GPS acoplado em portáteis e assim permite a contextualização do local de emissão, aparecendo como um valor agregado às narrativas conduzidas diretamente dos locais de emissão.

E por fim, para o autor, o terceiro aspecto diz respeito à mobilidade do consumidor de informações, que passa a ser um aspecto a considerar porque este, demanda atualizações mais constantes.

Ainda segundo Silva (2015), notícias como acidentes e protestos são situações ilustrativas da mobilização dessa estratégia forçada pelo crescimento da comunicação móvel.

Um dos exemplos próximos sobre o que acabamos de falar, inegavelmente são os aparelhos celulares atuais, hoje como um fenômeno mundial com diversas possibilidades acopladas a sua função inicial de ser um aparelho para realizar ligações telefônicas, atualmente possui funções agregadas para captura de fotos, vídeos, textos, registros locativos, armazenamento de conteúdos, troca de dados, etc, mostram que a configuração global moderna da tecnologia proporciona movimentos em alta velocidade ultrapassando diversas formas de barreiras anteriormente intransponíveis.

De fato, a internet e os dispositivos móveis formam um ecossistema que norteia e é norteado por um conjunto de sentidos, já apropriados pelos sujeitos, e que são potencializados pelos diferentes modelos de negócios por meio de aplicativos, tecnologias aplicáveis e etc, ressignificando assim as práticas sociais em curso.

Sato (2015), ressalta uma visão plural sobre a mobilidade e coloca este conceito como central na sociedade contemporânea. Para o autor, a tecnologia móvel traz diversos impactos em diferentes práticas cotidianas e discorre sobre as possibilidades abertas pelo celular neste contexto:

A internet móvel traz a possibilidade de usar o celular para registrar e divulgar opiniões a respeito de tudo e de todos, principalmente pelas redes sociais e aplicativos de mensagem instantânea. Tudo em tempo real, sem filtros ou limitações de local ou horário, sem a obrigatoriedade de intermediação de instituições ou veículos de comunicação.

Um “megafone” está na mão de cada um, e seu uso obedece a lógicas e interesses pessoais, mas sempre inseridos num contexto coletivo, da rede. Dessa maneira, os indivíduos podem ampliar suas opiniões e poder de

influencia, o que transforma o *Word of mouth* (boca a boca) no *world mouth*, um modelo de bocas e ouvidos atentos e conectados. (SATO, 2015, p. 100-101).

Compreende-se também como ferramenta, os aplicativos que dão suporte a redes sociais digitais, como por exemplo os disponíveis para *smartphones*, vistos aqui como micro computadores portáteis, embora o termo não tenha sido mencionado pela autora. Em sua análise, Recuero (2011) destaca que os laços sociais podem ser fortes e fracos e ela explica o seu entendimento.

Laços fortes são aqueles que se caracterizam pela intimidade, pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre duas pessoas. Os laços fracos, por outro lado, caracterizam-se por relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade. Laços fortes constituem-se em vias mais amplas e concretas para as trocas sociais, enquanto os fracos possuem trocas mais difusas. Granovetter (1973 e 1983) também chama a atenção para a importância dos laços fracos, como estruturadores das redes sociais. Afinal, são eles que conectam os grupos, constituídos de laços fortes, entre si. Laços fracos, assim, seriam fundamentais, pois são aqueles que conectam os clusters nas redes sociais. (RECUERO, 2011, p. 41).

Para a autora, a interação seria a matéria-prima das relações e dos laços sociais, sendo a interação, portanto, como a ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares provocando um reflexo social. São novas sociabilidades e relações com espaço e tempo que demarcam a vida contemporânea.

Nesse ínterim, o indivíduo tem adiante novos mecanismos de interação e de composição de uma identidade própria e múltipla, formação de grupos, um novo espaço-tempo a ser experimentado, em que o espaço físico é praticamente eliminado. A ideia de centralidade do processo de emissão-recepção também sofre profundas mudanças na atual cultura do ciberespaço, mais uma vez reforçando o que argumenta Lévy (1999):

O computador não é mais um centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante. Suas funções pulverizadas infiltram cada elemento do tecno-cosmos. No limite, há apenas um único computador, mas é impossível traçar seus limites, definir seu contorno. É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar algum, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si. (LÉVY, 1999, p.44).

Esta ideia de que o centro está em toda parte, encontra grande ressonância nas obras propostas por Jenkins (2009, 2014), em especial quando ele se propõe a pensar a comunicação dentro de outra conotação proposta para a palavra cultura.

Jenkins (2009) se propõe a descrever algumas das formas pelas quais o pensamento convergente está remodelando a sociedade e como esta mesma sociedade produz significado

e valor num ambiente de comunicação em permanente mudança. Inicialmente, o autor trata a convergência como um processo que está mudando o modo de se encarar a produção de conteúdo em todo o mundo, em que vários centros informacionais se congregam e se complementam pondo fim a hierarquização e alterando a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento.

A partir deste ponto, é importante destacar que para Jenkins (2009) a ideia de convergência não se resume a previsão de que todos os aparelhos digitais vão convergir num único aparelho central e que a convergência é algo que vai acontecer um dia.

Para ele, vivemos essa cultura convergente quando, por exemplo, fãs escrevem suas próprias histórias diante do sistema dos seus produtos favoritos e quando se eleva narrativas tradicionais a novos patamares criando universos comunicacionais que interagem.

Palavras impressas não eliminaram palavras faladas. O cinema não eliminou o teatro. A televisão não eliminou o rádio. Cada meio antigo foi forçado a conviver com os meios emergentes. É por isso que a convergência parece mais plausível como uma forma de entender os últimos dez anos de transformações dos meios de comunicação do que o velho paradigma da revolução digital. Os velhos meios de comunicação não estão sendo substituídos, mas suas funções e status estão sendo transformados pela introdução de novas tecnologias. (JENKINS, 2009, p.41-42)

Por sua vez, como aponta o autor, a convergência dos meios de comunicação impactando a centralidade da informação e da comunicação na sociedade, altera de maneira fundamental o modo como consumimos esses meios.

De fato, consumidores estão aprendendo a utilizar, cada vez mais, as diferentes tecnologias acessíveis no mercado, socialmente acompanhando as devidas limitações é fato, mas mesmo assim, com o intuito de poder ter um controle mais completo sobre o fluxo da mídia e também para interagir com outros consumidores.

“As promessas desse novo ambiente de mídia provocam expectativas de um fluxo mais livre de ideias e conteúdos”. (JENKINS, 2009, p.46). E por isso, inspirados por essas ideias às pessoas estão lutando pelo direito de participar mais amplamente de seu espaço, de sua cultura.

3.2 A CULTURA DA PARTICIPAÇÃO

Atualmente, os dispositivos digitais que convergem recursos de som, imagem, texto, vídeo e uma infinidade de outros mecanismos passaram a pautar a comunicação entre os

diferentes indivíduos envolvidos no processo. Os projetos alicerçados nesses dispositivos digitais inovam aspectos importantes, em especial no jornalismo, e insinuam novas modelagens no fluxo de informações. O caso do aplicativo ComuniQ, objeto de estudo deste trabalho, onde percebemos uma realidade que impulsiona um cenário conversacional entre mídia e cidadãos ligados em redes digitais.

Na concepção de Lemos; Lévy (2010), que nos ajuda a refletir sobre o modelo de comunicação utilizado pelo Sistema Jornal do Commercio com o uso do aplicativo ComuniQ, este teria um traço marcante dos efeitos da cibercultura e está intimamente ligado a três princípios defendidos pelos autores que norteiam o ambiente midiático atual. O primeiro aponta que:

(...) as diversas manifestações socioculturais contemporâneas mostram que o que está em jogo com a circulação virótica de informação, nada mais é do que a emergência de vozes e discursos anteriormente reprimidos na edição da informação pelos *mass media*. O segundo princípio é o do “tudo em rede”, da conectividade generalizada. (...) Tudo comunica e tudo está em rede: pessoas, máquinas, objetos, cidades. (...) O terceiro princípio é o da reconfiguração. Em várias expressões da cibercultura, trata-se de reconfigurar práticas, modalidades midiáticas, espaços, sem a substituição de seus respectivos antecedentes. (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 45-46).

Segundo informações dos responsáveis pelo aplicativo ComuniQ³ o projeto experimental de inserir a colaboração do público ao jornalismo do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação, teve início com os próprios repórteres munidos de equipamentos digitais móveis, como celulares, câmeras e computadores portáteis, captando falas e informações cotidianas em visitas aos bairros da cidade de Recife e enviando o material para a redação.

O projeto foi ampliado e a partir de 2013 em que foi lançado o sistema colaborativo para plataformas digitais em *smartphones*, para que pessoas conectadas pudessem enviar informações captadas nos seus bairros, assim como flagras e denúncias de interesse público.

O novo posicionamento da audiência, impulsionado pelo Sistema Jornal do Commercio por meio do aplicativo ComuniQ, impactou consideravelmente na forma como a notícia passou a ser pensada e produzida naquele ambiente. O autor norte-americano Shirky (2011) confirma que tal investimento acompanha o conceito básico de mídia na atualidade.

³ Dados colhidos em entrevista por telefone realizada com Romeu Leite Coutinho – Gerente Operacional do aplicativo ComuniQ e demais contatos via email: comuniq@sjcc.com.br, último correio eletrônico no dia 28/11/2016.

Para ele, a mídia, “não é mais apenas algo que consumimos, é algo que usamos.” (SHIRKY, 2011, p. 50-51). E complementa:

Agora temos à nossa disposição as ferramentas e as novas oportunidades que elas viabilizaram. Nossas novas ferramentas não causaram esses comportamentos, mas o permitiram. Uma mídia flexível, barata e inclusiva nos oferece agora oportunidades de fazer todo tipo de coisas que não fazíamos antes da mesma forma. (SHIRKY, 2011, p.61)

Para Shirky (2011) no que se refere a garantir que o foco da participação seja o melhoramento conjunto das informações, alguns procedimentos precisam ser mantidos, como algum tipo de estrutura de mediação que concentre os objetivos da informação.

Quanto maiores o valor e o risco inerentes à participação, mais necessário se torna algum tipo de estrutura para manter os participantes concentrados nos seus objetivos compartilhados e sofisticados, em vez de focados em seus objetivos pessoais e básicos (SHIRKY, 2011, p. 158).

Segundo Lindemann (2007) as transformações vividas no âmbito da maior colaboração por parte da audiência no que diz respeito aos fluxos informativos e a construção de notícias no ciberespaço, geram muitas vezes uma dualidade entre jornalistas - que tem seu papel enquanto profissional modificado, e leitores - que passam a ter mais autonomia e liberdade de expressão. Segundo ela:

(...) as redações serão uma espécie de centros de recepção, triagem rápida, edição imediata e catalogação inteligente. Já as fontes dos noticiários, serão “cidadãos comuns”, munidos de telefones celulares, câmeras fotográficas digitais, computadores de mão ou qualquer outro equipamento que permita registrar e transmitir informações (LINDEMANN, 2007, p.55).

Esta realidade antecipada por Lindemann (2007) já acontece como rotina prevista a partir do lançamento do aplicativo ComuniQ há alguns anos atrás. Diariamente, todo o conteúdo compartilhado no aplicativo segue para um painel instalado nas redações dos veículos que compõem o Sistema Jornal do Commercio - *Portal NE10, Rádio Jornal e TV Jornal*, e pode ser aproveitado para pautar os veículos, ou não. Como adiantou Lindemann (2007) às redações desses veículos já funcionam como centros de recepção e triagem do material enviado pelo público.

Sobre a questão do filtro das publicações online, existem algoritmos que filtram palavras também atuando como filtro mediador, que aprovam ou não as postagens dos

colaboradores e é uma realidade já antecipada e amparada no termo de adesão ao Comuniq⁴.

Entre as disposições do termo oficial está a de que:

A Editora Jornal do Comercio S/A reserva-se ao direito de promover o cancelamento da informação fornecida, bem como o cadastro do usuário em caso de má conduta ou utilização inadequada do aplicativo, assim entendido qualquer fato que, a critério da editora, infrinja disposições de lei ou qualquer ato normativo aplicável aos meios de comunicação, ou seja, atentatório aos preceitos éticos e morais aceitos pela sociedade⁵³.

Mas este fenômeno não é novidade. Para Anselmino (2012), espaços colaborativos não são, dessa forma, ambientes em que os princípios libertários da web se concretizam por completo.

Segundo a autora, na verdade, a noção de “produtor da notícia” por parte dos colaboradores esbarra inevitavelmente na mediação, seleção e readaptação dos textos e demais conteúdos pelos profissionais da empresa. Para a autora, o motivo seria o fato de que:

Neste ambiente não existe uma cultura de participação despida de controle, já que o usuário/leitor precisa, em primeiro lugar, realizar um cadastro com informações pessoais nesses sites para posterior publicação de comentários e envio de material, além de se manter vulnerável diante da exclusão de um comentário inapropriado e retirado do ar por parte dos jornalistas. (ANSELMINO, 2012, p. 87).

A autora ainda nos ajuda a pensar sobre o alto fluxo de informações postadas diariamente no aplicativo ComuniQ quando enfatiza que devido à grande quantidade de informação circulando nas redes online, cria-se a necessidade de avalia-la, mais do que descarta-la.

Ou seja, para ela, atualmente, não é mais preciso rejeitar informações, dados e notícias devido à falta de espaço, porque se pode publicá-las, mas é necessário ter cuidado para não perder o sentido da utilidade da informação.

Nesta perspectiva, nota-se então um deslocamento da coleta de informações para a seleção da mesma, a exemplo de como acontece o gerenciamento e aprovação das publicações no ComuniQ.

Ainda sobre o fluxo de informações e relembando os aspectos sobre a interação e a familiarização produtiva do humano com o computador e conseqüentemente com o meio digital, Scolari (2004) reforça a ideia da transparência, ou melhor, da sensação de

⁴ Cláusula 3.1 do Termo de Adesão ao Comuniq, disponível no aplicativo e no site www.comuniqapp.ne10.uol.com.br. Acesso em: 06 nov. 2015, via smartphone.

invisibilidade dos sistemas, para a melhor adaptação, aproveitamento e resultado da interação do homem com a máquina e a tecnologia.

Em se tratando do aplicativo ComuniQ, a proposta é que o usuário se sinta apreendido por um mecanismo digital, portátil, de fácil entendimento e que propicie uma interação constante para um maior fluxo de informações.

A proposta de estar conectado através do telefone celular, manipular uma ferramenta para captação de informações e poder distribuir determinado material apenas com um *click*, suponhamos que agrega ao aplicativo ComuniQ uma interação sedutora.

Segundo Scolari (2004), a melhor concepção da interação entre homem e máquina parte da funcionalidade das ferramentas e do sucesso do trabalho que se deseja alcançar. Segundo o autor,

En la actualidad, una interfaz transparente no es aquella que nos deja ver lo que pasa dentro del ordenador, sino el dispositivo que, através de la manipulación de objetos virtuales, nos permite realizar una tarea sin tener que operar em los niveles inferiores de funcionamiento de la máquina. Por extensión la idea de transparencia se aplica también a los procesos de interacción entre el hombre y las máquinas digitales: una interacción transparente es aquella en la cual el usuario se olvida de la interfaz y se concentra en el trabajo que debe efectuar. Pero, lo repetimos una vez más, que la interacción con las máquinas digitales parezca transparente no quiere decir que efectivamente lo sea. (SCOLARI, 2004, p.64).

Para Scolari (2004), não podemos compreender plenamente os novos meios de interação e colaboração se não refletirmos sobre os processos de produção de sentido e de interpretação que geram. O autor nos faz entender que a análise das interfaces às vezes se reduz a estudos quantitativos de usabilidade que deixam de lado outros olhares e enfoques também muito importantes, como o estudo aqui empreendido.

3.3 SOBRE O APP COMUNIQ

Em pesquisa recente, Fernando Firmino (2015) fez um estudo de caso em que destacou o Portal NE10/JC Online e a prática de repórteres com *smartphones* e a participação do público. Segundo ele, em novembro de 2007, o Sistema Jornal do Commercio, do Recife, através da TV Jornal, criou o projeto “Notícia celular”, o primeiro do país a utilizar tecnologia de terceira geração e celular Nokia N95 para gerar vídeos e fotos que seriam usados na programação de um canal de TV e para o antigo portal de notícias, o JC Online, que agora é NE10.

De acordo com o seu levantamento, dezesseis profissionais – repórteres, fotógrafos e cinegrafistas – utilizaram *smartphones* para registrar situações do dia a dia do Recife, baseadas em conteúdo de caráter jornalístico e de utilidade pública. Os vídeos e fotos foram exibidos na programação jornalística da TV Jornal e disponibilizados no portal JC Online. Após esta experiência com o uso da tecnologia digital atrelada a mobilidade, inaugurou-se uma reconfiguração na forma de produzir notícias para os veículos de comunicação do Sistema Jornal do Commercio, ampliando o horizonte da colaboração do público.

O aplicativo ComuniQ foi escolhido como objeto de pesquisa deste trabalho, por se tratar de um dos exemplares de aplicativos móveis que tem como prioridade a participação do público para o envio de informações, com atuação em uma das maiores capitais do nordeste – Recife/PE. Além do levantamento bibliográfico que nos ajuda a pensar sobre a emergência da cultura da participação e da colaboração em ambientes moveis, utilizamos como recurso metodológico o estudo de caso, para desenvolvermos uma análise de discurso.

As informações postadas em áudio, texto e vídeo podem ser feitas, exclusivamente, pelo aplicativo disponível para *smartphones* e *tablets*, no entanto, podem ser visualizadas por usuários cadastrados pelo celular como por internautas que acessem o portal NE10, qualquer um dos sites vinculados aos veículos de comunicação do Sistema Jornal do Commercio, assim como a versão em site do próprio aplicativo. No site relacionado ao aplicativo é possível apenas verificar as postagens, mas não é possível publicar informações.

Acompanhando as postagens antigas, percebemos que, na maioria das vezes, se referem a problemas cotidianos da cidade como engarrafamentos, obras inacabadas, sinalizações irregulares, alerta sobre animais ou pessoas desaparecidas, ruas não pavimentadas, etc. Certamente, a facilidade do acesso ao aplicativo, à mobilidade proporcionada pelo celular e a visibilidade pessoal que o canal proporciona, traz a tona diversos cidadãos que colaboram ativamente, alimentando todo o sistema.

Para Silva (2015), estamos vivendo o fenômeno da mobilidade com a emergência de novas formas de produção, distribuição e consumo de notícias através de plataformas móveis como *smartphones*, *tablets*, *e-reader* e todo o ecossistema móvel que se estrutura nos tempos atuais movidos pelo processo de convergência e de comunicação móvel. Acompanhando esta perspectiva, o jornalismo móvel dentro do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação, a partir de 2013, avançou para sistemas operacionais Ios⁵ e

Android, e assim o aplicativo ComuniQ passou a ter funcionalidade. O principal intuito do investimento foi captar informações enviadas por cidadãos, moradores de várias partes da cidade de Recife, por meio de áudio, vídeos, textos e fotos e a partir do material enviado, os jornalistas poderiam ampliar o raio de abrangência dos seus conhecimentos, desenvolver pautas sobre assuntos que fossem destaque, citando a fonte/usuário.

O material enviado pelo cidadão pode ser publicado nos veículos do grupo como o Jornal do Commercio, TV Jornal, Rádio Jornal, Rádio JC News e Portal NE10. Segundo informações disponibilizadas no portal NE10 na sessão de tecnologia⁶ o aplicativo ComuniQ já ganhou o Prêmio Oi Tela Viva Móvel nas categorias Ferramenta Móvel (júri popular) e Comunidade/Rede Social (júri técnico). A ferramenta também teve destaque internacional, ficando entre os três melhores do mundo na categoria Melhor Novo Serviço Móvel segundo o International News Media Association (INMA).

3.3.1 O ComuniQ no Celular

O aplicativo pode ser instalado no celular pelo Google Play ou o App Store⁷ e é necessário um cadastro prévio com fornecimento de nome, sobrenome, identificação de gênero, data de nascimento, e-mail, senha, foto e CPF, além da concordância ao termo de adesão. Antes da primeira postagem, o usuário tem acesso a um tutorial com o passo a passo de todas as possibilidades, inclusive destacando que o material pode aparecer em todos os canais do sistema como Jornal do Commercio, Portal NE10, TV Jornal, Rádio Jornal e JC News, além da *timeline* pública do próprio aplicativo.

Através de notificações, o usuário recebe tópicos dos assuntos mais comentados no aplicativo e respostas aos seus comentários, como pode também receber pedidos de participações enviados pela redação, novos comentários em suas publicações e atualização nas publicações que comentou. Em caso de falha na conexão com a internet, as publicações podem ser realizadas em momentos posteriores e para isso existe a opção 'Salvar em Rascunho' para garantir a segurança da captação do material.

⁵ O iOS é o sistema operacional da Apple, responsável por fazer o iPhone e o iPad funcionarem. O Android, é o sistema operacional criado pelo Google, utilizado por marcas como Motorola e Samsung também para usuários de smartphones.

⁶ Matéria disponível em: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/tecnologia/noticia/2014/05/25/comuniq-do-sjcc-recebe-dois-premios-do-oi-tela-viva-movel-129122.php>. Acesso em: 20 out. 2015.

⁷ Lojas online para compra de aplicativos em smartphones.

3.3.2 No momento da postagem

Para o usuário do aplicativo, existe a opção de ocultar a identificação e de não permitir comentários naquilo que postou. A postagem de uma foto, por exemplo, demora em média 4 ou 5 minutos para estar visualmente disponível na *timeline* pública do aplicativo, mesmo esta sendo disponibilizada, instantaneamente na aba correspondente a meus envios.

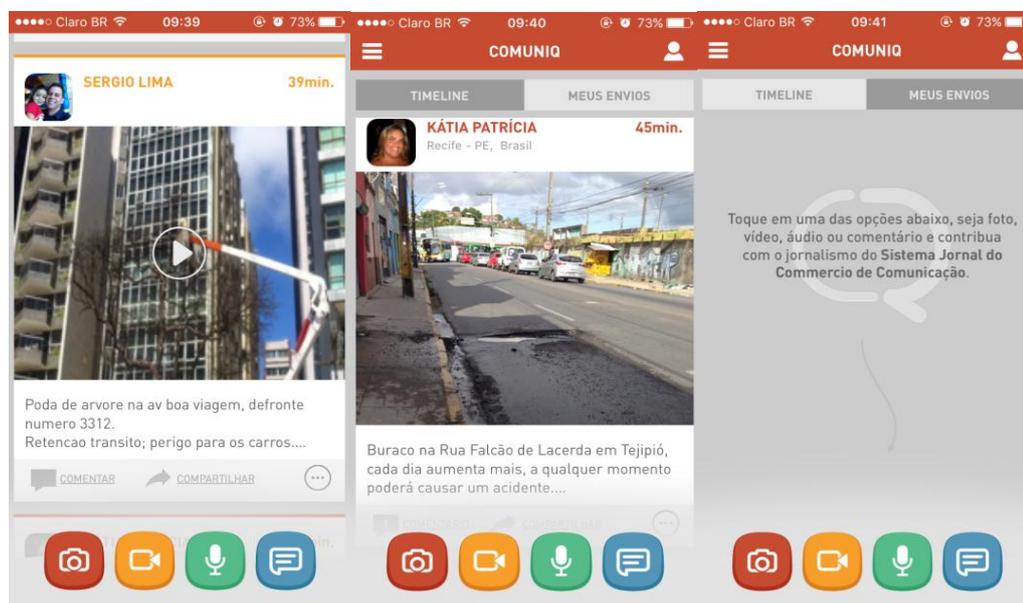
Ainda nesta sessão, o usuário pode conferir todo o seu arquivo de publicações já realizadas, no entanto, não é possível nenhuma opção como alterar, apagar ou retificar as informações disponibilizadas.

3.3.3 Visão geral

Cada publicação, pode ser feita pelos ícones de foto, vídeo, áudio e texto disponíveis no aplicativo. O sistema também oferece dados das publicações que já foram feitas como, nome do usuário, quanto tempo já decorreu a postagem, endereço de localização da ocorrência, descrição ou comentário do fato. Em cada tópico o usuário tem a opção de ver a miniatura das fotos e vídeos assim como sua versão ampliada, pode também comentar, compartilhar, denunciar a publicação ou segui-la para ter acesso a notificações sobre comentários posteriores.

As notificações do aplicativo podem ser visualizadas e abertas direto da tela bloqueada do celular. A interatividade com outras redes sociais acontece ao selecionar a postagem para abrir em tela ampliada, através da opção de compartilhar em redes sociais como facebook, whatsapp, twitter e enviar por e-mail.

Figuras 11,12 e 13- Timeline do aplicativo ComuniQ no smartphone (colaboração em vídeo, foto, texto, respectivamente)



Fonte: Aplicativo ComuniQ (2016).

3.4 O COMUNIQ E O PORTAL NE10

No portal NE10 o ComuniQ tem um espaço reservado em que disponibiliza uma página semelhante a existente no aplicativo via celular. O internauta pode visualizar no próprio site (<http://ne10.uol.com.br/>) uma relação miniaturizada das fotos, dados, informações e comentários.

No caso de selecionar uma das publicações colaborativas no site, acontece o direcionamento para uma página específica do ComuniQ (<http://comuniqapp.ne10.uol.com.br/>) que está disponível com todas as informações necessárias, inclusive o link para baixar o aplicativo pelo celular.

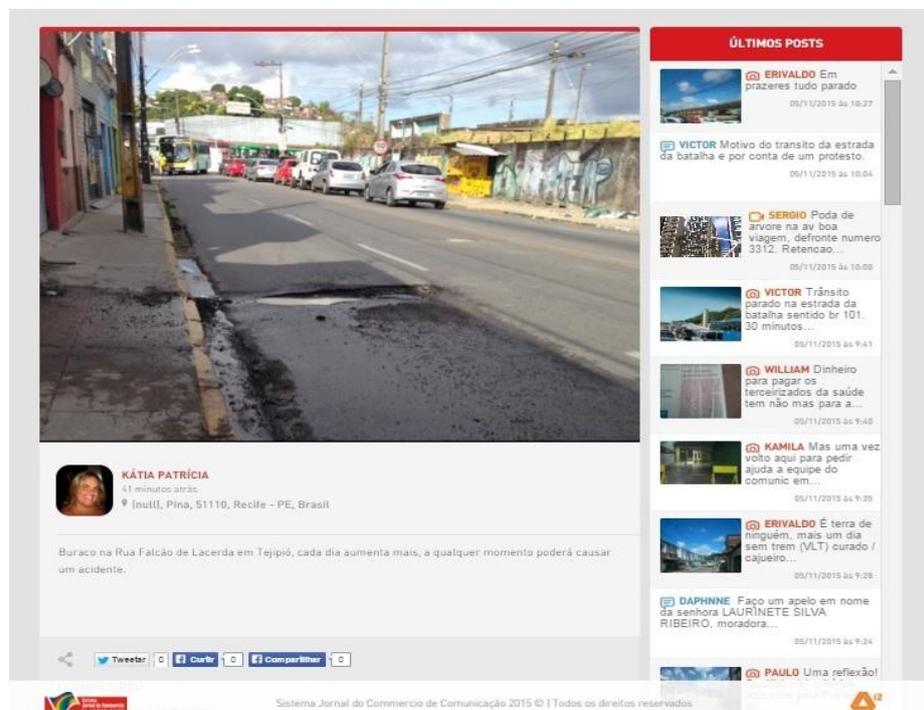
No portal NE10 e na página relacionada ao ComuniQ, acessada por meio do portal, são replicadas todas as informações publicadas no aplicativo. Existe a opção de ampliar cada postagem, acompanhar os últimos posts, compartilhar as informações em redes sociais como twitter e facebook, no entanto, cada publicação, que foi postada de forma colaborativa, não tem a possibilidade de comentários por parte dos internautas que navegam no site.

Figura 14 - Espaço do ComuniQ no Portal NE10. Timeline miniaturizada semelhante a disponível no aplicativo via smartphone.



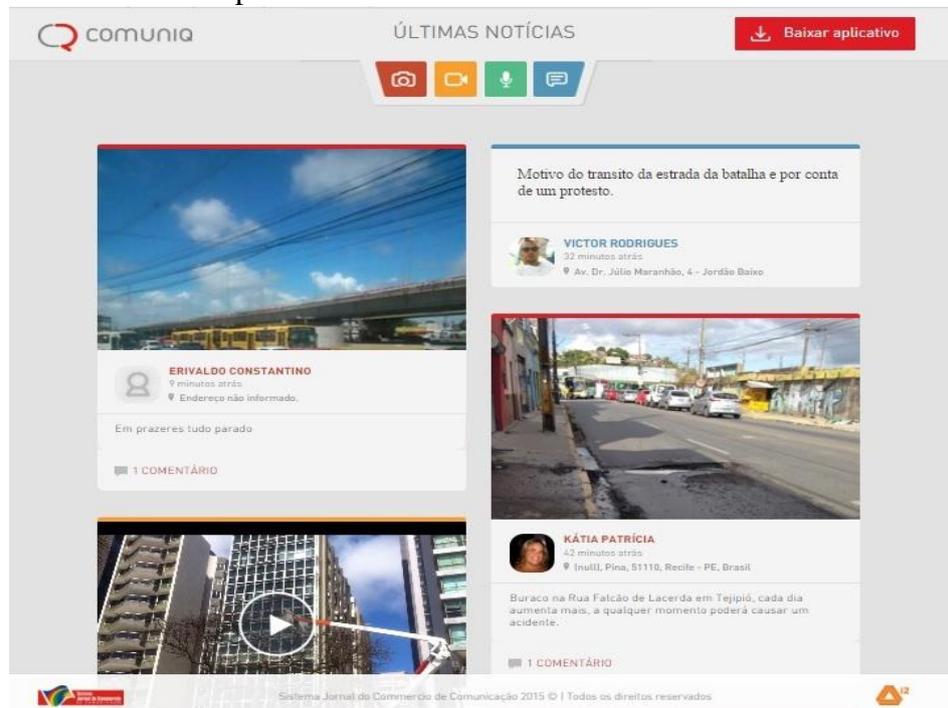
Fonte: Portal NE 10 (2016).

Figura 15 - Ainda no Portal NE10 – Página específica para visualização das informações, textos, vídeos, fotos e comentários do aplicativo ComuniQ.



Fonte: Portal NE 10 (2016).

Figura 16 - Na página do ComuniQ – página específica após acesso direto na notícia. Informações maximizadas, com possibilidade de compartilhamento em redes sociais. Não é possível adicionar comentários



Fonte: Portal NE 10 (2016).

Figura 17 - Na página do ComuniQ – fotos postadas pelos usuários de uma manifestação nas ruas do centro da cidade de Recife/PE



Fonte: Aplicativo ComuniQ (2016).

Figura 18 - Na página do ComuniQ – fotos postadas pelos usuários de uma manifestação nas ruas do centro da cidade de Recife/PE



Fonte: Aplicativo ComuniQ (2016).

Figuras 19 – Matéria publicada na página do Portal NE10 com aproveitamento das informações colaborativas do aplicativo ComuniQ

noticias.ne10.uol.com.br/jc-transito/noticia/2016/05/13/ambulantes-fecham-um-dos-sentidos-da-avenida-conde-da-boa-vista-em-protesto-614565.php

NOTÍCIAS ESPORTES ENTRETENIMENTO

Busca NE10 RECIFE | SÁBADO - 14.05.16 - ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO 09:39:46

JC Trânsito |

manifestação

Ambulantes fecham um dos sentidos da Avenida Conde da Boa Vista em protesto

Publicado em 13/05/2016 , às 15 h24

f t g+ in e

JC Trânsito

DESTAQUES

Cesar completa 20 anos e planeja liderar a inovação no Brasil até 2030

Náutico quer estreiar com vitória fora de casa na Série B

Sport estreia contra o Flamengo para afastar desconfiança

Publicidade

12º FEIRÃO CAIXA DA CASA PRÓPRIA

Clique e saiba mais

VITRINE NE10

NAGEM DE BOA no volante

PROMOÇÃO NAGEM DE BOA NO VOLANTE

A cada R\$400 em compras, você concorre a 1 carro Nissan New March. Certificado de autorização Caixa Nº 4-0855/2016.

NE10 Empregos

VOCÊ A UM CLIQUE DE ENCONTRAR O EMPREGO DOS SEUS SONHOS.

Fonte: Portal NE 10 (2016).

Figuras 20 – Matéria publicada na página do Portal NE10 com aproveitamento das informações colaborativas do aplicativo ComuniQ

noticias.ne10.uol.com.br/jc-transito/noticia/2016/05/13/ambulantes-fecham-um-dos-sentidos-da-avenida-conde-da-boa-vista-em-protesto-614565.php



O protesto aconteceu em frente ao Shopping Boa Vista
Foto: Ancelmo Silva/Ma Comuniq

Um grupo de ambulantes protestam na Avenida Conde da Boa Vista, na área Central do Recife, na tarde desta sexta-feira (13). Os manifestantes chegaram a fechar a via no sentido Derby, próximo ao cruzamento com a Rua Gervásio Pires, ateando fogo em pneus e entulhos. O trânsito no local ficou complicado.



Foto: Klaybson Araújo

De acordo com o Sindicato do Comércio Informal, o motivo do protesto é a perseguição que os ambulantes estão sofrendo por parte da fiscalização da Prefeitura do Recife. "A fiscalização não está deixando a gente trabalhar", comentou Severino Souto Alves, presidente do Sindicato. A Companhia de Trânsito e Transporte Urbano (CTTU) mandou uma viatura para o local.

PALAVRAS-CHAVE:
protesto jc trânsito conde da boa vista

Sport estreia contra o Flamengo para afastar desconfiança

Teori autoriza a abertura de sexto inquérito contra Collor

MAIS NOTÍCIAS

Publicidade

lidas

+ACESSADAS +COMENTADAS +TAGS

- 1 Barcelona ou Real Madrid: veredito final do Campeonato Espanhol
- 2 Após duas semanas internado, morre construtor do castelo de Garanhuns
- 3 Card brasileiro estrelado para o UFC 198
- 4 Metroviários entram em greve e paralisam atividades a partir de segunda
- 5 Usuários enfrentam problema para recarregar Vem através do app CittaMobi

O EMPREGO DOS SEUS SONHOS.
Assine e confira
www.ne10empregos.com.br

Assine por 7 dias grátis.

Plus um serviço de perfil NE10.

Jc Premium

Assine: **jornal do comércio**

VITRINE NE10

NE10 Ingressos

Fonte: Portal NE 10 (2016).

4 ESTUDO DE CASO

4.1 APLICATIVO COMUNIQ E PORTAL NE10

Sobre o Corpus da Pesquisa – Inicialmente, organizamos descrições e capturas de telas das postagens do aplicativo ComuniQ e também as próprias notícias no Portal. A coleta aconteceu entre os meses de maio e novembro de 2016 com acompanhamento diário, sempre no mesmo horário, por volta das 20h/20:30h, com descrição dos temas mais frequentes nas postagens diárias do *app* e conseqüentemente o acompanhamento do Portal NE 10.

No *app* – por meio de um smartphone modelo Iphone 6, acompanhamos as postagens diárias por cerca de 7 (sete) meses, e fizemos um levantamento de uma média de 40 (quarenta) participações dos usuários/dia.

Percebe-se, principalmente nos meses de maio, junho, julho e agosto de 2016, postagens e denúncias de caráter comunitário, recorrentes sobre temas como - esgoto a céu aberto, notícias do esporte local, reclamação de trânsito, reclamações sobre roubo de fiação elétrica, flagras com fotos e vídeos de alagamentos de ruas por causa da chuva e lixo, veículos mal estacionados, flagras de crime ambiental, anúncio de animais perdidos, além de notas de utilidade pública como campanhas de vacinação, horário de limpeza urbana e também fotos relacionadas as belezas naturais da cidade ou pontos de referencias turísticas tanto da cidade de Recife como Olinda.

Nos meses de setembro e outubro de 2016, consideramos que a coleta de informações foi prejudicada, visto a coincidência do período eleitoral municipal e a efervescência de temas polêmicos e cotidianos que destacavam visões político partidárias e seus conflitos. Não houve neste período nenhuma captura de material substancial no *app* em função da inexistência do aproveitamento de colaborações pelo Portal.

Sobre o Portal NE 10 – percebemos que todas as matérias que são publicadas com o aproveitamento de informações colaborativas do *app*, abastecem, em especial, a sessão JC Trânsito, com raras exceções pontuais de colaborações de imagens que ilustram a sessão meteorologia em notícias sobre a Grande Recife.

Com o universo de pesquisa construído em um banco de dados, percebemos a abrangência do corpus e a sua representatividade por meio de trinta amostras, a qual

selecionamos 12 (doze) exemplares e destes, escolhemos 3 (três) para uma elaboração do conhecimento do campo e a análise discursiva que nos propomos.

Seguimos critérios para uma elaboração do corpus empírico como **recorrência** e **similaridade**, por se tratarem de matérias publicadas sobre temas recorrentes e na sessão de maior utilização colaborativa no portal – JC Trânsito; **relevância**, visto que os recortes escolhidos tratam de temas de forte impacto noticioso, como acidentes e vítimas, manifestações públicas, além de acrescentar a opinião popular e registros de forte apelo por meio de imagens fotográficas e audiovisuais; e por fim, o critério de **distinção**, com recortes que marcam três períodos diferentes da pesquisa, conforme as datas (13/05/2016, 15/07/2016 e 06/11/2016) e cada exemplar mostra abordagens distintas do uso colaborativo da informação, e traz uma **representatividade** do cenário que foi observado.

Segue agora, com o auxílio das imagens do App ComuniQ e do Portal NE10, a descrição dos enunciados de cada amostra, em seguida a exposição dos enunciados e a análise da significação construída por meio do discurso jornalístico, com base na associação do texto verbal e não verbal.

4.2 ANÁLISES

4.2.1 Análise sobre a notícia - *Ambulantes fecham um dos sentidos da Avenida Conde da Boa Vista em protesto*

Figuras 21 e 22 - Fotos e comentários postadas por dois usuários no app ComuniQ com descrições dos locais do acontecimento



Fonte: Aplicativo ComuniQ (2016).

Figura 23 -. Matéria veiculada no site NE 10 com a imagem e o credito da foto relacionada ao usuário do Aplicativo ComuniQ

noticias.ne10.uol.com.br/jc-transito/noticia/2016/05/13/ambulantes-fecham-um-dos-sentidos-da-avenida-conde-da-boa-vista-em-protesto-614565.php

NOTÍCIAS ESPORTES ENTRETENIMENTO Busca NE10 RECIFE | SÁBADO - 14.05.16 - ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO 09:39:46

JC Trânsito |

manifestação

Ambulantes fecham um dos sentidos da Avenida Conde da Boa Vista em protesto

Publicado em 13/05/2016 , às 15 h24

f t g+ in e

JC Trânsito

12º FEIRÃO CALÇA DA CASA PRÓPRIA
Clique e saiba mais

VITRINE NE10
PROMOÇÃO NAGEM DE BOA NO VOLANTE
A cada R\$400 em compras, você concorre a 1 carro Nissan New March. Certificado de autorização Caixa Nº 4-0855/2016.

DESTAQUES

Cesar completa 20 anos e planeja liderar a inovação no Brasil até 2030

Náutico quer estrear com vitória fora de casa na Série B

Sport estreia contra o Flamengo para afastar desconfiança

NE10 Empregos
VOCÊ A UM CLIQUE DE ENCONTRAR O EMPREGO DOS SEUS SONHOS.

Fonte: Portal NE 10 (2016).

Figura 24- Continuidade da mesma matéria, em outro ângulo, com a segunda imagem capturada do app ComuniQ, desta vez sem os créditos do colaborador

noticias.ne10.uol.com.br/jc-transito/noticia/2016/05/13/ambulantes-fecham-um-dos-sentidos-da-avenida-conde-da-boa-vista-em-protesto-614565.php

Sport estreia contra o Flamengo para afastar desconfiança

Teori autoriza a abertura de sexto inquérito contra Collor

MAIS NOTÍCIAS

Publicidade

lidas

+ACESSADAS +COMENTADAS +TAGS

- 1 Barcelona ou Real Madrid: veredito final do Campeonato Espanhol
- 2 Após duas semanas internado, morre construtor do castelo de Garanhuns
- 3 Card brasileiro estrelado para o UFC 198
- 4 Metroviários entram em greve e paralisam atividades a partir de segunda
- 5 Usuários enfrentam problema para recarregar Vem através do app CittaMobi

Assine por 7 dias grátis.

Assine: jornal do comercio

VITRINE NE10
Ingressos

O protesto aconteceu em frente ao Shopping Boa Vista
Foto: Anceimo Silva/Ma Comuniq

Um grupo de ambulantes protestam na Avenida Conde da Boa Vista, na área Central do Recife, na tarde desta sexta-feira (13). Os manifestantes chegaram a fechar a via no sentido Derby, próximo ao cruzamento com a Rua Gervásio Pires, ateando fogo em pneus e entulhos. O trânsito no local ficou complicado.

De acordo com o Sindicato do Comércio Informal, o motivo do protesto é a perseguição que os ambulantes estão sofrendo por parte da fiscalização da Prefeitura do Recife. "A fiscalização não está deixando a gente trabalhar", comentou Severino Souto Alves, presidente do Sindicato. A Companhia de Trânsito e Transporte Urbano (CITU) mandou uma viatura para o local.

Foto: Klaybson Araújo

PALAVRAS-CHAVE:
protesto jc trânsito conde da boa vista

Fonte: Portal NE 10 (2016).

4.2.2 O dito no enunciado que acompanham as fotos no aplicativo ComuniQ

Texto da postagem de Klaybson Araújo:

Protesto na Cde. Boa Vista x Gervásio Pires...

Texto da postagem de Anselmo Silva:

Protesto na Av. Conde de Boa Vista, cruzamento com a Gervásio Pires, na Boa Vista, Recife.

4.2.3 O dito no enunciado no Portal NE10

Ambulantes fecham um dos sentidos da Avenida Conde da Boa Vista em protesto

O ato aconteceu na tarde desta sexta-feira (13)

Um grupo de ambulantes protestaram na Avenida Conde da Boa Vista, na área Central do Recife, na tarde desta sexta-feira (13). Os manifestantes chegaram a fechar a via no sentido Derby, próximo ao cruzamento com a Rua Gervásio Pires, ateando fogo em pneus e entulhos. O trânsito no local ficou complicado.

De acordo com o Sindicato do Comércio Informal, o motivo do protesto é a perseguição que os ambulantes estão sofrendo por parte da fiscalização da Prefeitura do Recife. "A fiscalização não está deixando a gente trabalhar", comentou Severino Souto Alves, presidente do Sindicato. A Companhia de Trânsito e Transporte Urbano mandou uma viatura para o local.

4.2.4 Análise do primeiro recorte

1º enunciado

No *lead* da matéria em questão (como mostra as figuras 13 e 14) são reproduzidas as mesmas informações disponibilizadas pelos colaboradores do aplicativo – “*Um grupo de ambulantes protestam na Avenida Conde da Boa Vista, na área central do Recife, na tarde desta sexta-feira, 13*”. Neste caso não se evidencia a fonte inicial da informação, não deixando explícito se a redação do Portal soube do ocorrido por meio da postagem dos colaboradores do aplicativo ou por outro meio de informação.

Significação:

O texto verbal associado ao texto não-verbal presente nas imagens permite a leitura de um enunciado discursivo informativo, contextual e que fornece apenas dados sem nenhum aprofundamento das questões sociais, trabalhistas e legais que permeiam o tema. O discurso jornalístico por meio da soma dos seus enunciados busca cumprir uma das suas funções de atualizar os leitores sobre a situação mencionada, com a síntese de dados que alerta: *“os manifestantes chegaram a fechar a via no sentido Derby, próximo ao cruzamento com a rua Gervásio Pires, ateando fogo em pneus e entulhos. O trânsito no local ficou complicado”*. Em seguida, mostra um posicionamento do representante do Sindicato do Comercio Informal sobre o motivo do protesto e menciona a ação da Companhia de Trânsito e Transporte Urbano (CTTU). *“De acordo com o Sindicato do Comercio Informal, o motivo do protesto é a perseguição que os ambulantes estão sofrendo por parte da fiscalização da Prefeitura do Recife. “A fiscalização não está deixando a gente trabalhar”, comentou Severino Souto Alves, presidente do Sindicato”* e segue: *“A companhia de Transito e Transporte Urbano (CTTU) mandou uma viatura para o local”*.

O modelo do discurso adotado pelo jornal evidencia as vontades de verdade de um modelo tradicional de jornalismo com informações pontuais e a versão oficial dos envolvidos. Sem dúvidas, como aponta Foucault (1996) a vontade de verdade estaria apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional, que tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão e também, pode-se dizer, um poder de coerção.

Destacamos no caso, que mesmo com o depoimento do representante do sindicato, não houve nenhuma informação relacionada a uma declaração por parte dos representantes da fiscalização urbana municipal. Tal texto amplia significados ou sentidos, estes materializados em formato de notícia, a considerar o discurso, em nossa análise, como uma série de acontecimentos e este se mantém associado apenas as imagens que foram captadas do aplicativo ComuniQ, sem mais nenhum aprofundamento.

Fica explícito aos leitores que existe um diálogo do Portal com o aplicativo ComuniQ por meio da legitimação da participação colaborativa, embora apenas mencionada com o crédito na primeira foto da matéria e não mencionada na segunda foto postada em seguida, embora a mesma imagem tenha sido também postada por um outro usuário do ComuniQ de forma colaborativa (como mostra as figuras 11 e 12).

2º Enunciado

Os manifestantes chegaram a fechar a via no sentido Derby, próximo ao cruzamento com a Rua Gervásio Pires, ateando fogo em pneus e entulhos. O trânsito no local ficou complicado.

Significação:

A afirmação pode ser interpretada pelo seu caráter informativo. Sendo assim, por meio dos discursos jornalísticos que não aprofundam questões que possam ampliar a discussão e abram leques para demais vozes, o Portal NE10 busca mostrar situações factuais, mas sem descortinar e desenvolver atitudes críticas, traçar um diálogo com a população e se vale principalmente de mecanismos de visibilidade midiática, como imagens fortes, para tentar despertar em seus leitores um melhor conhecimento da situação real.

O discurso jornalístico do Portal NE10 se posiciona como aquele que reverbera uma narrativa de convergência possibilitada pela conexão com o aplicativo ComuniQ, busca mostrar um jornalismo atravessado por esses discursos verbais e não verbais que surgem dos seus usuários e leitores, cidadãos comuns – não jornalistas – que desejam participar do ambiente informativo e em muitos momentos são atores fundamentais no momento de registros importantes. Neste caso, Foucault (1995) nos ajuda a compreender a dispersão do sujeito no discurso e a estreita relação com o que ele chama de heterogeneidade discursiva. Ou seja, cada formação discursiva entra simultaneamente em diversos campos de entendimentos e em diversas posições que ocupa, isso retrata o jogo de poderes em questão.

3º Enunciado

De acordo com o Sindicato do Comércio Informal, o motivo do protesto é a perseguição que os ambulantes estão sofrendo por parte da fiscalização da Prefeitura do Recife.

Significação:

O sujeito enunciante usa a palavra *perseguição* e o verbo *sofrer* (na forma verbal *sofrendo*), afirmando com determinação e certeza uma situação desfavorável da Prefeitura do Recife e deixa subentendido, mesmo usando a declaração por meio do Sindicato, que existe uma situação de conflito e de extrema intolerância.

Compreendemos que a ordenação de enunciados retrata saberes e verdades, relacionados às informações cotidianas que são filtradas no aplicativo ComuniQ. Sendo

assim, o portal busca exercer poder sobre seus leitores por meio do discurso produzido, que objetiva convencê-los de que as informações que são divulgadas retratam a realidade e a correta apuração dos fatos, e conseqüentemente, que a participação e colaboração de um número, cada vez mais, crescente de usuários no aplicativo ComuniQ é um reforço a democratização da informação. Tenta, portanto, exercer um governo sobre as ações dos leitores subjetivando as suas impressões do real.

4º Enunciado

"A fiscalização não está deixando a gente trabalhar", comentou Severino Souto Alves, presidente do Sindicato. A Companhia de Trânsito e Transporte Urbano mandou uma viatura para o local.

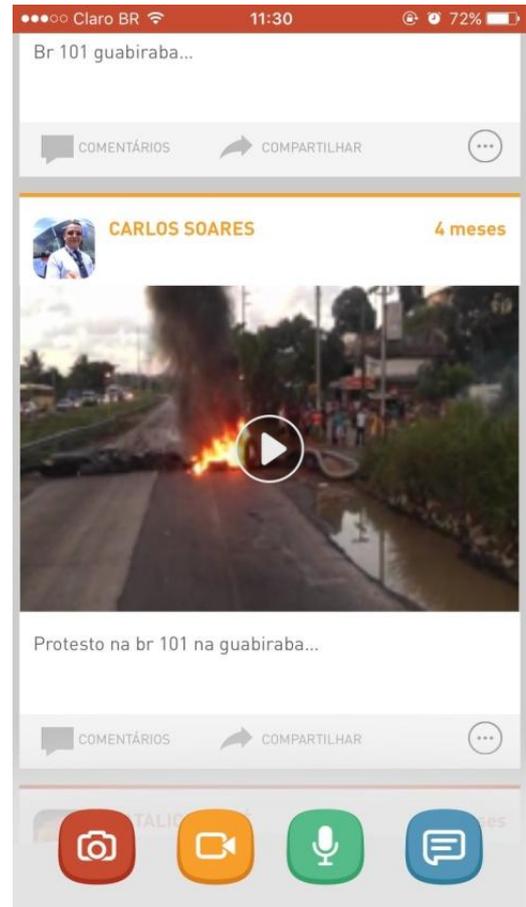
Significação:

A princípio, o significado do que se declara como a voz do Presidente do Sindicato em questão, tem um caráter jornalístico informativo de dar voz aos envolvidos. Embora percebamos que não existe democraticamente o respeito aos espaços, visto que apenas uma situação fez a declaração existente na matéria. Com isso, a frase *"A fiscalização não está deixando a gente trabalhar"*, demonstra implicitamente o poder daquele que fala em detrimento daquele ao qual não se tem acesso a sua declaração. Também deixa subentendido com o enunciado *A Companhia de Trânsito e Transporte Urbano mandou uma viatura para o local*, que o caos imediato foi controlado, mas não existe nenhuma decisão resolutiva sobre o problema.

O arcabouço teórico nos mostrou que toda enunciação carrega um forte caráter ideológico, tendo como suporte elementos básicos de poder discursivo. Muitas vezes tais intenções não são ditas explicitamente, havendo a necessidade de se buscar a significação por trás dos enunciados, estes muitas vezes, polifônicos, em que devemos buscar captar também a intenção real do enunciado e principalmente no que foi dito e também naquilo que não foi exposto claramente.

4.2.5 Análise sobre a notícia – *Moradores de Guabiraba interditam os dois sentidos da BR – 1014*

Figuras 25 e 26 - Foto e Vídeo com legendas postados por um usuário no app ComuniQ com descrição do fato e dos locais do acontecimento



Fonte: Aplicativo ComuniQ (2016).

Figura 27 - Matéria veiculada no site NE 10 com a imagem e o credito da foto relacionada ao usuário do Aplicativo ComuniQ.



Fonte: Portal NE 10 (2016).

Figura 28 - Continuação da matéria veiculada no site NE 10 com vídeo e o credito da foto com imagem identificando o usuário do Aplicativo ComuniQ.

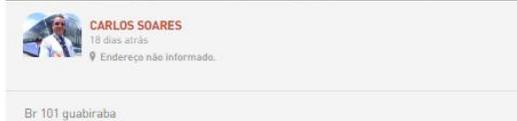
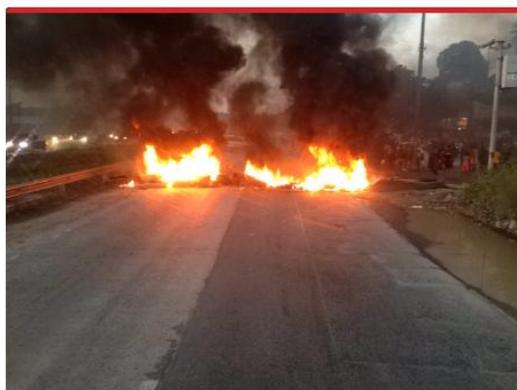


Fonte: Portal NE 10 (2016).

Figura 29 - Continuação da Matéria veiculada no site NE 10 com a repetição foto, credito e imagem identificando o usuário do Aplicativo ComuniQ

A Companhia Pernambucana de Saneamento (Compesa) informou ao JC Trânsito que um estouramento em uma das tubulações causou um prejuízo ao abastecimento de água na região, que funciona em forma de rodízio: um dia com água e três dias sem. Ainda de acordo com a companhia, o concerto do vazamento foi realizado nesta semana e a normalização do abastecimento vai depender do calendário de cada rua.

A compesa informou ainda que a área é atendida por dois poços, porém um secou. Desta forma, o abastecimento é reforçado pelo reservatório do Alto da Brasileira. Segundo a companhia, na próxima semana um estudo será realizado para buscar alternativas que diminuam os dias de racionamento.



Fonte: Portal NE 10 (2016).

4.2.6 O dito no enunciado que acompanham as fotos no aplicativo ComuniQ

Texto legenda na imagem postada por Carlos Soares:

Br 101 guabiraba...

Texto legenda no vídeo postado por Carlos Soares:

Protesto na BR 101 na guabiraba...

4.2.7 O dito no enunciado no Portal NE10

Moradores da Guabiraba interditam os dois sentidos da BR-101

Legenda da imagem: Policiais rodoviários e o Corpo de Bombeiros foram encaminhados ao local

Os moradores do bairro Guabiraba, na Zona Norte de Recife, interditaram, no início da noite desta sexta-feira (15), os dois sentidos da BR-101, na altura da Macaxeira. De acordo com a Polícia Rodoviária Federal (PRF), o grupo protestava contra a falta de

água no local. Devido a manifestação, o trânsito ficou complicado na rodovia. A via foi liberada por volta das 18h50.

A Companhia Pernambucana de Saneamento (Compesa) informou ao JC Trânsito que um estouramento em uma das tubulações causou um prejuízo ao abastecimento de água na região, que funciona em forma de rodízio: um dia com água e três dias sem. Ainda de acordo com a companhia, o concerto do vazamento foi realizado nesta semana e a normalização do abastecimento vai depender do calendário de cada rua.

A compesa informou ainda que a área é atendida por dois poços, porém um secou. Desta forma, o abastecimento é reforçado pelo reservatório do Alto da Brasileira. Segundo a companhia, na próxima semana, um estudo será realizado para buscar alternativas que diminuam os dias de racionamento.

4.2.8 Análise do segundo recorte

1º enunciado

No *lead* da matéria (como mostra a figura 18) são disponibilizadas informações pontuais que reforçam a imagem ilustrativa da matéria como tradicionalmente reza o início de uma matéria jornalística – *Os moradores do bairro Guabiraba, na Zona Norte de Recife, interditaram, no início da noite desta sexta-feira (15), os dois sentidos da BR-101, na altura da Macaxeira.*

Significação:

O enunciado discursivo informativo contextualiza a situação em destaque, fica explícito a relação do uso do material colhido por meio do aplicativo e seus usuários pela imagem e crédito que a acompanha. Mais uma vez, fica subentendido a relação entre os dois meios e a aceitação dos usuários do ComuniQ desta participação. Assim como a matéria analisada anteriormente, os dados apresentados no início da notícia trazem uma visão geral do acontecimento, revela um contexto marcado discursivamente pela ordem e pela vontade de verdade do jornalismo, explicitamente quando convoca o leitor a acompanhar sua sequência discursiva, neste momento, sem grandes levantamentos de questões. Importante ressaltarmos o que nos propõe Foucault (1995) sobre a enunciação ou seja, o ato em que se emitem enunciados. Para o autor, este é um evento que não se repete, um mesmo enunciado repetido várias vezes, constituirá, a cada vez, uma enunciação. Como na ação jornalística que aponta para um enunciado direto e de informações precisas,

podemos notar a materialidade do enunciado e como tal, compreende regularidades significativas na determinação do sentido do discurso.

2º Enunciado

De acordo com a Polícia Rodoviária Federal (PRF), o grupo protestava contra a falta de água no local. Devido à manifestação, o trânsito ficou complicado na rodovia. A via foi liberada por volta das 18h50.

Significação:

O discurso jornalístico enfatiza a versão oficial, apresenta um enunciado aparentemente simples, mas permeados de sentido. É possível localizar neste dito, nuances de um interdiscurso acionado pela memória de conflitos e pelos seus movimentos de sentido. O uso de expressões como - *o grupo protestava contra a falta de água no local. Devido à manifestação, o trânsito ficou complicado na rodovia* – pode desencadear efeitos de sentido diversos e considerando os deslocamentos de memória entre esses efeitos, pode-se emanar uma carga de negatividade, uma vez que, além da objetividade, valor notícia fundamental ao jornalismo, o uso de expressões como estas – *o grupo protestava / falta de água / manifestação / transito ficou complicado* - subentende-se de imediato, situações de sofrimento tanto pela escassez de água como por conflitos coletivos para conseguir tal bem, além das marcas das desigualdades sociais.

O encerramento do enunciado torna-se inapropriado quando informa - *A via foi liberada por volta das 18h50* – embora a tentativa tenha sido de transparecer uma sensação de conclusão do “caos” para os leitores, mas torna-se incongruente quando vimos que no início da matéria publicada no portal (Figura 17) informa-se que a notícia foi cadastrada e foi disponibilizada online, às 17h53. Pelo dito no corpo do texto a este respeito, supomos que foi antecipada uma informação sem créditos da fonte de informação.

3º Enunciado

“A Companhia Pernambucana de Saneamento (Compesa) informou ao JC Trânsito que um estouramento (sic) em uma das tubulações causou um prejuízo ao abastecimento de água na região, que funciona em forma de rodízio: um dia com água e três dias sem. Ainda de acordo com a companhia, o concerto do vazamento foi realizado nesta semana e a normalização do abastecimento vai depender do calendário de cada rua.”

(Este enunciado é precedido pelo vídeo que mostra a manifestação com pneus pegando fogo, obstruindo a BR- 101, compartilhado pelo usuário Carlos Soares via ComuniQ).

Significação:

A postura deste dito evidencia inicialmente a fala oficial da empresa que seria considerada responsável pelo abastecimento de água de tal localidade em questão. Marca o funcionamento automático do poder a serviço da regularidade discursiva sendo apresentada em tom oficial. A tonalidade do discurso jornalístico resulta da construção de um efeito de verdade ao que é dito e de transparência dos reais motivos que marcam as imagens sérias de um acontecimento, figurado por labaredas de fogo em protesto.

Neste caso, o enunciador assume uma postura de distanciamento do fato, mais precisamente, como ponte entre a informação e o leitor, deixando claro no discurso que o processo de construção da notícia envolve condições de produção e são essas condições que moldam os enunciados através do discurso jornalístico. No entanto, não existe destaque para a voz de nenhum manifestante na notícia e o sujeito do discurso isenta a empresa - *Companhia Pernambucana de Saneamento (Compesa)* – de qualquer relação com a sua fonte de informação, seja ela considerada inicial ou ilustrativa, mas de qualquer forma, extremamente relacionada à notícia.

Quando o dito sobre o abastecimento de água na região - *que funciona em forma de rodízio: um dia com água e três dias sem* – o não dito, aquilo que o leitor subentende, literalmente delinea os conflitos gerados por uma situação de insegurança e descaso, em que observamos pela superficialidade da fala, a busca pela conformidade por meio do discurso.

No enunciado - *Ainda de acordo com a companhia, o concerto do vazamento foi realizado nesta semana e a normalização do abastecimento vai depender do calendário de cada rua* – percebemos que o portal não amplia a discussão sobre os problemas que estão acontecendo e em mais um momento, uma declaração oficial meramente ilustrativa, deixa transparecer uma imprevisibilidade constante para a população que será atendida dependendo de um calendário para normalização.

4º Enunciado

“A compesa informou ainda que a área é atendida por dois poços, porém um secou. Desta forma, o abastecimento é reforçado pelo reservatório do Alto da Brasileira. Segundo a companhia, na próxima semana um estudo será realizado para buscar alternativas que diminuam os dias de racionamento”.

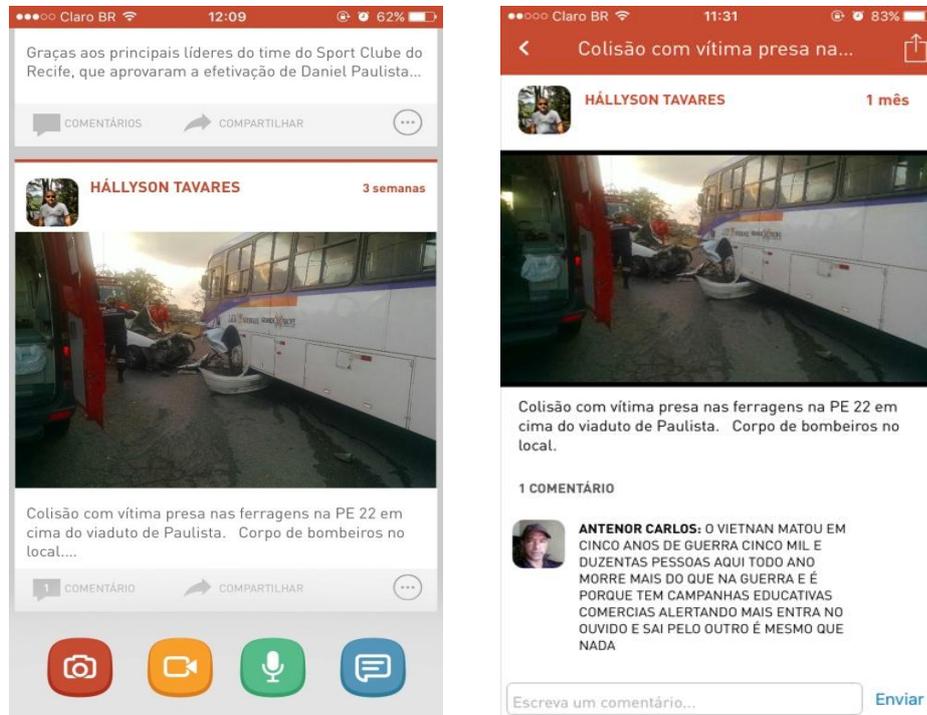
Significação:

Subentende-se tanto pelo tom oficial como pela postura discursiva, em não fazer evidência a voz popular dos manifestantes, que em todo o decorrer da notícia, o enunciador está ciente tanto da linha editorial do portal, quanto da cultura organizacional das instituições que servem como fontes de declaração oficial. Percebemos o que pode e o que não pode ser dito para que não se conduza um discurso que possa inflamar outros protestos. Quando o enunciado, ao final da notícia, traz o dito – *A compesa informou ainda que a área é atendida por dois poços, porém um secou* – mesmo com o complemento da frase - *desta forma, o abastecimento é reforçado pelo reservatório do Alto da Brasileira* – observamos no dito, a busca pela conformidade do discurso numa tentativa de certo ‘assujeitamento’ do indivíduo, pela busca de uma compreensão popular de justiça e controle.

A mesma produção de sentido continua quando o enunciado traz o dito - *segundo a companhia, na próxima semana um estudo será realizado para buscar alternativas que diminuam os dias de racionamento* – vê-se neste momento a tentativa de distanciamento das cargas trazidas pela memória de transtornos, inseguranças e caos e tem-se a tentativa de conclusão da notícia com uma abordagem de fala que utiliza mecanismos estabilizadores por meio de uma declaração oficial que fala em alternativas para diminuir o problema.

4.2.9 Análise sobre a notícia – Colisão entre carro e ônibus deixa homem ferido na paulista

Figuras 30 e 31 - Foto com legenda postada por um usuário no app ComuniQ com descrição do fato e dos locais do acontecimento.



Fonte: Aplicativo ComuniQ (2016).

Figura 32 - Matéria veiculada no site NE 10 com credito da imagem para o usuário do Aplicativo ComuniQ.

Fonte: Portal NE 10 (2016.)

Figura 33 - Continuação da Matéria veiculada no site NE 10 com um box de informações de serviço

noticias.ne10.uol.com.br/jc-transito//noticia/2016/11/06/colisao-entre-carro-e-onibus-deixa-homem-ferido-em-paulista-646461.php

De acordo com informações do Corpo de Bombeiros, que socorreu a vítima da colisão, o homem teve ferimentos na face e suspeita de fratura em uma das pernas. Ele foi levado para o Hospital Miguel Arraes, que fica na mesma cidade da ocorrência.

Serviço

Em caso de acidente, o motorista ou as testemunhas devem entrar em contato com os órgãos de trânsito dos municípios. Na Região Metropolitana do Recife, os principais telefones são:

Locais	Telefone
Recife	0800.081.1078
Olinda	(81) 3305.1021
Jaboatão	0800.281.2099
Cabo	(81) 3521.6763
Paulista	(81) 98181.2070
Camaragibe	(81) 3458.2983
BRs	191
PEs	190
Quando há vítimas	192 e 193

PALAVRAS-CHAVE:
acidente paulista jc trânsito pe 22

Right sidebar content includes: Nike shoes (Feminino, R\$5319,90, COMPRAR), lidas, a list of 5 news items, and advertisements for Tamandaré Fest 2017 and Réveillon Maraca Style.

Fonte: Portal NE 10 (2016).

4.2.10 O dito no enunciado que acompanham as fotos no aplicativo ComuniQ

Texto legenda na imagem postada por Hállyson Tavares:

Colisão com vítima presa nas ferragens na PE 22 em cima do viaduto de Paulista. Corpo de bombeiros no local.

Texto do comentário de Antenor Carlos que acompanha a postagem:

O Vietnam matou em cinco anos de guerra cinco mil e duzentas pessoas. Aqui todo ano morre mais do que na guerra e é porque tem campanhas educativas, comerciais alertando mais entra no ouvido e sai pelo outro é o mesmo que nada.

4.2.11 O dito no enunciado no Portal NE10

Colisão entre carro e ônibus deixa homem ferido na paulista

Um carro colidiu com um ônibus na manhã deste domingo (6) no viaduto da PE-22, no município de Paulista, Região Metropolitana do Recife. A vítima, de aproximadamente 30 anos, ficou presa nas ferragens do veículo.

De acordo com informações do Corpo de Bombeiros, que socorreu a vítima da colisão, o homem teve ferimentos na face e suspeita de fratura em uma das pernas. Ele foi levado para o Hospital Miguel Arraes, que fica na mesma cidade da ocorrência.

SERVIÇO: Em caso de acidente, o motorista ou as testemunhas devem entrar em contato com os órgãos de trânsito dos municípios. Na Região Metropolitana do Recife, os principais telefones são:

(Entra Box com telefones informativos, conforme a Figura 22).

4.2.12 Análise do terceiro recorte

1º enunciado

Um carro colidiu com um ônibus na manhã deste domingo (6) no viaduto da PE-22, no município de Paulista, Região Metropolitana do Recife. A vítima, de aproximadamente 30 anos, ficou presa nas ferragens do veículo.

Significação:

Percebemos no formato tradicional de *lead* jornalístico em mais esta matéria analisada que ao selecionar determinado conteúdo no aplicativo ComuniQ, para que venha ocupar um lugar de destaque no portal, os responsáveis pela formação discursiva recorrem aos mecanismos de seleção e controle que os enquadra no modelo de formação discursiva própria da linha editorial do sistema de comunicação. É o caso de considerarmos os direcionamentos sugeridos na continuação da notícia para entrarem na ordem como estratégia de efeitos de sentido.

2º enunciado

De acordo com informações do Corpo de Bombeiros, que socorreu a vítima da colisão, o homem teve ferimentos na face e suspeita de fratura em uma das pernas. Ele foi levado para o Hospital Miguel Arraes, que fica na mesma cidade da ocorrência.

Significação:

O enunciado acima, mais uma vez recorrendo a fontes oficiais de depoimentos sobre o caso, ilustram mecanismos de controle e seleção daquilo que pode ou não pode ser publicado pelo Portal, considerando sempre a linha editorial e o interesse da empresa. O

enunciado vincula a correta ação do corpo de bombeiros, quando enfatiza com pausa, entre vírgulas - *que socorreu a vítima da colisão* – e legitima a sua fala por meio do enunciado que ilustra claramente os procedimentos pelos quais passou a construção da notícia, deste a fonte da informação até a apuração dos seus desdobramentos - *o homem teve ferimentos na face e suspeita de fratura em uma das pernas. Ele foi levado para o Hospital Miguel Arraes, que fica na mesma cidade da ocorrência.*

Ao final do enunciado, percebemos que há uma preocupação em evidenciar o apagamento da carga negativa causada pela notícia, que envolve uma vítima, dando a satisfação sobre a sequência dos ocorridos. Há, de certo modo, efeitos de sentido construídos na relação de poder, de quem fala e de saber, para com aqueles que passam a ter o conhecimento, mesmo este sendo moldado por interesses institucionais.

3º enunciado

SERVIÇO: Em caso de acidente, o motorista ou as testemunhas devem entrar em contato com os órgãos de trânsito dos municípios. Na Região Metropolitana do Recife, os principais telefones são:

(Entra Box com telefones informativos, conforme a Figura 22).

Significação:

Segundo Foucault (1979) os mecanismos estabilizadores da trama social disciplinam os sujeitos por meio da articulação entre poder e saber. No encerramento da matéria o repórter acresce a notícia, um Box informações com dados de serviços e orientações para casos de acidentes semelhantes. Com uma divisão ilustrativa clara no portal (Figura 22) o Box Serviço, rompe definitivamente com o caráter noticioso da publicação e passa a um cenário de utilidade pública com o enunciado - *Em caso de acidente, o motorista ou as testemunhas devem entrar em contato com os órgãos de trânsito dos municípios. Na Região Metropolitana do Recife, os principais telefones são:- ... segue lista dos principais telefones que podem auxiliar em ocorrências com ou sem vítimas.* Pelo enunciado compreendemos uma tentativa clara de comprometimento com a linha editorial do Portal que recorre a expressões de caráter oficial na tentativa de manter um diálogo de confiabilidade com o público.

4º enunciado (o comentário no app)

O Vietnam matou em cinco anos de guerra cinco mil e duzentas pessoas. Aqui todo ano morre mais do que na guerra e é porque tem campanhas educativas, comerciais alertando mais entra no ouvido e sai pelo outro é o mesmo que nada.

Embora Foucault (1979) defenda a existência de micropoderes que impedem os indivíduos de escapar das tramas do poder, ele dá espaço para a liberdade dos indivíduos. Percebemos a clara relação deste pensamento com a participação e tom audacioso do comentário em questão. Vimos pelo espaço disponível no aplicativo que grupos e indivíduos podem tentar operar transformações nas situações que os desagradam e expor suas visões de mundo, assim como debater e compartilhar em suas redes sociais. No entanto, o que se constata neste exemplo do aproveitamento de uma colaboração no Aplicativo ComuniQ para o Portal NE 10, é a pouca expressão de vozes múltiplas, como por exemplo a destacada neste comentário.

Supomos que se tenta perpetuar no Portal, enunciados que trazem discursos conformados com as regras de poder e controle. Percebemos, que mesmo com a manifestação de um segundo usuário do *app*, extra aquele que postou as imagens, a ordem não foi alterada, não existiu uma problematização da questão abordando outros olhares, inclusive abordagens de viés popular. Assim, permaneceu uma dita superficialidade no cuidado com o percurso da informação até se transformar em notícia e conseqüentemente, a superficialidade com que são tratados os atores primários deste processo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente análise sobre o discurso jornalístico, a partir da interpretação dos métodos propostos por Michel Foucault, em que o discurso é compreendido como forma de saber, determinado por uma regularidade que também produz poder, teve como intuito fornecer um panorama inicial para a discussão sobre como estão se dando as estratégias discursivas com o uso da informação colaborativa que parte do público.

No decorrer da pesquisa nos dedicamos a entender os dois métodos Foucaultianos para a análise do discurso: a arqueologia e a genealogia. Compreendemos que na arqueologia, o discurso é determinado por uma regularidade que permite com que algo apareça como verdadeiro. Foucault busca compreender o discurso pela análise do saber, pois para ele não há saber sem uma prática discursiva definida.

Já na genealogia, a análise do discurso toma um caráter político, a preocupação do autor é mostrar que o discurso manifesta e produz poder. Neste sentido, e com foco nesta análise específica, nos dedicamos a compreender o sentido que emana das interações do público a partir de reflexões complementares trazidas também pelos conceitos de cibercultura, sociedade em rede e cultura participativa.

Utilizam-se esta tríade conceitual para nos auxiliar na análise empírica por meio das interações via aplicativo e o desdobramento dos conteúdos até seu efeito discursivo em formato de notícia. Verifica-se, primeiramente, que o fenômeno da participação do público tornou-se, em muitos casos, uma forma de sobrevivência e ampliação da audiência para diversos veículos de comunicação, além da forte adesão do público, cada vez mais conectado e autônomo em suas redes sociais digitais.

Por outro lado, percebe-se que o papel do jornalismo neste contexto, encontra pressões para que seja remodelado e possa se adequar a potencialização da participação do público, a emergência do cidadão conectado e também protagonista na captação de informações, produção de notícias, auxiliados pela expansão das tecnologias móveis e digitais.

O conceito de cibercultura nos fez entender a expressão de uma modernidade que tem a expressão da existência com base em uma mentalidade técnica, surreal, de uma tecnocultura que se enraíza em instituições e também em toda a vida social. A ideia de cultura participativa nos trouxe uma visão dos aspectos culturais do indivíduo convertido a usuário, consumidor e produtor simultâneo de conteúdo, na era da conexão e também da

convergência midiática, era na qual todos podem ser participantes, basta estarem dispostos a isso e dispor dos recursos necessários.

Nossa hipótese de que o Portal NE10 trabalha com a informação colaborativa no intuito de compensar a ausência de coberturas e flagrantes cotidianos, por parte da sua equipe profissional, e o seu discurso jornalístico não consegue inserir a problemática das falas dos usuários do aplicativo no momento da construção do discurso noticioso, foi confirmada, ao passo que mostramos os limites dados a participação da informação colaborativa, assim como a significação construída por meio dos ditos e subentendidos nos enunciados.

O aplicativo ComuniQ, suporte de análise nesta pesquisa, é utilizado como ferramenta de participação em uma espécie de rede social por uma audiência conectada para compartilhar informações, dados, fotos, vídeos e áudios e assim interagir com outras pessoas no próprio aplicativo ou na extensão do mesmo em suas redes sociais.

Os usuários contam também com a possibilidade de terem as suas colaborações amplificadas em veículos de comunicação do Sistema Jornal do Comércio, como no caso do Portal NE10.

Entretanto, o estudo mostrou que é preciso refletir e desmistificar o possível sentimento de participação livre, fala democrática e emancipação do poder da audiência frente à interatividade possibilitada pelos dispositivos digitais móveis em que o aplicativo se instaura.

Nesta relação entre a participação do público no aplicativo e a efetiva presença popular em matérias veiculadas pelo Portal, percebeu-se que a audiência conectada encontrou um vasto ambiente propício à interação, onde podem distribuir conteúdo e opinião com pessoas que compartilham dos mesmos gostos, no entanto, não encontraram semelhante liberdade de fala no Portal NE10 com o uso de seus conteúdos compartilhados.

É certo que essa interação entre o público conectado e os veículos de comunicação tem gerado uma ressignificação do conteúdo por meio da atuação participativa, já que conteúdos gerados pela colaboração de cidadãos comuns, que flagram e denunciam fatos do seu cotidiano em redes digitais, alimentam grandes sistemas de informação, fazem com que essa participação possa ser percebida como um sinal de liberdade frente ao poder e domínio de fala, claramente exercidos pelos tradicionais meios de comunicação ao longo dos anos.

Em resumo, a experiência participativa nas redes digitais tem gerado impressões de liberdade e democracia emancipatória ao público, frente às mídias tradicionais, no entanto, como mostramos no decorrer de nossas análises, o tipo de interação propiciado pelo sistema

que controla a participação, limita sua influencia, primeiramente pelos termos de adesão ao aplicativo colaborativo e também disfarça que a relação colaborativa é permeada pelo controle do veículo e o interesse do sistema comunicacional como um todo, prevalecendo sempre as suas vontades de verdade e a autoridade que lhe é conferida como instituição.

Em outras palavras, sobre vontades de verdade, estas estariam apontadas sobre um suporte e uma distribuição institucional que tende a exercer poder sobre os outros, discursos construídos, uma espécie de pressão e também um poder de coerção.

Sendo assim, elucida-se a questão a qual exige compreensão sobre o controle do público conectado e participativo.

Temos alguns resultados que aponta o modelo atual do Portal NE 10 quando - deixa aparente a posse das informações e rastros deixados pelos usuários do aplicativo; quando formata e lança sobre o público o termo de adesão à participação colaborativa via aplicativo, e deixa entender um controle as publicações, em caso de palavras de baixo calão e expressões consideradas inapropriadas, mas não deixa transparente os limites do processo colaborativo; quando assim, o portal limita a participação do público a modelos pré-determinados no discurso e apenas ressalta o diálogo com o público/fonte com o uso das imagens e vídeos e seus devidos créditos; e ainda quando minimiza a importância de conteúdos distribuídos dentro do *app* como comentários de usuários em diversas postagens, mesmo estas sendo as selecionadas para abastecer o noticiário no portal.

É preciso ter em mente que o discurso de informação é à base da democracia, embora saibamos que desde o início da civilização democrática, a simbologia do poder sempre esteve presente em nossa cultura como algo relacionado à burguesia, ao clero e com o passar dos tempos, a indústria cultural e aos novos modelos de mídia.

Seja como for, na atual era digital, o conceito de poder desenvolvido por Foucault não é algo que se possa possuir, porque não é um bem alienável do qual se possa ter propriedade. Ou seja, percebemos que o poder de manipular o saber não saiu das mãos da indústria cultural e se perpetua nos atuais modelos de mídia, que mesmo quando se apregoa a participação, a interatividade e a liberdade de fala do público, esta realidade nem mostra sinais de um efetivo acontecimento.

Trata-se de abordagens que perpetuam o poder que funciona e se exerce em rede, apenas camuflando realidades com tecnologias ditas participativas e interativas, que por outro lado, cada vez mais monitoram, cercam e rastreiam os nossos movimentos em rede, se

utilizando de estratégias de captação de dados que possibilitam condições ideais para que perpetuação deste poder que funciona, cada vez mais, por meio de nós interligados.

Mas, é certo que não pode-se negar a crescente adesão aos meios digitais de participação e colaboração que se caracteriza, principalmente, como uma experiência de processamento, distribuição e geração de conhecimentos e que tem o início do seu ciclo pouco demarcado, mas uma continuidade favorável como fenômeno que nos auxilia no entendimento da atual cultura.

Esperam-se que este trabalho tenha contribuído um pouco para o esclarecimento de que estamos imersos na circulação de um discurso de poder em que utiliza o fenômeno da informação em colaboração agregada ao seu fluxo de mídia e que é inegável que necessitamos nos debruçar, cada vez mais, no entendimento desta cultura conectada em rede e que encoraja uma maior participação e colaboração do público.

Mantemo-nos atentos ao desenvolvimento e a popularização das tecnologias e redes digitais no meio social e certamente a questão da participação da audiência e a forma como o discurso legitima sua importância é um ponto fulcral para que novas discussões e problemáticas possam iluminar perspectivas futuras.

REFERÊNCIAS

- ANSELMINO, Natalia Raimondo. **La Prensa Online y Su Público: Un estudio de los espacios de intervención e participación del lector en Clarín y La Nación.** Buenos Aires: Teseo, 2012.
- BAUER, Martin; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2002.
- BENELLI, SJ. **Goffman e Foucault: semelhanças e diferenças.** In ____: A lógica da internação: instituições totais e disciplinares (des)educativas. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 85-89. SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 30 nov.2016.
- BENETTI, Márcia. **O jornalismo como gênero discursivo.** Galáxia (PUCSP), v. 15, p. 13-28, 2008.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. 2.ed. **Rev.Campinas,** SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo.** Buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 2007.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana.** Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fones, 1994.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação.** 2.ed., Ed. Atlas, 2010.
- DUCROT, Oswald. **O Dizer e o Dito.** Campinas, SP: Pontes, 1987.
- FILHO, Ciro Marcondes. **O Capital da Notícia.** São Paulo: Editora Ática, 1989.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade.** Porto Alegre, 1996. Tese (dout.) Faced/PPGEDU/UFRGS. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000116&pid=S0100-1574200100030000900006&lng=en. Acesso em: 24 nov.2016.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação.** 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300009. Acesso em: 14 nov. 2016.
- FONTANA, Josep. **O materialismo histórico e a crítica do Capitalismo.** In _____. História! Análise do passado e projeto social. Bauru: EDUSC, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987.

_____. **A Arqueologia do Saber**. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREITAS, Antonio Francisco de. **Análise do Discurso Jornalístico: um estudo de caso**. Universidade Federal de Alagoas – UFA. Maceió, maio de 1999. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em: 14 nov.2016.

GALBRAITH, J.Kenneth. **Anatomia do Poder**. 4.ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

GARCÍA-CANCLINI, Nestor. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso e Mídia: a (re)produção de identidades. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v. 4, n. 11, p.11 – 25. Novembro 2007. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaconsumo/article/viewFile/6865/6201>. Acesso em: 29 out.2016.

_____. “Como se fosse a primavera... Michel Foucault, discurso e mídias”. **I Colóquio Internacional Mídia e Discurso na Amazônia**. Outubro de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3uJoxKhWPps>. Acesso em: 29 set.2016.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HJARVARD, Stig. Mídiação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **REVISTA MATRIZES**. 2012, v. 5, p. 53-92.

INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO E ESTATÍSTICA. **Ibope Media Target Group Index**. 2012. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/relacionamento/imprensa/releases/Paginas/No-Brasil-43-dos-internautas-assistem-a-TV-enquanto-navegam.aspx>. Acesso em: 29 set. 2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. Ed. São Paulo: Aleph, 2012.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão: Criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

LEBLER, Cristiane Dall Cortivo. Pressupostos e subentendidos segundo a Teoria da Argumentação na Língua. Gragoatá - **Revista dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras**. Niterói - RJ, n, 40, p.295-316, 1.sem. 2016. Disponível em: <http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/712>. Acesso em: 29 set. 2016.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 7. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

_____. Cidade e Mobilidade: telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Revista MATRIZES – ECA/ USP**, São Paulo, n.1, outubro 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**. São Paulo: PAULUS Editora, 2010.

LOPEZ, Débora Cristina; DITTRICH, Ivo José. **A mídia brasileira e a noção de poder em Foucault**. 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopez-debora-ivo-midia-brasileira-Foucault.pdf>. Acesso em: 29 set. 2016.

LINDEMANN, Cristiane. A potencialização da interação no webjornalismo participativo: um modelo comunicacional democrático? In _____: congresso. Brasileiro de ciências da comunicação, XXX, 2007. Santos. **Anais**. São Paulo: Intercom, 2007.

MACHADO, Roberto. **A ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MARTINO, L.M.S. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; CASSOL, Márcio Borges Fortes. Explorando o conceito de interatividade: definições e taxonomias. **Revista Informática na Educação: Teoria & Prática**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. v.2, n.2 1999. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/6286/3756>. Acesso em: 20 ago. 2016.

PONTE, Cristina. Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. ECompós, Brasília, v. 9, p. 1-21, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2016.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SATO, Silvio Koiti. **Mobilidade, Comunicação e Consumo: Expressões da telefonia celular em Angola, Brasil e Portugal**. Tese. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação – USP. São Paulo, 2015.

SCOLARI, Carlos Augusto. **Hacer Clic**. Hacia una sociosemiótica de las interacciones digitales. 1.ed. Barcelona: Gedisa Editorial, 2004.

SILVA, Fernando Firmino. **Jornalismo móvel**. Salvador: EDUFBA, 2015.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** 2. ed., São Paulo: Loyola, 2005.

SHIRKY, Clay. **A Cultura da Participação.** Criatividade e generosidade no mundo conectado. Nova York: Ed Zahar, 2011.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho:** uma teoria da comunicação linear e em rede. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In_____: **Jornalismo:** questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Veja Ltda, 1993.

TRÄSEL, Marcelo. **A Apuração distribuída como técnica de webjornalismo participativo.** In_____: Produção e Colaboração no Jornalismo Digital. Florianópolis: Insular, 2010.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder.** São Paulo: Contexto, 2008.

VANDRESEN, Daniel Salésio. **O discurso como um elemento de articulação entre a arqueologia e a genealogia em Michel Foucault.** Dissertação de Mestrado em Filosofia – Universidade Estadual do Oeste do Estado do Paraná. 2008. Disponível em: http://tede.unioeste.br/tede/tde_arquivos/5/TDE-2008-08-25T192217Z-259/Publico/Daniel%20Salesio%20Vandresen.pdf. Acesso em: 29 out. 2016.

VEIGA NETO, Alfredo. **Teoria e Método em Michel Foucault (im)possibilidades.** Cadernos de Educação. FaE/PPGE/UFPel. Pelotas [34]: 83 - 94, setembro/dezembro 2009. <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1635>.

ANEXOS

ANEXO A- TERMO DE ADESÃO AO COMUNIQ

Disponível em: http://54.232.211.2/TERMO_DE_ADESAO_COMUNIQ.htm.

O PRESENTE TERMO DE ADESÃO AO COMUNIQ REGULAMENTA O ACESSO, UTILIZAÇÃO, DIVULGAÇÃO DE DADOS E RELACIONAMENTO ENTRE O ADERENTE E O COMUNIQ, DORAVANTE DENOMINADO DE EMPRESA, COMUNIQ OU SISTEMA JORNAL DO COMMERCIO DE COMUNICAÇÃO.

A UTILIZAÇÃO DO COMUNIQ PRESUME A EXPRESSA A ACEITAÇÃO PLENA E SEM RESERVAS DO PRESENTE TERMO DE ADESÃO, SENDO CERTO QUE, NO SENTIDO DE PREVENIR E RESGUARDAR DIREITOS E OBRIGAÇÕES, O ADERENTE DECLARA QUE TEVE PLENO E ANTECIPADO CONHECIMENTO DO INTEIRO TEOR DESTES CONTRATOS, COMO TAMBÉM COMPREENDEU PLENAMENTE O SENTIDO E ALCANCE DE CADA UMA DAS SUAS CLÁUSULAS, PELO QUE ENTENDEU ADERIR JUSTA E LIVREMENTE AO PRESENTE TERMO, QUE SE REGERÁ PELAS ESTIPULAÇÕES EM SUCESSIVO.

1 OBJETO

1.1 A ADESÃO AO COMUNIQ, APLICATIVO DE COMPARTILHAMENTO DE MULTIMÍDIA DE PROPRIEDADE DA EDITORA JORNAL DO COMMERCIO S/A PARA INTERATIVIDADE EM FORMA DE TEXTOS, IMAGENS, SONS, VÍDEOS E DEMAIS FORMATOS MULTIMÍDIAS.

2 ADESÃO

2.1 A ADESÃO AO COMUNIQ OCORRE COM O CADASTRAMENTO PELO ADERENTE, ATRAVÉS DO FORNECIMENTO DE NOME E SOBRENOME, IDENTIFICAÇÃO DE GÊNERO, DATA DE NASCIMENTO, E-MAIL, SENHA, FOTO E CPF.

2.2 A REALIZAÇÃO DO CADASTRAMENTO REPRESENTA EXPRESSA ACEITAÇÃO PLENA E SEM RESERVAS DO PRESENTE TERMO DE ADESÃO, SENDO CERTO QUE, NO SENTIDO DE PREVENIR E RESGUARDAR DIREITOS E OBRIGAÇÕES, O ADERENTE DECLARA QUE TEVE PLENO E ANTECIPADO CONHECIMENTO DO INTEIRO TEOR DESTES CONTRATOS, DO CÓDIGO DE ÉTICA, DA POLÍTICA DE PRIVACIDADE DO COMUNIQ, QUE ACOMPANHA ESTE INSTRUMENTO, BEM COMO QUE TAMBÉM COMPREENDEU PLENAMENTE O SENTIDO E ALCANCE DE CADA UMA DAS SUAS CLÁUSULAS.

2.3 A ADESÃO IMPLICA EM CESSÃO NÃO ONEROSA, POR PRAZO INDETERMINADO, DE TODOS OS DIREITOS, PATRIMONIAIS E AUTORAIS, À EDITORA JORNAL DO COMMERCIO S/A DE TODO O MATERIAL DISPONIBILIZADO PELO USUÁRIO, POR QUALQUER MEIO E A QUALQUER TEMPO, DENTRO OU FORA DO TERRITÓRIO NACIONAL.

2.4 A DISPONIBILIZAÇÃO DO MATERIAL PELO USUÁRIO SERÁ GRATUITA, NADA PODENDO SER COBRADO À EDITORA JORNAL DO COMMERCIO S/A A TÍTULO DE CONTRAPARTIDA OU REMUNERAÇÃO.

3 DISPONIBILIZAÇÃO DE MATERIAL

3.1 A DISPONIBILIZAÇÃO DO MATERIAL PELO USUÁRIO IMPLICA EM DECLARAÇÃO DE VERACIDADE E AUTENTICIDADE DO MATERIAL ENCAMINHADO, BEM COMO DE QUE SE CONSTITUI O USUÁRIO EM SEU ÚNICO E EXCLUSIVO RESPONSÁVEL, NÃO TENDO A EDITORA JORNAL DO COMMERCIO S/A QUALQUER RESPONSABILIDADE OU CONTROLE SOBRE O MESMO E OBRIGA O USUÁRIO A ISENTAR A EDITORA JORNAL DO COMMERCIO S/A, CASO VENHA ESTA A SER CHAMADA A RESPONDER JUDICIAL OU EXTRAJUDICIALMENTE, PELA PRÁTICA DE ATOS ILÍCITOS PELA VEICULAÇÃO, QUALQUER SEJA A SUA FORMA, COMPETINDO AO USUÁRIO REQUERER A EXCLUSÃO DA MESMA EDITORA DO PROCESSO, SE FOR O CASO, ASSIM COMO A INDENIZÁ-LA POR QUAISQUER DESPESAS QUE ESTA VENHA A INCORRER, TAIS COMO INDENIZAÇÕES, CUSTAS JUDICIAIS, HONORÁRIOS ADVOCATÍCIOS, E PERDAS E DANOS.

3.3 A EDITORA JORNAL DO COMMERCIO S/A, EM NENHUMA HIPÓTESE, PODERÁ SER RESPONSABILIZADA PELO USUÁRIO NA EVENTUALIDADE DE INVASÃO POR TERCEIROS NO SEU SISTEMA DE DADOS QUE VENHA A MODIFICAR O CONTEÚDO DO MATERIAL ENCAMINHADO PELO USUÁRIO.

3.4 CONSTITUI RESPONSABILIDADE ÚNICA E EXCLUSIVA DO USUÁRIO EVENTUAIS DANOS DECORRENTES DA NÃO VERACIDADE DO MATERIAL ENCAMINHADO, SENDO AINDA O USUÁRIO RESPONSÁVEL PELA AUTENTICIDADE DO QUE VIER A ENCAMINHAR.

4 VEICULAÇÃO

4.1 A VEICULAÇÃO PODERÁ SER REALIZADA POR QUALQUER MEIO OU TECNOLOGIA, SEJA IMPRESSO, ELETRÔNICO ETC.

4.2 COMPETE À EDITORA JORNAL DO COMMERCIO S/A A DECISÃO SOBRE A VEICULAÇÃO DO MATERIAL ENCAMINHADO PELO USUÁRIO, COMPETINDO-LHE TAMBÉM, A SEU EXCLUSIVO CRITÉRIO, REALIZAR A SUA EDIÇÃO SE PARA TANTO JULGAR NECESSÁRIA.

4.3 EM TODO MATERIAL VEICULADO SERÁ ATRIBUÍDO O CRÉDITO DE AUTORIA EM FAVOR DO USUÁRIO.

4.4 PODERÁ O COMUNIQ EDITAR O MATERIAL ENCAMINHADO, A SEU EXCLUSIVO CRITÉRIO, CASO JULGUE NECESSÁRIO, HIPÓTESE EM QUE MANTERÁ O CRÉDITO DE AUTORIA EM RELAÇÃO AO CONTEÚDO EDITADO.

4.5 AO ENCAMINHAR O MATERIAL, O USUÁRIO ESTARÁ AUTOMATICAMENTE CEDENDO E TRANSFERINDO AO COMUNIQ, INTEGRALMENTE E A TÍTULO GRATUITO, PARA UTILIZAÇÃO E/OU COMERCIALIZAÇÃO, POR QUALQUER

MEIO E A QUALQUER TEMPO, DENTRO OU FORA DO TERRITÓRIO NACIONAL, TODOS OS DIREITOS QUE DETINHA SOBRE O MATERIAL CEDIDO.

4.6 O USUÁRIO ASSUME, EM CARÁTER IRREVOGÁVEL E IRRETRATÁVEL, O COMPROMISSO DE SOMENTE ENCAMINHAR AO COMUNIQ MATERIAL PRODUZIDO DE ACORDO COM AS DISPOSIÇÕES LEGAIS APLICÁVEIS, SEM QUALQUER VEDAÇÃO DE UTILIZAÇÃO POR CONTA DE DIREITOS DE TERCEIROS, DE QUALQUER NATUREZA, ISENTANDO O USUÁRIO O COMUNIQ DE TODA E QUALQUER RESPONSABILIDADE PARA COM QUALQUER VIOLAÇÃO DE DIREITOS REFERENTES AO MATERIAL ENCAMINHADO, ASSUMINDO AINDA O COMPROMISSO DE COLABORAR COM QUAISQUER PROCESSOS JUDICIAIS OU ADMINISTRATIVOS QUE VENHA A SURGIR EM DECORRÊNCIA DA VEICULAÇÃO DO MATERIAL POR ELE ENCAMINHADO E OBRIGANDO-SE, AINDA, A ACEITAR DENUNCIAÇÃO DA LIDE CASO O COMUNIQ OU QUALQUER EMPRESA DO SISTEMA JORNAL DO COMMERCIO DE COMUNICAÇÃO VENHA A SOFRER PROCESSO JUDICIAL POR CONTA DO MATERIAL ENCAMINHADO PELO COLABORADOR.

5 CONDIÇÕES GERAIS

5.1 A EDITORA JORNAL DO COMMERCIO S/A RESERVA O DIREITO DE PROMOVER O CANCELAMENTO DE CADASTRO DO USUÁRIO EM CASO DE MÁ CONDUTA OU UTILIZAÇÃO INADEQUADA DA PRESENTE ADESÃO, ASSIM ENTENDIDO QUALQUER FATO QUE, A CRITÉRIO DA EDITORA JORNAL DO COMMERCIO S/A, INFRINJA DISPOSIÇÃO DE LEI OU QUALQUER ATO NORMATIVO APLICÁVEL AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO, OU SEJA, ATENTATÓRIO AOS PRECEITOS ÉTICOS E MORAIS ACEITOS PELA SOCIEDADE.

5.2 A EDITORA JORNAL DO COMMERCIO S/A RESERVA O DIREITO DE ALTERAR, A QUALQUER TEMPO, OS TERMOS DA ADESÃO, ASSIM COMO A CANCELAR A VEICULAÇÃO DE MATERIAL, OU, SUSPENDER OS SERVIÇOS DESENVOLVIDOS A PARTIR DA ADESÃO, INDEPENDENTE DE QUALQUER AVISO AO COLABORADOR, NÃO IMPLICANDO TAIS ATOS EM QUALQUER INFRAÇÃO A ESTE TERMO.

5.3 O NÃO EXERCÍCIO POR QUALQUER DAS PARTES DE QUAISQUER DIREITOS OU FACULDADES QUE LHES SEJAM CONFERIDOS POR ESTE TERMO NÃO IMPORTARÁ EM RENÚNCIA, NOVAÇÃO OU ALTERAÇÃO DO QUE NELE ESTÁ CONTIDO, PODENDO A PARTE, A SEU EXCLUSIVO CRITÉRIO, EXERCÊ-LOS A QUALQUER MOMENTO.

5.4 ESTE TERMO NÃO ACARRETA A CRIAÇÃO DE QUALQUER VÍNCULO TRABALHISTA, SOCIETÁRIO, DE PARCERIA OU ASSOCIATIVO ENTRE O USUÁRIO E A EDITORA JORNAL DO COMMERCIO S/A, SENDO EXCLUÍDAS QUAISQUER PRESUNÇÕES DE SOLIDARIEDADE ENTRE AMBOS NO CUMPRIMENTO DE SUAS OBRIGAÇÕES.

5.5 OS DIREITOS E OBRIGAÇÕES DECORRENTES DESTE TERMO DE ADESÃO PODERÃO SER CEDIDOS PELA EDITORA JORNAL DO COMMERCIO S/A A TERCEIROS, MESMO NÃO INTEGRANTES DO SISTEMA JC DE COMUNICAÇÃO.

6 PRAZO

6.1 O PRESENTE CONTRATO DE ADESÃO ENTRA EM VIGOR QUANDO DO CADASTRAMENTO DO USUÁRIO E VIGORARÁ POR PRAZO INDETERMINADO, SENDO LÍCITO A QUALQUER DAS PARTES SOLICITAR SEU CONCELAMENTO, A QUALQUER TEMPO E MEDIANTE SIMPLES COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA.

7 FORO

7.1 FICA ELEITO O FORO DA COMARCA DO RECIFE, CAPITAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO, PARA DIRIMIR QUAISQUER QUESTÕES ORIUNDAS DESTE CONTRATO, RENUNCIANDO AS PARTES A QUALQUER OUTRO, POR MAIS PRIVILEGIADO QUE SEJA, INCLUSIVE O DO DOMICÍLIO ATUAL OU FUTURO DAS PARTES.

ANEXO B- CÓDIGO DE ÉTICA DO USUÁRIO COMUNIQ

1. O USUÁRIO NÃO ESPALHA FALSA INFORMAÇÃO. ELE NÃO COMENTA ARTIGOS/MATÉRIAS BASEADOS EM SUPOSIÇÕES INFUNDADAS OU HIPÓTESES.
2. O USUÁRIO NÃO USA LINGUAGEM ABUSIVA, VULGAR OU OFENSIVA, NEM SE UTILIZA DO VEÍCULO PARA ATAQUES PESSOAIS.
3. O USUÁRIO NÃO FERRE A REPUTAÇÃO DE TERCEIROS ATRAVÉS DE TEXTOS, FOTOS OU MATERIAL MULTIMÍDIA QUE INFRINJAM O DIREITO À PRIVACIDADE PESSOAL.
4. O USUÁRIO USA MÉTODOS LEGÍTIMOS PARA COMENTAR INFORMAÇÕES E INFORMA CLARAMENTE SUAS FONTES.